MEMORANDO

eduardo haak

MEMORANDO

(Ensaio autobiográfico)

Eduardo Haak

2018

(Versão revista e ampliada, 2020)

ÍNDICE

ANOS 1970 5
1 5
2 7
3 8
4 13
5 15
6 17
7 17
ANOS 1980 27
1 27
2 30
3 34
4 36
5 41
6 43
7 47
8 49
9 51
ANOS 1990 53
1 53
2 56
3 57
4 59
5 61
FESTAS 64
FOTOGRAFIA 65
8 66
9 68
ANOS 2000 70
1 70

2 71
3 76
4 77
DESODORANTES 80
MÚSICA 81
7 82
8 84
ANOS 2010 86
1 (ou melhor, 0) 86
1 88
2 92
3 94
4 97
5 100
6 102
7 105
8 108
9 114
DEZEMBRO DE 1980 121
SOBRE O AUTOR 135

ANOS 1970

1

LEIO na tela do computador um texto a meu respeito. Fui eu que o escrevi. Nele eu falo o que sei sobre minha genealogia, além de enumerar algumas de minhas primeiras lembranças. Digo que não sou muito diferente de qualquer sujeito nascido em São Paulo, no início da década de 1970, num meio social que pode ser chamado de classe média. Que pertenço à terceira geração nascida no Brasil de imigrantes alemães e italianos, estabelecidos originalmente em Joinville, Santos, São Paulo e Sertãozinho (região de Ribeirão Preto). Que o único ramo de minha árvore genealógica que conheço detalhadamente é o da minha bisavó Clara, que recua até um antepassado chamado Martin Schubert, nascido em 1621 e falecido em 1691, em Osterode am Harz, Baixa Saxônia, Alemanha. Que, dos meus outros sete bisavós, há outro alemão, o marido da Clara, Max Johannes Martin Haak, nascido em Hamburgo, em 1890. Que os seis restantes são todos italianos originários da Sicília, Calábria, Vêneto e Campânia, especificamente Torre Annunziata, vilarejo próximo a Nápoles, donde vem o Miranda do meu nome. (Meu nome de batismo é Carlos Eduardo Miranda. Adotei o Haak, sobrenome da minha mãe, quando já era adulto.) Digo que um grande percentual dos habitantes desse vilarejo, Torre Annunziata, tem esse sobrenome, Miranda, originariamente ibérico e cristão-novo. Que a explicação para esse monte de Mirandas por lá talvez seja: Nápoles antes da unificação da Itália pertencia ao Reino das Duas Sicílias, governado pelos Bourbons, espanhóis. Digo que sou, portanto, 75% italiano, 25% alemão, brasileiro, paulistano, definições genéricas que, apesar de tolas, não deixam de ter um certo fascínio.

Digo que Leopold Szondi, o psiquiatra húngaro, não diria que essas coisas são tolas. Que Szondi, em suas pesquisas, descobriu a existência de algo que ele chamou de carma familiar. Que, no carma familiar, o fracasso existencial de nossos antepassados (Schuberts, Haaks, Mirandas, Pelás, Scarpinis) de alguma forma atua em nosso inconsciente, criando um destino compulsório via traumas, inibições e psicopatologias com as quais temos de lidar. Que muitas de nossas pulsões, segundo Szondi, na verdade são pretensões de nossos antepassados, querendo se realizar através de nós.

Digo nesse texto, em que esboço uma espécie de autobiografia, que nasci a 09 de fevereiro de 1971, às 14h25, no Hospital Beneficência Portuguesa, São Paulo, com oito meses de gestação. Que nesse dia houve um incêndio na fábrica da Volkswagen em São Bernardo do Campo; que os astronautas da Apolo 14 voltaram à Terra depois de uma alunissagem bem-sucedida, ao contrário do que aconteceu na missão Apolo anterior; e que o exército sul-vietnamita invadiu o Laos, na Guerra do Vietnã. Digo que minhas primeiras lembranças são de quando eu tinha dois anos – eu dirigindo um jipe de latão que havia ganhado de aniversário, ligando seus faróis, tudo isso no corredor do pequeno apartamento onde morávamos, na Rua Iguatemi, 335, Itaim Bibi. Em seguida, menciono a lembrança do nascimento do meu irmão André – eu e nossa empregada, a Valda, no elevador do Hospital Albert Einstein, tocando vários botões do painel. Depois, me vejo pulando na cama do quarto onde minha mãe estava, apertando várias vezes o botão que acendia a luz para chamar a enfermeira e, por fim, derrubando um copo de suco de laranja.

Menciono meu primeiro pavor irracional, que irrompeu mais ou menos nessa época, 1973: pavor de cascas de ovo quebradas. Digo que aquelas formas pontiagudas me faziam pensar nos dentes de um monstro que, eu tinha certeza, pretendia me estraçalhar (no mínimo estraçalhar meus dedos). Digo que a Valda – que veio a ser meu primeiro herói picaresco, alguém que sempre me ofereceu alívio cômico ante as situações opressivas com que comecei a me deparar desde cedo, especialmente aquelas que se passavam apenas dentro de mim –, digo que a Valda uma vez colocou cascas de ovo quebradas dentro de um pano e me disse que era um presente; que abri o pano, meio desconfiado, e, quando vi do que se tratava, arremessei-o longe, tomado de pavor.

Menciono, também, o que afirmo ser uma lembrança incerta que às vezes me ocorre, incerta porque anterior a essas de quando eu tinha dois anos: estou numa festa, na casa de um amigo do meu pai, no Morumbi, e cai uma chuva forte; então vejo uma menina, que engatinha como eu. Digo que sinto uma emoção bastante forte relacionada a ela (“acho que sou correspondido, já que ela passa a dar atenção exclusivamente a mim”), então vamos para debaixo de um sofá e tento expressar essa emoção (“que hoje eu diria, sem medo de errar, que era uma emoção erótica”) me lançando sobre seu corpo. Digo que a menina se desequilibra, cai e começa a chorar, então os adultos vêm apartar o que eles interpretaram como sendo uma briga de bebês (ou pior, uma agressão minha cometida contra uma linda menininha com lacinho no cabelo e só dois dentinhos na mandíbula inferior). Digo que essa lembrança me parece fundamental,

pois foi a primeira vez em que me percebi encantado com a graça feminina.

2

DIGO, nesse texto ao qual dei o título provisório de Memorando, que a qualidade de minhas memórias e vivências psíquicas deram um grande salto na passagem dos dois para os três anos. Que minhas lembranças, a partir de 1974, são mais enredadas e contínuas. Que meus primeiros sonhos impressionantes aconteceram com essa idade. Menciono a sequência de sonhos da motocicleta, em que eu sempre estava dirigindo uma moto e a emoção que eu experimentava com isso chegava a tal ponto que eu sempre acabava urinando nas calças. Menciono também que eu de fato andei de moto pela primeira vez aos três anos, que meu tio havia comprado uma Honda CG-125 e que uma vez me levou para dar uma volta no quarteirão.

Depois falo sobre um sonho que defino como mais enigmático e misterioso. Nesse sonho eu me via em frente às ruínas de uma pequena igreja medieval, construída em pedra. Digo que as emoções que eu experimentava no sonho eram complexas, complexas demais para uma criança de três anos (nostalgia, melancolia, etc.), como se o sonho estivesse me mostrando alguma reminiscência de uma vida anterior. Digo que esse sonho talvez tenha sido desencadeado pela inexplicável angústia que eu sentia quando via umas janelas em forma ogival e ornamentação gótica que existiam na vitrine de uma loja no Shopping Iguatemi, a Santa Marinella.

Digo também que foi com três anos que tive o primeiro sonho com uma criatura que me atormentou e desafiou até os sete anos, uma criatura monstruosa, parecida com o Penadinho, aquele personagem mórbido do Maurício de Sousa. No texto eu identifico a criatura apenas por suas iniciais, B. S. Digo que a primeira vez em que vi o B. S. na verdade não foi num sonho – digo que uma vez acordei no meio da noite (ainda dormia no quarto dos meus pais) e quis pegar um brinquedo, uma metralhadora, que estava debaixo do berço. E que, quando me debrucei e olhei para lá, a criatura me escancarou seu terrível sorriso.

Menciono outras lembranças de 1974: eu vendo Vila Sésamo numa velha televisão, da marca ABC; meu ingresso na escola, uma escolinha na Rua Cajaíba chamada Externato Meu Xodó; um passeio noturno num carro que meu pai havia comprado, um Dodge 1800 SE, amarelo. Digo me

lembrar de não ter me dado conta do aspecto trágico do incêndio do Edifício Joelma – afirmo ter achado aquilo tudo, no fundo, excitante e espetacular. Digo, também, que até uns dez anos de idade em todo mês de fevereiro – todos os grandes incêndios de São Paulo, por uma coincidência sinistra, aconteceram em fevereiro – eu desejava secretamente que acontecesse um novo espetáculo como aquele.

Digo também que fiquei fascinado com a implosão do Edifício Mendes Caldeira, na Praça da Sé, e que tive um sonho em que um colega da escola espremia com a mão um bolo feito no formato do prédio, dizendo incessantemente, esse é o prédio que caiu, esse é o prédio que caiu, esse é o prédio que caiu. (Menciono uma propaganda de uma ferramenta chamada Bate-Prego, que usou a imagem da implosão do Mendes Caldeira.) Falo sobre o clima opressivo causado pelo surto de meningite em São Paulo, das vacinações no meio da rua, etc. Menciono uma inflamação genital que tive, que eu ficava com um balde amarelo ao lado da cama, tentando urinar. Digo não ter lembranças precisas da doença (broncopneumonia) e internação do meu irmão André, nem de quando meus avós (pais da minha mãe) foram morar conosco. Digo que, na minha memória, meu irmão André já aparece recuperado, em casa, furioso e cheio de robustez.

3

AFIRMO saber, nesse texto chamado Memorando, quando e como tomei consciência do mundo pelo olfato – ou, dizendo de modo mais direto, menciono o primeiro odor que me deslumbrou: o cheiro de óleo de amêndoas que havia nos corredores do prédio de três andares onde morei entre 1973 e 1975, na Rua Caraíbas, Pompeia.

Digo, também, que algumas dessas minhas primeiras lembranças são absolutamente bizarras. Digo lembrar-me, por exemplo, que até os três anos eventualmente eu conseguia enxergar através de minhas mãos. Digo que às vezes minhas mãos me apareciam vazadas por uma forma perfeitamente circular que ocupava praticamente a palma inteira, como se eu fosse uma daquelas concepções pictóricas do Salvador Dalí, especificamente aquela em que ele retrata Cristo no ventre da Virgem, flutuando num espaço vazado (ou, dizendo de maneira poética, shakespeariana: como se meu corpo fosse feito da mesma matéria de que são feitos os sonhos). Falo sobre a estátua de um anjo que havia na igreja Nossa Senhora da Pompeia (ao lado do Hospital São Camilo, igreja onde

fui batizado). Digo que ela me enchia de pavor – que eu a achava imensa e que ela parecia ir crescendo cada vez mais à medida que meu medo aumentava. Digo que uma vez eu vi que a estátua olhou diretamente para mim, com um olhar severo e ameaçador.

Conto detalhadamente os sonhos que tive com o monstro B. S., entre 1974 e 1978. Eis a transcrição literal dos sonhos:

"O primeiro sonho (e apenas sonho) que tive com o B. S. ocorreu em 1974: estou na sala do apartamento da Rua Caraíbas, que está iluminada apenas pela televisão. Meu pai está recostado no sofá, fumando um cigarro. Eu brinco com uma lanterna e, quando passo pelo corredor, evito olhar para o fundo dele. Sei que não posso gritar – se eu fizer isso, a coisa que está no quarto virá me buscar e tentará me arrastar para lá. Ao mesmo tempo em que sei que não posso gritar, sinto uma forte tentação de fazer isso – o que, é claro, acabo fazendo. Imediatamente após soltar o grito, corro até meu pai em busca de proteção, contudo sou repelido por ele. Sei que a criatura está vindo, conheço seu barulho, um barulho de pulsação cardíaca, tum, tum, tum, tum. Ela chega à sala e não tenho força para reagir; sou arrastado para o quarto escuro, onde a criatura fica me fazendo suas caretas apavorantes."

"No segundo sonho, ocorrido em 1975, o cenário é a casa para onde havíamos mudado, na Alfonso Bovero, também na Pompeia: estou de novo com meu pai vendo TV e a luz acaba; ele desce para ver o quadro de força, talvez trocar algum fusível; eu quero descer para ficar com ele, só que ele não deixa; sinto aquela tentação de gritar, mesmo sabendo que isso atrairá B. S.; acabo gritando e ouço B. S. se aproximar; o som de pulsação cardíaca ecoa fortemente pela casa; a cada degrau que ele desce (ele está vindo da parte superior da casa), ouve-se um estrondo; dessa vez ele vem acompanhado de um comparsa, que chamo de Urubu (embora ele seja um avestruz); embora eles tentem, dessa vez não conseguem me arrastar da sala – minhas pernas adquiriram uma firmeza que não tinham no sonho anterior."

"Terceiro sonho, 1976 ou 77: no apartamento para onde nos mudamos, na volta ao Itaim; eu e meu pai, mais uma vez, vendo TV na sala, acho que uma luta de boxe (pergunto a meu pai, "esses caras sem camisa não vão ficar doentes?", já que meus pais sempre dizem para eu botar camisa para não ficar doente; aí meu pai responde, com aquele vago racismo afetuoso tão típico dos italianos, "e esses baita desses negões lá ficam doentes?"); não posso gritar, mas grito; peço que meu pai me proteja, contudo sou

repelido por ele; B. S. e seu comparsa vêm do quarto e me arrastam para lá; o quarto tem uma iluminação estranha: um estrado de cama encostado na parede, tendo por trás, ao nível do chão, uma lâmpada fraca, acho que de 40 W; B. S. começa a tentar me agredir, mas eu revido e passo a socá-lo, com bastante eficiência; então B. S. usa um truque sujo: transforma-se no meu irmão mais novo, João; sinto imenso remorso quando me vejo batendo numa criança menor que eu e paro com os socos; mas vejo, pelo olhar, que aquele menino quase idêntico a meu irmão na verdade não é meu irmão (o olhar me dá a certeza de que estou sendo confrontado por uma potência sobre-humana); nisso ele volta a me agredir, com força descomunal para uma criança daquele tamanho; tenho de reagir – e reajo –, embora atacar alguém usando a imagem do meu irmão me encha de culpa."

"Quarto e último sonho (janeiro de 1978): estou na plateia de um teatro (onde de fato ocorreu minha formatura do pré) e há, no meio das cadeiras, uma larga tubulação feita de um tecido preto, a que uma corrente de ar dá alguma tonicidade e flutuação; o clima é luminoso, solar, matinal; ouço aquele velho barulho, o ruído de pulsação cardíaca, mas não me sinto ameaçado por ele dessa vez; B. S. sai de dentro do pano; me olha, pela primeira vez naqueles anos todos, de maneira amistosa, límpida, sorridente; me diz, 'adeus, amigo'; volta para dentro do pano e desaparece para sempre."

Digo que, por outro lado, paralelamente a esses assédios todos do outro mundo, essas vivências densas, excruciantes, apocalípticas, meu lado humorístico, leve e gaiato começou a se manifestar. Digo que, por algum motivo, meu irmão do meio, quando era bem pequeno, tinha medo daquelas caixas redondas de pizza. E que, apesar de minha mãe sempre tirar a pizza da caixa e a levar para a mesa num utensílio de vidro, eu sempre dava uma escapada para a cozinha e trazia a caixa redonda de volta para a sala, escondida às minhas costas. E que então eu me sentava e começava a olhar para o meu irmão, que não desgrudava os olhos de mim, já desconfiado. Que aí eu ia tirando a caixa vagarosamente de baixo da mesa e que ele, quando via do que se tratava, abria o berreiro.

Digo que eu achava tremendamente engraçado ver meu irmão chorando, não pelo fato em si de ele estar chorando (eu não era sádico a esse ponto), mas porque eu achava que sua boca ficava engraçada quando ele chorava. Digo que eu dizia que ele ficava com boca de Bactrim. Isso significa dizer que eu estabelecia uma analogia entre a forma de sua boca e a forma hexagonal do logotipo do laboratório farmacêutico Roche, fabricante do

Bactrim, um antibiótico. Digo que eu também achava que o rosto do meu irmão se parecia com o rótulo do uísque Old Eight (seus cachinhos para mim eram idênticos aos ornamentos laterais do rótulo dessa bebida). Ah, sim: e que a boca escancarada do meu irmão, além de me lembrar o logotipo da Roche, também me lembrava o formato dos túneis da Rodovia dos Imigrantes. Digo que todas as vezes em que me ocorria uma analogia dessas (analogia entre figuras geométricas e as formas do rosto humano) eu achava tremendamente engraçado.

Digo que outra analogia que estabeleci, nessa época, foi entre a filha de uma empregada de nossa família e o ator Flávio Migliaccio. Digo que essa empregada se chamava Zezinha e que ela era metida a querer ser artista – que eventualmente ela fazia figuração em alguma novela da Rede Tupi e que dizia ser muito amiga dos atores Lima Duarte e Marcos Plonka (o Samuel Bronstein da Escolinha do Professor Raimundo). Digo que sua filha, a Carla Maria, se parecia muito com o Flávio Migliaccio.

Digo que o Arthur da Távola definiu Migliaccio, no livro O Ator, como um grande carente, categoria em que também enquadrou os atores Cláudio Cavalcanti, Augusto Olímpio e Tony Ramos. Afirmo que o Flávio Migliaccio, porém, tem muito mais pronunciado do que esses seus companheiros de infortúnio o elemento bode expiatório, *pharmakós* – "neguinho que nasceu pra se dar mal na vida e que (ponto importante) por algum motivo não inspira nossa piedade". Digo que aprendi a rir de desgraçados, sem sentir qualquer culpa, vendo o Flávio Migliaccio na TV. Então menciono o que digo ser uma intrigante lembrança que supostamente tenho, de um Caso Especial exibido pela Rede Globo em 1975. Digo que essa lembrança provavelmente foi um sonho que eu tive, já que seria improvável que a Globo fosse passar, em 1975, uma coisa tão escatológica: Flávio Migliaccio está numa rançosa repartição pública com o filho, um garoto de uns dez anos; o garoto diz, "pai, tô com dor de barriga"; Flávio diz, "ô, aguenta um pouco aí"; aí o moleque sai correndo e some da vista do Flávio; Flávio procura, procura e acaba achando o garoto, sentado na escada de incêndio, trêmulo de humilhação, com matéria fecal diarreica escorrendo pelas pernas. Digo, concluindo, que o Flávio Migliaccio é o pai do filho cagado sobre quem sempre pensamos: bem feito.

Digo que outra influência sobre meu lado gaiato e humorístico se deu por influência familiar, de uma parte de minha família ligada a meu ramo paterno, "uma turma que pode ser mais ou menos definida pelos substantivos prodigalidade, falta de limites e gênio, embora sem muito

foco". Digo que o patriarca desse ramo, meu tio Gim, era "um químico brilhante que foi encher o bolso de dinheiro no ramo das lavanderias industriais do Brás". Digo que sua casa, na Rua Iguatemi, era povoada por jogadores de futebol e lutadores de telecatch. Digo que eu e meus primos às vezes afastávamos os móveis da sala, amarrávamos uns barbantes neles e imitávamos "aquelas lutas épicas entre Fantomas e King Kong". Digo que foi nesse ambiente dionisíaco, irrestrito, abundante, luxurioso, debochado, glutão, digo que foi nesse ambiente que tive meus primeiros contatos com os palavrões (aos quatro anos: um de meus primos disse, "vai lá na sala e pergunta o que é boceta", e eu fui, ingenuamente achando que era um tipo de bolsa) e com a pornografia (aos seis anos, em 1977, esse mesmo primo me mostrou aquele baralho com fotos de sexo explícito).

Digo que minha relação com primos, nessa época, obedecia mais ou menos ao seguinte esquema: pelo lado da minha mãe meus primos eram ascéticos, sem cáries na boca, bons alunos, limpos, bonitos, disciplinados, uma coisa apolínea mesmo. Digo que eu gostava deles pelas óbvias qualidades que eles tinham. (Digo que, quando estava com eles, de fato me identificava com o lado apolíneo da vida.) Já pelo lado do meu pai, digo que meus primos eram maliciosos, fesceninos, cruéis, engraçados, debochados, afetuosos, maus alunos, cheios de cáries na boca, indisciplinados, anárquicos, livres, sujos, glutões, pródigos, porcos, ligados a futebol e lutas de telecatch, ou seja, que esses primos eram dionisíacos e que eu os adorava justamente por isso.

Menciono outra recordação com o primo que me mostrou o baralho com fotos de orgias, o Boi: digo que num dia de 1974, no apartamento da Rua Caraíbas, 1184, decidimos fazer um buraco na parede para ver a bunda da Valda, nossa empregada (meu primeiro herói picaresco, etc). Pegamos a caixa de ferramentas e ficamos lá, martelando pregos na parede para tirar o reboco. Digo que ver a bunda da Valda não tinha qualquer significado erótico, pois tínhamos apenas três anos. Digo que foi só aos seis que esse primo, o Boi, me mostrou aquele tal baralho e me disse, sabia que é assim que se faz filho? E que foi só aos doze que vi uma revista cuja capa mostrava um careca de smoking sodomizando um porco – o animal – e cujas páginas internas mostravam coisas como coprofagia, pessoas mastigando fezes.

Menciono, então, a lembrança de uma festa desse ramo familiar. Digo que essa festa ocorreu em 1977 – que meu primo mais velho tinha feito aquela operação para corrigir o estreitamento do prepúcio, fimose, e que meu tio

decidiu fazer uma festa para comemorar, celebrar a libertação da glande do primogênito. Enfatizo isso, “sim, a alegação explícita para a realização da festa foi essa, comemorar a operação de fimose do meu primo”. Digo que a festa foi uma daquelas típicas que meu tio fazia, para mais de cinquenta convidados, com sacolas repletas de fogos de artifício (“pólvora suficiente para fazer uma nova Guerra do Ópio”), lutadores de telecatch, futebolistas, homens vestidos de mulher imitando as Chacretes, etc. Então menciono outra festa, parecida com essa, em que meu pai e a madrinha do meu irmão caçula dançaram a esfuziante *Ziriguidum*, da Baby Consuelo. E menciono uma irrupção meio psicótica que sofri numa dessas festas – digo que uma vez eu cismei que a empregada da casa, a Dete, havia sido sugada pelo ralo da pia da cozinha enquanto lavava louça. Digo me lembrar nitidamente de eu olhando para o ralo e vendo, lá dentro, só os dentes brancos dela, e o branco dos olhos, e ela gritando, pedindo que alguém a tirasse dali.

4

DIGO que o primeiro Natal de que me lembro de forma não fragmentária é o de 1977.

Descrevo-o assim: estou em frente à TV, um aparelho Sanyo em cores (distinção importante para a época). Estou em frente à TV porque disseram que vai passar o desenho de Natal da Turma da Mônica. Eu quero e não quero ver o desenho. Quero porque a exibição desse desenho é a única oportunidade anual de ver Mônica, Magali, Cebolinha e Cascão falando e se movimentando. (Digo que o desenho foi lançado ano passado, 1976. E que se trata de uma experiência extraordinária ver a Turma da Mônica assim, com vozes e movimentação.) E não quero ver o desenho porque ele é tremendamente emocionante e eu, aos seis anos, já detesto demonstrar minhas emoções, principalmente na frente dos outros. Sim, apesar de ter nascido numa família de italianos emotivos e chorões, abomino choro em público. Com seis anos, já acho mesmo que é coisa de mulherzinha. (Afirmo que a crença que eu tenho aos seis anos é a de que as mulheres só dizem isso, que homem não chora, por causa de seu íntimo, de seu recôndito ressentimento contra a masculinidade; digo que, aos seis anos, minha crença é a de que, se pudessem, as mulheres transformariam todos os meninos em bichinhas choronas.)

Então começa a passar na TV o desenho de Natal da Turma da Mônica e não consigo não vê-lo. Faço um acordo comigo mesmo: vou conseguir me

controlar. Eu sei qual é a parte mais tocante do desenho – é aquela parte quando as crianças dormem e o Papai Noel desce pela chaminé. Se a tentação de chorar for muito forte, pensarei no presente que estou prestes a ganhar (ainda acredito em Papai Noel aos seis anos?), uma ultraviril metralhadora Super Atômica. (Meu irmão André vai ganhar a mesma coisa, a metralhadora Super Atômica, aquilo de o irmão do meio ser imitão do mais velho.)

O desenho da Turma da Mônica termina e fico satisfeito com meu autocontrole: consegui me manter firme, sem chorar.

O Papai Noel chega em casa e eu e o André desembrulhamos nossas metralhadoras Super Atômicas e rá-ta-ta-ta-tá!, gastamos mais da metade da carga das pilhas Ray-o-Vac que alimentam o brinquedo em talvez nem quinze minutos. (Digo não me lembrar o que meu irmão menor, o Johnny, ganhou. Ele tinha dois anos em 1977.) Então, como já estava programado, vamos para a casa da minha tia, irmã do meu pai e mulher do químico genial, que fica a pouco mais de um quarteirão da nossa. Trata-se de um casarão (seu telefone é 282-6909) construído na década de 1940, cheio de pesados móveis de jacarandá, pesadas cortinas, pesados enfeites de mesa feitos em ferro fundido, com suporte de mármore (digo lembrar-me nitidamente de um desses enfeites: um touro), pesados quadros (uma reprodução encardida, escurecida, do Menino Azul, do Thomas Gainsborough).

Logo o Papai Noel chega na casa da minha tia, trazendo para meus primos um Telejogo Philco. Ligamos o Telejogo numa TV na parte de cima da casa e, aos seis anos, vejo pela primeira vez um espectador controlar aquilo que aparece na tela da TV. (Digo que creio que pareço notar a profunda revolução que está embutida nisso, o apelo ao você está no comando, ao *do it yourself*; afinal, estamos em 1977; o punk, e até mesmo o *cyberpunk*, que formalmente só vai aparecer dali a seis anos, em 1983, com o *Neuromancer* do William Gibson, já estão no ar, volatizados e atmosféricos.)

O Fonseca, o vigia noturno, que em 1977 faz a ronda pelo Itaim num Fusca decrépito que o deixa empesteado com cheiro de gasolina e óleo 40, dá uma parada na casa da minha tia. Aí ele nos leva, as crianças, para dar uma volta de carro e paramos nas recém-inauguradas quadras de tênis do Sesc, na Rua Lopes Neto, quase esquina com a Tabapuã. Fonseca fica batendo papo com um sujeito lá, que creio ser o vigia. Meus primos ficam meio que pra lá e pra cá. Então vou me sentar sozinho na arquibancada da

quadra e fico observando-a, acesa e vazia, e acho isso legal, como acho legal quando vou passear de domingo no Shopping Iguatemi e ele está vazio e os corredores estão todos meio apagados.

5

HÁ um trecho no arquivo de texto memorando.doc que designei out. Trata-se de um trecho em que coloquei vários fragmentos de textos não desenvolvidos, esboços, anotações rápidas de lembranças ocorridas enquanto eu escrevia, etc.

Num desses fragmentos digo que 1975/76 manifestou-se minha primeira vocação artística. Digo que eu gostava de inventar novelas de TV. Que inventava títulos – como Papelada Amassada –, desenhava logotipos e capas de discos de trilha sonora, etc. Que as cenas das minhas novelas quase sempre eram de perseguições de carro, que eu fazia com meus Matchbox, cenas que sempre culminavam em capotagens espetaculares. E digo que o Antonio Fagundes coçando a canela com o pé (personagem Petrucchio, da novela O Machão, Rede Tupi) era exatamente o cara que eu queria ser quando crescesse.

Noutro fragmento eu digo que, dada uma certa fragilidade de minha constituição física ("eu era magro demais e vivia com gripes e amigdalites"), sempre tendi às provocações verbais e gozações em vez de confrontos físicos com meus oponentes. Digo que, mesmo em minha época mais atlética, por volta dos dez anos, quando jogava futebol, nadava, fazia caratê e andava o tempo todo de bicicleta, sempre evitei as divididas mais duras.

Noutro, eu digo que aos três anos eu era bastante cioso (e intimamente orgulhoso) de certas maturidades que eu já havia então conquistado: digo que antes dos três anos eu já deixara de usar fralda e de tomar mamadeira. (E digo que a chupeta eu larguei aos quatro, depois de ver uma reportagem sobre bocas deformadas no programa de TV do Ferrugem.) Digo que sentia desprezo por aquelas crianças que cagavam nas calças na escola e eram lavadas pelas tias com a porta do banheiro aberta, para todo mundo ver mesmo. Digo que na escola onde fiz o pré, o Amoreco, o sadismo das tias tinha o acréscimo das calcinhas que elas vestiam nos meninos que porventura não conseguissem evitar de sujar suas cuecas com matéria fecal. Digo que algumas situações de humilhação

que testemunhei vida afora acabaram me despertando lados bons, compassivos e humanitários, mas que não o foi o caso de meus coleguinhas de escola flatulentos e cagões. Indulgência zero com eles.

Digo, ainda nesse trecho, que terminei essa escola, o Amoreco, e que fui para o Gracinha, "saí do mundinho de crianças cagonas e tias sádicas do Amoreco (Externato Meu Xodó, Amoreco, não virei veado por falta de vocação mesmo: estímulos não faltaram) e fui para o Gracinha (olha só, depois de mais de trinta anos me dei conta, exatamente agora, da similaridade, da perversa progressão lógica que perpassou minha educação formal: Xodó, Amoreco, Gracinha...)". Digo que no primeiro dia de aula no Gracinha um garoto negro me agarrou pela gola da camiseta, me jogou contra a parede e me perguntou, "Você me chamou de cocô mole?". Digo que não, que eu não havia chamado o garoto daquilo, de cocô mole. Que provavelmente o garoto estava tendo um surto paranoico por ser o único negro na turma.

Digo também que o Gracinha era um colégio elitista de esquerda. Em seguida digo que de esquerda, claro, é uma simplificação. Digo que a composição social do Gracinha era um complexo de ricaços do Morumbi; de netos do André Franco Montoro; de quatrocentões que queriam ser o sertanista Orlando Villas-Boas quando crescessem; de pessoas de classe média – a maioria silenciosa, onde eu me situava –; de filhos de exilados na ditadura – vários colegas nascidos no Chile, Uruguai, etc. –; de porras loucas típicos dos anos 1970; de um punk que usava uma coleira no pescoço e fumava cachimbo; de funcionários com um ar meio CNBB, meio Maria Rita Kehl; de futuros artistas – Giulia Gam, Flávio Guarnieri (não sei se era aluno, mas sempre o via por lá) –; de um bedel malicioso e grosseirão, com ar de agente carcerário, o Romeu Boca de Caçarola, ex-goleiro do Araraquara F. C., um dos times de futebol de várzea do Itaim; de superburgueses que iam à escola só de jeans Soft Machine e pilotando antigas e chiquérrimas motocicletas Ducati.

E, num outro trecho, relaciono o que chamo de algumas lembranças ternas de 1978: brincadeiras em manhãs de sol no pátio do prédio; Rádio Excelsior, a Máquina do Som, 780 kHz; o Fremo (de frequência modulada, FM); o 3 em 1 da Sharp; as fitas Basf; a Kate Bush cantando *Wuthering Heights*; um porteiro do prédio chamado Marcílio, vulgo Paraná, que usava uns óculos de grau com as lentes azuladas (eu e meus irmãos dizíamos, sei lá por que, que *Wuthering Heights* era a música do Marcílio); o zelador, Manuel, que se converteu àquela religião do Tim Maia, Universo em Desencanto, e parou de fumar.

6

A PARTIR daqui o texto de Memorando será transcrito de maneira direta, integral, literal, *ipsis litteris*.

7

ELA, que é uns vinte e cinco, trinta anos mais velha do que eu, acabou de se recostar num sofá e agora descansa os pés, descalços, sobre uma almofada. Ela é ruiva, corpo mignon com óbvias capacidades acrobáticas, e sua pele é aquela pele meio desgastada por anos de sol. Como vim parar aqui, nesta sala? Provavelmente me cansei das atividades enérgicas das crianças com quem eu estava brincando no quintal, crianças que têm mais ou menos a mesma idade que eu, oito anos.

Sempre tive déficit de energia para certas atividades (correr, ficar pulando, sobretudo obedecer às regras rígidas e chatas das brincadeiras), o que sempre me empurrou para a introspecção. Esse meu traço introspectivo – ou esquizoide, para usarmos a apavorante terminologia da psiquiatria – fez muitas vezes minha mãe ser chamada para conversar com a psicopedagoga do colégio. De qualquer forma, agora estou aqui, nesta sala, em meio a adultos, olhando hipnotizado para a mãe do Guilherme, que é um colega de escola. O Guilherme, que se parece com o Bozó, aquele personagem do Chico Anysio, ei, eu trabalho na Globo, está fazendo aniversário. O telefone do Guilherme é 70-1009.

A mãe do Guilherme agora está fumando um cigarro *slims*, um cigarro com dez centímetros de comprimento. Ela tem aquele jeito feminino de fumar, a mão desmunhecada e mantida suspensa no ar, como a de alguém pedindo aparte num enfrentamento verbal pautado por alguma civilidade. Ela assopra a fumaça para cima, vulcão, volúpia, volpone, alfredo volpi, vulva, então uma palavra vem à minha cabeça: puta. Não, eu não estou xingando a mãe do Guilherme. Eu nem sei exatamente, aos oito anos, o que quer dizer puta; sei que é um palavrão e só. Mas há uma força nessa palavra, uma força tensiva semelhante à de uma pequena bola de chiclete sendo estourada, algo que de um modo misterioso se relaciona a essa mulher, recostada nesse sofá, descansando os pés e incensando o ar com

seu Charm Slims. Estou achando delicioso vê-la, delicioso mastigar e assoprar essa palavra, puta, até que ela dê seu pequeno estalo. Puta.

Então a mãe do Guilherme percebe que eu estou olhando hipnotizado para ela. Ela dá uma pausa no processo de expelir fumaça das vias respiratórias, sorri para mim e me manda um beijinho. Um beijinho cheio de lascívia.

MEUS pais chegam para me buscar na casa do Guilherme.

Eles estão vindo do Hospital do Câncer. Meu tio gênio da química, com apenas quarenta e quatro anos, está internado lá e morrerá em menos de um mês. Não será a primeira vez que vou lidar com a morte de uma pessoa próxima – meu avô Waldemar Haak, pai da minha mãe, morreu em 1975. Porém, a maneira como vivenciarei a morte desse tio será bastante diferente.

Entre outras coisas, venho me tornando hipocondríaco desde que comecei a ouvir as histórias cochichadas pelos cantos a respeito da doença dele: sei que meu tio vinha urinando sangue havia doze anos e que ele decidira ignorar isso, dado o pavor que sentia de médicos, e que, quando não deu mais para fingir que não havia nada de errado com seu organismo, já não havia mais nada a se fazer.

Nem preciso dizer que ir ao banheiro para fazer xixi vem sendo algo extremamente angustiante para mim – sim, aos oito anos eu já sei que nossa vida pode virar completamente do avesso depois de uma simples ida ao banheiro. Outra obsessão hipocondríaca minha, nesse ano de 1979: um pontinho preto que apareceu na minha gengiva. Passei meses aterrorizado com ele, até que um dia, depois de escovar os dentes, o pontinho sumiu. Meu dentista, o Sílvio, disse que o tal pontinho preto provavelmente era um pedaço de grafite que se incrustara na gengiva por causa do meu hábito de morder o lápis enquanto faço lição.

Para escapar das garras mórbidas e debilitantes da hipocondria, assumo que sou um covarde mesmo e me torno um especialista em manobras evasivas. Aos oito anos, felizmente, tenho muitas áreas de escape à minha disposição. Sim, por mais que eu tenha me sentido pessoalmente atingido pela morte desse tio – não, não tive sentimentos piedosos em relação à viuvez da minha tia e a orfandade dos meus primos, o que essa morte fez explodir em mim foi um sentimento incrivelmente egoísta, descobri que eu, eu, eu, eu, oras bolas, sou mortal também, e me revoltei muito com a descoberta –, como eu dizia, por mais que eu tenha sido bastante atingido

por essa história toda, no fundo eu sei estar razoavelmente protegido de qualquer encrenca maior por minha condição de criança.

Os adultos que se danem com seus cânceres e seus problemas.

Estou agora no quintal da casa da minha tia, jogando basquete com meus primos. Os adultos nos mandaram para cá porque estão recebendo um parente nosso que dizem ser médium. Parece que vai haver uma comunicação mediúnica com o espírito do meu tio. O sujeito tem uns sessenta anos, voz débil (parece enfisemática) e ar de ator de filme da Hammer (ele se parece bastante com o Peter Cushing). Minha tia e minha avó nunca fumam na frente dele (o Peter Cushing, apesar da voz enfisemática, abomina cigarro e tem o hábito de admoestar e constranger os parentes tabagistas).

Por um lado gostei de sair daquela sala com clima de velório e de vir aqui para o quintal jogar basquete. (Área de escape garantida a uma criança de oito anos.) Mas, por outro lado, temo estar perdendo algo fascinante: será que o Peter Cushing vai mesmo receber o espírito do meu tio? Fico atento ao que está acontecendo dentro de casa, tentando captar algo, mas só ouço aqueles murmúrios que não me parecem diferentes de uma conversa normal entre adultos. Então minha mãe aparece no quintal. Seja qual for o fenômeno que tenha sido desencadeado naquela sala, ele já terminou. Pergunto a ela, “E aí, o que aconteceu? Apareceu algum espírito?”. Minha mãe responde, “Não, o tio José só disse umas palavras bonitas e depois rezamos um pai-nosso”.

O quê? Todo aquele clima, toda aquela expectativa, em troca de umas palavras bonitas e um pai-nosso?

8

UM telefone Siemens, cinza, o padrão da Telesp na época. O número escrito à mão, num papelzinho enfiado num pequeno espaço retangular, na base do aparelho. O número, 282-8827, está escrito com a letra da minha mãe, uma típica letra feminina (ornamentação), mas talvez pressionada demais, talvez excessivamente tensa, pois minha mãe é canhota e, nascida em 1943, foi forçada na escola a escrever com a mão direita. O telefone fica sobre um pano de crochê, sobre uma mesa de jacarandá, e na parede está pendurado um vaso de samambaias. Contíguo a esse móvel está um carrinho de chá, sobre o qual repousa o aparelho de som, um 3 em 1 Sharp, modelo SG-165. Três em um quer dizer rádio (AM/FM), toca-fitas e toca-discos. O toca-discos tem três opções de rotação, 33 1/3, 45 e 78. Um dos lados da agulha inclusive é indicado para discos de 78 rpm. Tudo isso, contudo, é expletivo, pletórico, pois ninguém mais tem, em 1979, discos 78 rpm. Usamos essa rotação, nós, crianças, apenas para fins humorísticos. É muito engraçado ouvir músicas com a rotação acelerada. Em 45 rpm o Roberto Carlos soa como um anão, e em 78 rpm o Roberto Carlos soa como uma formiguinha cantando, vou cavalgar por toda noite, por uma estrada colorida, letra que nós, crianças nascidas em 1969, 70, 71, ainda não sabemos ser alusiva a relações sexuais. Não que ignoremos o sexo; muitos de nós já vimos, através de primos e irmãos mais velhos (nascidos em 1962, 63, 64), slides e revistas de sexo explícito, baralhos com fotos de orgias, etc.; tudo isso é comercializado clandestinamente; apesar de bastante difundido, esse tipo de material ainda é proibido no Brasil.

Sobre a tampa de acrílico do aparelho de som há um cinzeiro, um dos oito que há espalhados pela casa. Trata-se de um cinzeiro ordinário, de plástico, do tipo mais comum que tem. Há, nele, principalmente restos de cinza dos cigarros Minister e Hollywood; em proporção menor, dos cigarros Luiz XV, Pall Mall e Chanceller, fumados por parentes, visitas, etc. Curiosamente não há, nesse cinzeiro ordinário, restos de cinza dos cigarros ordinários que a empregada que está substituindo a Valda, que está em férias, fuma – Arizona e, eventualmente, Vila Rica. (Aquele do comercial do jogador Gérson, “eu fumo Vila Rica porque gosto de levar vantagem em tudo, certo?”.) Ao lado do cinzeiro está o chaveiro do meu pai, no qual estão as chaves de casa e as do carro. Em 1979 temos uma Caravan 1977, marrom metálica, com bagageiro e rodas de magnésio. A Caravan tem duas chaves, a da ignição e a que serve tanto para as portas quanto para a tampa da gasolina; a da ignição é maior e tem um formato retangular e a outra, comparativamente pequena, tem um formato

arredondado. Quando eu era menor achava que essas duas chaves, que eram as chaves padrão da Chevrolet nos anos 1970, pareciam meus tios, o casal Lélia (uma mulher pequena, com cabelos curtos, daí a analogia de sua cabeça com a forma arredondada da chave das portas) e Rolf (um homem alto e germanicamente robusto, cujo físico de alguma forma era análogo à chave de ignição). Antes meu pai tinha um chaveiro de couro com o monograma "C" (de Carlos), mas esse chaveiro quebrou e ele está usando agora um que pegou no apartamento de minha avó, um troço kitsch à beça, de acrílico azul, com o nome dela, Ida, gravado em baixo-relevo, em letra cursiva rebuscada. Tínhamos planejado ir para o Guarujá nesse fim de semana, mas meu pai acabou se esquecendo de abastecer o carro; estamos em 1979 e os postos de gasolina, por causa da nova crise do petróleo desencadeada pela OPEP, estão proibidos de funcionar aos sábados e domingos; decido então gastar em Futebol Cards o que eu iria gastar num dos fliperamas da Rua Mario Ribeiro, Praia de Pitangueiras, Guarujá.

Conto meu dinheiro. Tenho duas notas de cinco (uma nota azul com a efígie do Dom Pedro I; as duas notas têm a assinatura do Mário Henrique Simonsen). Saio de casa e caminho pela Rua Tabapuã. Passo pela Editora McGraw-Hill, onde às vezes vou tirar xerox da nota de um dólar, emitida em 1969, que tenho em minha coleção. Aos oito anos, eu, Carlos Eduardo Miranda, só Miranda, pois ainda não adotei o sobrenome materno, Haak, sou um numismata entusiasmado, mas pouco criterioso. O xerox da nota de dólar não é um ensaio de fraude de qualquer tipo; meu deleite é aquele descrito por Aristóteles em seu texto Poética, que é próprio do homem sentir prazer com imitações, fac-símiles, etc. Ao lado da McGraw-Hill há um prédio decrépito, residencial, de dois andares. Depois, a farmácia onde trabalham o Gilberto (negro), o Tarcísio (japonês), o Dorival (que tem preferências gastronômicas como tatu com 51) e o Toninho. O Toninho é um homem mirrado, parecido com o ator Wilson Grey, um homem que é uma espécie de 1958 ambulante, um homem que ainda usa os cabelos penteados para trás, fixados com Trim ou Glostora, que ainda fuma – pesadamente – um dos poucos cigarros sem filtro que são fabricados, o Continental, e que ainda usa bigode fininho. Toninho, que nada, nada tem de 1979, é o sujeito mais legal da farmácia. Às vezes ele dá bolas de pingue-pongue para mim e meus irmãos. Ele chama todos nós, indistintamente, de são-paulinos, "ô são-paulino...", com uma dicção paulistana antiga, mais antiga ainda que 1958.

Atravesso a Rua Iguatemi e entro na padaria da dona Maria, a.k.a. dona Mula. Apesar de sua rusticidade e sua grossura, dona Maria é uma mulher

surpreendentemente bonita, do norte de Portugal, loira de origem celta. A padaria da dona Mula já está bastante decadente em 1979. (Daqui a quatro anos, 1983, o cantor Roberto Leal irá comprá-la, reformá-la e rebatizá-la como Dália. Haverá uns conjuntos comerciais anexos à padaria, sobrelojas, etc. Num desses conjuntos o mafioso Tomaso Buschetta passará algumas semanas escondido antes de ser descoberto pela polícia; Buschetta será extraditado para a Itália e irá fazer um acordo de delação que botará boa parte da Cosa Nostra na cadeia.) Compro cinco embalagens de Futebol Cards; em cada embalagem vêm três cartões e um chiclete, fino e comprido, de tutti frutti; alguns dos cartões que vêm nessa minha compra: Beto Fuscão, S. E. Palmeiras; Mazzaropi, C. R. Vasco da Gama; Bagatini, Internacional S. C.; Piter, S. C. Corinthians Paulista; Rubens Feijão, Santos F. C.; Edinho, Fluminense F. C.; Cartão de Controle, A. A. Ponte Preta; e duas repetidas, do Nunes, C. R. Flamengo.

Esperando o sinal fechar, olho para uma das esquinas da Tabapuã com a Iguatemi, onde há um estacionamento, e observo um outdoor que mostra uma jovem mulher com um maiô de corpo inteiro, Lycra valoriza o seu patrimônio. No terreno agora ocupado por esse estacionamento ficava um prédio, uma sequência de casas e o Bar do Raposinha. Tudo isso foi demolido no ano passado, 1978.

(O Bar do Raposinha foi cenário de uma lendária história do Itaim Bibi, protagonizada pela turma do meu pai. Um sujeito passava todo dia no bar e pedia uma Coca-Cola. Havia na época, 1966, uma promoção de tampinha premiada que dava um Karmann-Ghia, que era o carro mais bacana da época. Um dos caras da turma, artista plástico e hábil artesão, recortou a imagem do Karmann-Ghia do cartaz de divulgação do concurso, falsificou uma tampa premiada e a recolocou na garrafa. O sujeito chegou e o Raposinha, que topou participar da brincadeira, serviu o refrigerante. O sujeito terminou de beber, foi ao banheiro com a tampa fechada na mão e dali a instantes soltou um berro, “Ganhei!”, capaz de ser ouvido no Peg-Pag da Avenida São Gabriel. Imediatamente começou o desmentido, “calma, foi só uma brincadeira”, e o cara, é claro, não queria acreditar. Quando se convenceu, se sentou na guia da Rua Iguatemi e, simplesmente, chorou.)

Lembro-me de que esqueci alguns Futebol Cards no apartamento de minha avó, na última vez em que estive lá. Cogito ir pegá-los. O prédio da minha avó fica a uns cinquenta metros de onde estou. Às vezes durmo lá, em seu apartamento, que tem cheiro de bala Frumelo e cigarro. Minha avó fuma Minister (logo mudará para o Charm) e seu telefone é 64-5040.

Minha avó não é uma avó típica: é inteligente (uma inteligência ativa, objetiva, perscrutadora, talvez mais tipicamente masculina), boca suja ("enfiou a caneta no cu do papagaio!"), fumante, beligerante, severa, provedora de presentes sempre elaborados para os netos, de quem é bastante cúmplice (meu primo mais velho, por exemplo, começou a fumar no apartamento dela); até seu rosto não é um rosto típico de vovozinha: é anguloso, quase rude, mais grego que italiano. Dormir no apartamento dela significa ficar acordado até tarde vendo TV (O Som da Semana, apresentado por Maria Isabel de Lizandra, na TV Cultura), escrevendo e desenhando, com ela cochilando na cadeira de balanço. Objetos do apartamento da minha avó: um rádio de pilha Evadin com capa de couro; uma moringa Salus; o chaveiro de acrílico com o nome dela gravado; as pastilhas sextavadas do piso do banheiro.

(Uma hipótese: nesse momento em que espero para atravessar a rua e em que cogito ir ao apartamento de minha avó pegar alguns Futebol Cards, a equipe do cineasta Walter Hugo Khouri, a menos de cinco quilômetros daqui, numa rua dos Jardins próxima à Rua Estados Unidos, se prepara para filmar uma cena externa em que o ator Serafim Gonzalez sairá de um Maverick azul e entrará num prédio. O filme será lançado no ano que vem, 1980, e vai se chamar Convite ao Prazer; eu, já me chamando Eduardo Haak, o verei apenas em 2003.)

Resolvo não ir à casa de minha avó. Atravesso a rua e sigo pela Rua Tabapuã. Vejo o seu Ibirá, gerente do supermercado Morita, que fica ao lado do meu prédio. Ao lado do Morita, fica o bazar da chinesinha, onde meus irmãos torram todo o dinheiro que ganham, quase tudo em carrinhos Matchbox. Minha mãe outro dia disse para nós, "a Chinesinha fugiu do comunismo". Eu, que ainda não estou habituado a metonímias, imagino o tal comunismo como um monstro do tamanho da estátua do Borba Gato, correndo atrás da Chinesinha, que foge e vocifera impropérios naquela língua deles (chinês é o idioma que, se as minhocas desenvolvessem a capacidade de falar, as minhocas falariam). Ao lado da Chinesinha, fica a oficina de tapeçaria do seu Garrido. Ao lado do Garrido, fica um botequim chamado Papafrango, que meus pais dizem ser um lugar muito mal frequentado.

De fato, o Itaim Bibi em 1979 ainda não é o bairro elegante que virá a ser a partir da década de 1990. Seu comércio não tem qualquer sofisticação: há bazares toscos com nomes como Center Japonesa, onde minha mãe compra roupas para mim e meus irmãos (camisetas Hering, meias, cuecas); o bairro ainda tem aviculturas, lojas de fogos de artifício e

prosaicas pizzarias, daquelas que têm sempre um sujeito tocando órgão e quadros ruins à venda pendurados nas paredes. (Sim, sim, as lojas de fogos: sempre uma portinha, depois um espaço escuro iluminado por uma única lâmpada de 60 W, as caixas de rojões colocadas em toscas prateleiras de tábua e uma vendedora sempre fumando um irresponsável cigarrão slims.) Em 1979 o Itaim ainda tem fábrica (dos chocolates Kopenhagen), depósito (do Mappin), bicicletarias (duas só no meu perímetro, a Monark Center e o Ciclo Cadima, de um espanhol chamado Camacho), campos de futebol de várzea, uma pista de BMX, umas quatro ou cinco favelas (isso para não falar na Vila Olímpia, que em 1979 é uma região pobre e alagadiça onde só os malacos moram). Sim, há um ou outro prédio mais chique, de rico, no Itaim, mas a maior parte é de prédios de classe média.

Alguns edifícios do Itaim (e não poucos) chegam mesmo a ter um ar francamente proletário, como o prédio onde mora a *sister* Mary Joseph, professora de música da Valda, minha empregada herói picaresco e organista da Congregação Cristã, "a paz de Deus, irmão", "Amém". (Valda e suas histórias estilo Papa-Léguas e Coiote em que meu pai sempre se dá mal, o que deixa meu irmão André furioso – e a graça é exatamente essa, vê-lo pôr fogo pelas ventas). Mary Joseph, sua professora, é uma negra que mais parece aquelas cantoras gospel americanas – altíssima, gordíssima, empertigadíssima, sempre usando casacos de pele invocadíssimos. Um dia a vimos num supermercado na época de Páscoa e um gaiato qualquer, aparentemente sem malícia, perguntou a ela se tal ovo de páscoa era de chocolate branco. Mary Joseph cismou que o cara estava de gozação e quase deu com o ovo na cabeça dele, "é branco, sim, por quê?, tem alguma coisa contra chocolate preto?". (Mary tem uma filha com paralisia cerebral, uma forma mais ou menos branda. A moça, que tem um dos braços permanentemente dobrado, toca órgão com o cotovelo.)

O Shopping Iguatemi, em 1979, ainda tem a arquitetura original, estilo modernismo paulista, que será destruída na reforma de 1988. (Ver o filme A Mulher de Todos, do Rogério Sganzerla, 1969: Helena Ignez dando chutes na canela do Stênio Garcia na escada rolante que sai em frente à Fotoptica, no terceiro andar do Iguatemi.) (Ah, é mesmo, o Rogério Sganzerla pelo jeito adorava o Shopping Iguatemi: algumas tomadas do J. B. da Silva – Pagano Sobrinho – andando com seus capangas foram feitas lá. O filme é O Bandido da Luz Vermelha, 1968.) (Cinema marginal, udigrúdi, rodado no Iguatemi. Há, há.) Ah: em 1979 o Itaim Bibi tem um monte de *relax for men* – o Penthouse Club, na Pedroso Alvarenga, quase

ao lado da Congregação Cristã; o Brut, na Eduardo de Souza Aranha; o Segredo da Dama, na Renato Paes de Barros; o Café Photo já existe, na Rua Manuel Guedes, mas o Photo, em 1979, ainda é apenas o estúdio do fotógrafo Luís Trípoli.

Em 1979 os homens do Itaim cortam o cabelo no salão do Waldomiro, um mulato dândi, simpaticão, meio parecido com o cantor Walderley Cardoso, que sempre usa camisas de seda com cores berrantes (lilás, roxa, etc.). Seu salão fica na Tabapuã quase esquina com a João Cachoeira. Meu amigo Evandro me disse outro dia que, além de cortar barbas e cabelos, o Waldomiro também corta os pelos da área genital, os vulgarmente chamados pentelhos. Eu achei meio duvidoso e fui perguntar para o meu pai, é verdade que o Waldomiro corta os pelos do saco dos outros? Meu pai foi categórico: é claro que não!, o Waldomiro não é fresco! Sim, quem é fresco é o Beto, cabeleireiro das minhas avós. Aceitei a coisa como um fato – homem que corta cabelo de homem é macho e homem que corta cabelo de mulher é fresco. O único enigma capilar que para mim continua insolúvel é: por que minha avó Ida gasta uma fortuna no Beto para ele fazer nela um corte e um penteado que, para mim, parece aquela forma revolta que a água da privada faz quando tocamos a descarga?

Faltam, hoje, sessenta e três dias para o dia 31 de dezembro de 1979; irei passar esse réveillon num prédio na Alameda dos Maracatins, Moema, no apartamento de um amigo do meu pai; no banheiro desse apartamento haverá, na pia, um sabonete Vale Quanto Pesa e no box um sabonete Breeze. A bem da verdade não irei passar a virada de 1979 para 1980 nesse apartamento em Moema; iremos voltar para nosso apartamento no Itaim Bibi antes da meia-noite, pois meu pai tem medo de dirigir de madrugada nesses dias, Natal, Ano Novo, por causa de acidentes, motoristas bêbados, etc. Eu acharei meio frustrante isso; sei que festas de réveillon costumam ser cheias de gente (baterá aquele complexo de que todo mundo vai estar se divertindo mais do que eu naquela hora, etc.). Em casa, ficarei olhando para um relógio digital Casio, prateado; terei programado o alarme para soar à meia-noite (programar o alarme de um relógio digital é uma tarefa que dá uma tremenda sensação de modernidade em 1979); à meia-noite soará a musiquinha do relógio, *I Wish I Was in Dixie Land*; meu pai estará no banheiro, sentado no vaso, fumando um Minister e lendo o *City News*; eu abrirei a porta e desejarei a ele um feliz ano novo e ele me retribuirá, “feliz ano novo, filho”.

Será dia 1º de janeiro de 1980. Os anos 1970 estarão definitivamente encerrados.

ANOS 1980

1

ESTOU preso na varanda de um apartamento no Guarujá. O apartamento fica no andar intermediário, botão i no elevador. Quem nos alugou esse apartamento foi uma amiga da minha tia-avó Emma, uma daquelas amigas judias com quem ela costuma jogar baralho e viajar para o exterior. O prédio, que é antigo, não tem garagem, nem água quente depois da meia-noite, pois a caldeira, movida a diesel, é desligada. Talvez seja por isso, porque o prédio é antigo, dos anos cinquenta, que a porta da varanda tenha emperrado. Ou então foi porque a umidade do ar em cidade de praia faz as esquadrias de madeira estufarem e apodrecerem, independentemente de serem velhas ou não.

O dia ainda não clareou, não devem ser nem seis horas. Tento forçar a porta mais uma vez, mas ela não sai do lugar. Vou ter que esperar ou que meu pai, ou que minha mãe, ou que algum dos meus irmãos acorde e tente abrir a porta por dentro. Estou usando uma camiseta da seleção de futebol da Tchecoslováquia, calção e chinelos havaianas. Foi meu pai que me comprou essa camiseta, achando que era da seleção inglesa, por causa do leão rampante do escudo. Leões rampantes são símbolos nacionais comuns a vários países, assim como as águias bicéfalas e os sóis.

Sinto um pouco de frio, além de estar sentindo desconforto com a irritação na pele do meu peito. A irritação não melhorou muito de ontem para hoje. Minha pele está assim, irritada, porque não usei camiseta para pegar onda com a prancha de isopor. O contato direto do isopor com a pele, não sei por que, causa essa alergia. Fiquei pegando ondas ontem com o Papai Gordo e o Glauber. Os dois são amigos recentes, que fiz aqui no prédio.

Vejo uma Kombi de entrega de jornal passar na rua e penso que preciso arranjar alguma coisa pra me distrair enquanto estou preso aqui na varanda. Penso no sujeito da farmácia que fica numa das sobrelojas aqui do prédio. Eu fui lá outro dia comprar Valix para o meu pai, Valix, um benzodiazepínico equivalente ao Valium, e fiquei olhando para a cara do sujeito e pensando, né, Boneca do Negrão?, né, Boneca do Negrão?, né, Boneca do Negrão? (Nunca me pedem receita quando compro Valix para o meu pai.) Esse pensamento sobre o Boneca do Negrão se exaure, então

começo a planejar a carta que ando pensando em escrever para a Otávia, Otávia Augusta. Escrever talvez seja uma boa maneira de eu me aproximar dela, sei o endereço dela de cor, sei também seu telefone, 282-6209. Penso então nas coisas que venho fazendo desde que cheguei aqui no Guarujá, há nove dias, mas nada me parece suficientemente interessante para que eu conte numa carta. Coisas como eu ter ido ao rinque de patinação com o Glauber, onde estreei meus patins novos, Speedo, de bota, número 37. Ou os dois filmes que fui ver no cinema, *1941* e *O Destino do Poseidon*. Ou o cartaz que eu vi, de um filme chamado As Faces da Morte, filme que exibe mortes reais, sujeitos sendo estraçalhados por crocodilos, sujeitos na cadeira elétrica, pessoas comendo o cérebro de um macaco ainda vivo, direto da caixa craniana.

Não interessaria a ela saber que na semana passada eu subi até a metade a escadaria do teleférico desativado. (Ano passado subi a escadaria inteira, mas dessa vez fiquei com medo. Ouvi dizer que um garoto desapareceu ali e que depois acharam o cadáver dele, esquartejado e com dois tiros na cabeça. Dizem que a favela que fica atrás desse morro, a Vila Baiana, é cheia de tarados e criminosos.) Ou, também, não interessaria a ela saber que venho jogando bastante fliperama. Ou que customizei o isqueiro Cricket do meu pai – recortei um maço vazio de Minister, a marca que ele está fumando agora, colei o papel recortado na superfície do isqueiro, depois levei o isqueiro a um lugar de xerox e encadernação para plastificá-lo, porque eu tinha ouvido dizer que era possível fazer isso. O dono do lugar me respondeu, “plastificar um isqueiro?”, e riu da minha cara.

Também não interessariam a ela as brigas que eu já presenciei nessas férias. A briga do dono do Chevette com o moleque que estava tentando arrancar com uma chave de fenda aquela plaquinha com o nome do carro que fica fixada na tampa do porta-malas. (Um sujeito da minha escola me disse que tem mais de cinquenta plaquinhas que ele arrancou de carros, inclusive de vários carros da garagem do prédio dele.) Ou a briga no fliperama ao lado do cinema, dois sujeitos se estapeando por causa da máquina Cavaleiro Negro. (A briga na verdade começou quando um deles, o que estava esperando para jogar, acendeu um isqueiro na bunda do que estava jogando, para fazê-lo perder.) Ou a briga no rinque de patinação, um cara que mexeu com a namorada do outro. (A Rita Lee cantando, lança, lança perfume, assoprando aquele apitinho, e os dois lá, trocando socos e chutes.) Ou a briga com os argentinos, depois do jogo Brasil e Alemanha Ocidental, jogo que pelo saldo de gols eliminou a Argentina do Mundialito e levou o Brasil à final com o Uruguai. (Um grupo de torcedores se juntou ali na Rua Mario Ribeiro para comemorar,

carregando um caixão pintado com as cores da bandeira argentina. Então um carro argentino passou, um Peugeot com aquela placa preta que os números e as letras parecem escritos à mão, e o pessoal começou a chutar o carro e a xingar seus ocupantes.) Ou a briga do meu pai com meu irmão André. (O André e o Papai Gordo estavam cuspindo da janela da sala do nosso apartamento, tentando acertar a cabeça de um sujeito, vamos cuspir na cabeça daquele baiano? O sujeito era o gerente da loja de ferragens que fica numa das sobrelojas daqui. Ele viu meu irmão e o Papai Gordo cuspindo e foi reclamar com meu pai.) Ou a briga de um casal que estava na nossa frente na fila do caixa do Pão de Açúcar. (A mulher errou o cheque, escreveu 1980 em vez de 1981, aquela coisa que acontece com quase todo mundo nos primeiros dias do ano, errar a data no cheque. Só que era a última folha do talão e o marido dela teve que ir pegar outro em casa e ficou irritado com isso e acabou gritando com a mulher e chamando-a de idiota e de imbecil.)

Não interessaria também eu contar numa carta que vi um sujeito morto na praia, por afogamento. Ou que vi uma menina tendo um ataque epilético num Cinema 180 graus, aquele cinema onde são projetados numa estrutura de lona abobadada filmes feitos exclusivamente para provocar vertigem. Ou que vi um grupo de hippies fumando maconha no show do Luiz Gonzaga, na praia, no Festival de Verão. Ou que eu vi um hippie cheirando éter, deitado numa árvore. Ou que eu vi um sujeito pelado andando de moto e gritando, aaaaaaaaaaaa!, na Avenida Leomil. (Hoje em dia em qualquer casa sempre há pelo menos um frasco de anfetamina de algum regime abandonado por mãe, irmã, etc.) Ou que visitei com meus pais o antiquário de um ex-ator de cinema chamado Tom Payne e que ele ficou me mostrando vários rádios antigos, valvulados, todos funcionando.

As músicas que mais tenho ouvido no rádio nessas férias são *Another Brick in the Wall*, do Pink Floyd, e *Lança Perfume*, da Rita Lee. Beatles também, toca o tempo todo. Só ontem ouvi *Help!* três vezes. As novelas que estão passando na Globo são *As Três Marias*, *Plumas e Paetês* e *Coração Alado*. O dia finalmente está começando a clarear. (*Quod factum est, ipsum est, quod faciendum est, nihil sub sole novum.*) Penso que já fez um mês que o John Lennon foi morto. Eu estava aqui no Guarujá quando ele morreu. Pensar nisso me faz pensar, quem será que vai levar tiros nesse ano que está começando, 1981? O Papa João Paulo II? Ronald Reagan?

2

ESTOU no Shopping Iguatemi. Vim comprar um par de óculos escuros O Buraco da Fechadura. A loja onde esses óculos são vendidos fica no corredor chamado de míni shopping. Esse corredor não faz parte da construção original do shopping, de 1966.

Um estande da Chevrolet está montado no estacionamento externo, o que fica em frente à entrada principal do Iguatemi, na Faria Lima. Observo uma mulher, jovem e bem vestida, que está parada em frente ao carro exposto no estande. Sua posição corporal é rígida – ela mantém as mãos o tempo todo cruzadas nas costas. Leio num estandarte, Chevrolet Monza 83. O carro, a versão *hatchback*, cor azul cobalto, está com as portas abertas e um sujeito, sentado no banco do motorista, tenta girar seu volante, forçando-o, mas o volante está travado.

Subo uma das rampas do saguão do shopping, a rampa das Lojas Americanas (a outra rampa é a da Sears), viro à esquerda e chego ao corredor. Entro na loja O Buraco da Fechadura e me dirijo a uma das vendedoras. A vendedora, que está usando uma camiseta Enjoy Coke e que fuma um Columbia Ultra Lights, é mais bonita que a vendedora que está atendendo o outro cliente. Esse outro cliente experimenta os óculos de armação branca e se observa num espelho. Ele, que tem uns trinta anos, está usando um daqueles casacos que parecem feitos de papel amarrotado.

Observo os óculos no mostruário e fico na dúvida entre dois, mas acabo decidindo pelo de armação verde. Os óculos O Buraco da Fechadura parecem aqueles óculos de proteção usados por soldadores, com gradinhas nas laterais. Suas lentes são espelhadas e sua armação, predominantemente retangular, lembra um pouco o modelo Wayfarer, da Ray-Ban.

A vendedora, que é morena e narigudinha – ela se parece um pouco com a modelo da capa de uma Status antiga, de 1976, uma das que eu roubei do Duto – pega os óculos, os coloca numa capa de plástico transparente e vamos ao caixa. O rádio FM está tocando *Airwaves*, do Thomas Dolby. É a segunda vez nessa semana que ouço essa música. A outra vez foi na sala de espera da Kyoka, minha dentista. Estendo à vendedora uma nota de cinco mil, ela me devolve duas de mil e saio da loja.

Passo pelo Museu do Disco, e pelas Lojas Americanas, e pela Nôa-Nôa, e desço a rampa (dessa vez a da Sears), e desço mais uma rampa e viro à direita e vejo a loja de mágicas, onde eu comprei o livro do choque, e chego à Hi-Fi. Pergunto a um vendedor se eles têm o disco da Blitz em fita. Um amigo, o Eduardo Gordinho (Yoplait, Banhas Eróticas, etc.), me disse que dá pra ouvir, na fita, as músicas que no LP foram riscadas pela censura, *Ela quer morar comigo na lua* e *Cruel, cruel, esquizofrenético blues*. O vendedor da Hi-Fi, que é dentucinho e tem jeito de folgado me diz, você quer dizer a fita do álbum da Blitz, certo?, pronunciando o certo como o Gérson na propaganda do cigarro. Respondo que sim, repetindo o que ele falou, a fita do álbum. O sujeito diz, não, não, pela sua carinha eu acho que você prefere mesmo o disco da Blitz em fita. Certo, biscoito? Um outro vendedor, mais velho, que usa bigode e que está fumando um Hollywood, diz ao vendedor, ei, para de encher o menino. O vendedor dentucinho me diz então que eles não têm a fita da Blitz.

Saio pelo estacionamento da parte de trás do shopping e vejo um Comodoro idêntico ao do meu pai. Leio a placa do carro, UJ-5102. A placa do carro do meu pai é UZ-6869. (O apelido do Comodoro do meu pai é Morcego. O apelido do Corcel II da minha tia é Pássaro. O apelido da Brasília do Correinha, uma Brasília a álcool que não pega no inverno, é Espiriteira. O apelido da Variant do Zé Tyle é Giselda. O apelido do Fiat 147 da Neliana é Woodstock. E por aí vai.) Ponho os óculos O Buraco da Fechadura e entro na Angelina Maffei Vita. Sigo até a Faria Lima e vou andando e vejo no muro do Clube Pinheiros uma sequência de cartazes eleitorais rasgados, Jânio, Montoro 5, Lula Governador 82, e vejo que alguém rabiscou no cartaz do Lula, com uma esferográfica falhando, de baiano basto eu. Vejo também uma sequência de cartazes onde está escrito Abaixo a LSN. (Não sei o que é LSN. Talvez seja uma droga, como LSD.) Chego ao cruzamento com a Cidade Jardim e fico parado em frente ao Posto 13, da Atlantic, esperando o sinal abrir. Observo o néon, Posto 13, que ainda não está aceso. O Posto 13 é um posto dos anos 1950 que nunca foi reformado. Atravesso a Cidade Jardim e cismo que as pessoas estão me olhando por causa dos óculos O Buraco da Fechadura e penso em tirá-los, mas sigo até em casa com eles.

Chego ao meu prédio e o Ezequiel me entrega a correspondência e a revista Visão. Ezequiel é o vigia noturno, mas hoje ele está trabalhando no turno vespertino. Tomo o elevador e entro em casa e ponho as cartas sobre a mesa da sala, uma mesa com tampo de vidro e armação de vime. Das vinte e uma cartas dezoito são cartões de Natal e três são cartas de banco, uma do Bank of London e duas do Bradesco. Vejo que o Maurice

ainda não foi embora – ele e meus irmãos estão andando de bicicleta no pátio. O Maurice é amigo do André desde o tempo do Amoreco. Vou até o quarto e guardo os óculos O Buraco da Fechadura e olho para a escrivaninha e vejo o Game & Watch da Nintendo que ganhei de Natal e penso que estou arrependido de ter escolhido esse presente.

Deito numa das camas e vejo que tem uma fita dentro do rádio-gravador e aperto o play e vejo que é uma gravação que eu fiz em 45 rpm do disco do Costinha, empregadinha, escurinha, burrinha, lá do interior, aperto o *stop* e me acomodo melhor e fico pensando nas coisas que fiz nesse ano. Colecionei o álbum de figurinhas Ping Pong Espanha 82 (ficou faltando só a figurinha 200, Cristophe, da França, para eu completar). Encontrei uma pilha de revistas *Fiesta*, *Club* e *Internacional* no lixo do prédio. As revistas eram do Gato. O Gato é amigo do meu primo Duto. Em julho, na época da copa, passei uma tarde com os dois, no solário do prédio da minha tia, na Manuel Guedes. As histórias que os dois contaram: da colega deles no Objetivo que leva pra escola canja numa garrafa térmica; do manquitola que sempre sobe no ônibus na Brigadeiro Luís Antônio e que uma vez o sujeito estava se segurando naquela barra de metal e que o Gato começou a girá-la para o sujeito perder o equilíbrio; do rapazinho que fumou maconha e resolveu nadar na caixa d'água do prédio e acabou defecando na caixa d'água; de um sujeito com cirrose que vem defecando o fígado.

Comprei três discos dos Beatles, o *With the Beatles*, o *Revolver* e o *Abbey Road*. Comprei um par de fones de ouvido DAM. Comprei e montei dois aviões daqueles kits da Revell, um DC-10 e um Super Constellation, ambos da Varig. Fui a Viracopos e vi um 747 da AlItalia e um DC-8 da Japan Air Lines. Comprei revistas, principalmente *Placar*, *Flap* e *Somtrês*. Roubei algumas Status da coleção do meu primo Duto. Comecei e abandonei dois tratamentos para rinite alérgica, um com um medicamento chamado Munolan, outro com um medicamento chamado Influenzina. Comprei um revólver de brinquedo Agente Federal, da Estrela, réplica de um 32 de cano curto. Vendi minha bicicleta Caloi Sprint Junior. Fiz aulas complementares de matemática e almocei no Jack in the Box nesses dias. Sonhei que eu acordei no meio da noite e ouvi um ruído como de um rádio de ondas curtas vindo do quarto dos meus pais e que fui até lá e vi meu pai morto. Varei a noite algumas vezes vendo Comando da Madrugada.

Decido tomar banho.

Fico quase meia hora dentro do box até que sinto sede. Penso que eu podia ter trazido uma lata de Coca-Cola e tento imaginar como seria isso, beber Coca-Cola tomando banho. Desligo a água, saio do box e começo a me secar. Ouço vozes de pessoas conversando na sala e noto que o Denorex, o xampu, irritou um pouco meus olhos. Vejo um tubo de creme dental Aim sobre a pia e vou ao quarto me vestir. Coloco minha camiseta da seleção de futebol da Holanda, uma imitação vagabunda, ersatz, que não tem o escudo com o leão rampante. Leões rampantes são símbolos nacionais comuns a vários países, assim como as águias bicéfalas e os sóis.

É da vó do Maurice a voz na sala. Ela veio buscá-lo e agora está conversando com minha mãe. Ela, a vó do Maurice, está falando de um centro espírita que ela frequenta e diz que o espírito da Elis Regina já se comunicou com um dos médiuns de lá. Ela também diz que, na comunicação, o espírito da Elis Regina alertou os jovens sobre os perigos das drogas. A vó do Maurice diz que vai emprestar à minha mãe alguns livros espíritas, de mensagens psicografadas, um mais lindo que o outro, segundo ela. O Maurice então dá à avó o livro que eu comprei na loja de mágicas no Iguatemi, o livro que tem na capa a foto de uma mulher com os peitos de fora e que dá choque quando é aberto. O Maurice diz, olha, vó, olha isso aqui. Ela, que está distraída, falando sobre espiritismo com a minha mãe, abre o livro sem olhá-lo e leva um choque elétrico na mão e dá um grito.

ESTOU deitado na sala, vendo televisão. É madrugada e todos estão dormindo. Abri uma garrafa de Ballantine's, uma das que meu pai ganhou dos clientes, e tomei uma dose. Além dos uísques – Bell's, Cutty Sark, mas a maior parte Ballantine's 12 –, meu pai também ganhou um baú cheio de produtos dos laboratórios Anakol, e várias cestas com itens natalinos como frutas secas, vinhos, etc. Coloco meus óculos O Buraco da Fechadura e experimento ficar um tempo com eles. Na tela da TV surge a vinheta do Comando da Madrugada. Outro dia descobri que essa música da vinheta se chama *Sweet Lucy*, de um cara chamado Raul de Souza. O Goulart de Andrade aparece dentro de um elevador e diz alguma coisa e sai do elevador acompanhado de dois policiais, que arrombam a porta de um apartamento. Há um homem morto, caído no chão da sala. Goulart mostra a mesa, que tem um prato de comida praticamente intocada, depois mostra um toca-discos ainda ligado, com um LP girando, depois mostra um pôster da Marilyn Monroe. A polícia diz que a princípio não há suspeita de crime, que o homem provavelmente teve um enfarte.

Vou até a cozinha e olho a geladeira e pego uma garrafa de Taffman E e vou até a área de serviço e observo uns pontos de ferrugem na lavadora de roupas e fico ali, olhando para a janela da área de serviço de um outro apartamento e bebendo o Taffman em pequenos goles. A sensação que estou experimentando, agora, talvez seja a deliciosa sensação de pertencimento radical a um mundo benevolente e irrestrito. Um mundo do qual eu irei me recordar, daqui a trinta anos, só através de lembranças pontuais, quase fotogramas isolados de um filme de quatrocentos pés. Irei então me referir às minhas recordações, sobretudo as recordações remotas, usando o termo fidelidade. Direi, por exemplo, morar no mesmo apartamento desde 1976, sem saber se há alguma razão transcendente para essa espécie de imobilidade, ou melhor, essa espécie de fidelidade (direi preferir a palavra fidelidade à imobilidade, que pressupõe algo de fatal, de condenatório.) Tentarei explicar essas minhas fidelidades-imobilidades dizendo que, em meio a uma infinidade de vivências espessas e obscuras, algumas poucas vezes fui tomado por uma sensação de evidência, clareza, iluminação. E que isso sempre se deu em flashes fugazes (direi que apenas uma vez permaneci nesse estado especial de percepção talvez pouco mais de uma hora). Direi então que a única coisa a que de fato venho sendo fiel na vida é a esses em si mesmos obscuros momentos em que certas iluminações se deram, sem que jamais eu tenha entendido o porquê disso.

3

ESTOU com meus pais e meus irmãos na lanchonete da piscina do clube. Ela está fechada, o clube sempre fecha a piscina nos meses de inverno. Terminamos de comer e meus pais conversam com o garçom, que conhecemos há bastante tempo e com quem temos uma relação cordial. O garçom se chama Juarez e se parece com o senhor Roarke da *Ilha da Fantasia*. Não há outra mesa ocupada além da nossa. O dia está nublado, saímos da lanchonete e caminhamos um pouco, então meus pais decidem parar no gramado próximo à área dos quiosques e pegam umas cadeiras de armar. Eu e meus irmãos descemos até o atracadouro de barcos e ficamos olhando a represa. Depois subimos até o casarão inspirado no estilo *fachwerk* que deu origem ao nome do clube, Clube de Campo do Castelo. Voltamos até onde nossos pais estão e logo decidimos ir embora.

Vamos ouvindo no carro a gravação de um dos discos do Costinha. O Costinha conta a piada do português que pergunta para a noiva se ela é cabaço e a moça então decide usar pele de salsicha para fazer papel de hímen. Vemos um cachorro agonizando numa das pistas da marginal – o animal está com a barriga voltada para cima e emite uma espécie de uivo ininterrupto. Paramos no Carrefour e fico olhando a seção de discos enquanto meus pais e meus irmãos percorrem o mercado. Observo a capa de um disco dos Rolling Stones em que aparece só o baterista Charlie Watts, ao lado de um jumento, usando uma cartola do Tio Sam e erguendo com um dos braços uma guitarra Gibson SG. A imagem e o som do cão agonizante não saem da minha cabeça. Decido não levar disco nenhum e vou ao encontro dos meus pais, que já estão numa das filas para pagar.

Chegamos em casa e vemos os Trapalhões, depois vemos o Fantástico. Saio da sala quando vai começar o noticiário internacional, que falará sobre uns protestos que aconteceram essa semana na Alemanha Ocidental contra a instalação de novos mísseis nucleares Pershing em bases da OTAN. Meu coração acelera toda vez que aparece na TV alguma entrada do Plantão do Jornal Nacional, nesse ano de 1983. Vou para o quarto e fico deitado e não consigo pensar em nada que me distraia dessa sensação opressiva, escura e ruim que venho experimentando. Folheio o *Primeiramão* e leio o anúncio da venda de um Karmann-Ghia, 1969, vermelho, tratar com Ronald, telefone 531-3317.

Acordo no meio da madrugada e fico na cama até seis horas. Ouço o ruído longínquo de um avião ligando os motores em Congonhas (estou a três quilômetros em linha reta do aeroporto) e ouço meu pai entrar no banho. Vou à cozinha e pego um resto de guaraná Taí na geladeira e bebo, mesmo estando com pouco gás. Fico na cozinha, lendo os anúncios do *Primeiramão*, até a hora de ir para o colégio. Desço com meu pai e o zelador o aborda na garagem querendo que ele assine uns papéis e o carro demora para pegar e saímos e vejo meu professor de geografia, o Zuquim, entrar na Tabapuã vindo da Clodomiro Amazonas em sua Honda XL-125, fazendo uma curva veloz e perigosamente fechada. Meu pai me deixa na Renato Paes de Barros e sigo a pé pela Virgílio Várzea e o bedel da escola, o Romeu Boca de Caçarola, não me deixa entrar porque eu não trouxe meu boletim de notas assinado. Não posso voltar para casa (minha mãe vai querer saber por que, etc.) e passo uma hora sentado em frente a um prédio antigo, de três andares, na esquina com a Rua Brasília, lendo um livro chamado Cândido Urbano Urubu, que rasgo e jogo num bueiro quando termino. As sensações escuras e desesperadoras que venho

sentindo, mais a expectativa de que hoje terei um dia ruim, tudo isso estimula minhas tendências regressivas e me faz pensar numas férias que passei no Guarujá, em dezembro de 1980, numa casa imensa ventilada por imensas portas-balcão em cuja sala eu ficava folheando os fascículos de Os Grandes Mestres da Pintura – lembro-me de minha fixação pelo quadro Lição de Anatomia, de Rembrandt, e de minha fixação, anterior a essa, pelo quadro Tiradentes Esquartejado, do Pedro Américo, e de um baú repleto de exemplares antigos de A Tribuna de Santos, e de um rádio a válvulas num móvel de madeira, e de lustres e mármores que haviam pertencido ao Grande Hotel, onde o Santos Dumont se enforcou, e de um livro escrito em latim impresso em 1791, e de um capacete enferrujado do M.M.D.C., e de uma bomba, desativada e enferrujada, usada pelo exército paulista em 1932, e de um ferro de passar com o compartimento onde a brasa era depositada, e de um ventilador Walita da década de 1950, e de uma menina chamada Sandra, e das fotos dessas férias em que apareço sempre com cara de idiota quando estou perto dela, e de como me ressenti quando minha tia vendeu a casa para uma construtora, e da primeira vez em que passamos um feriado no apartamento para onde ela se mudou, na Páscoa do ano passado, e que namorei uma menina bonita e engraçada que tinha apartamento nesse prédio, e que quando me enchi daquele namoro sem qualquer possibilidade íntima, sempre cercado de outras crianças, eu tomei um remédio chamado Mictasol e disse, pessoal, meu mijo é azul, quem quer ver?, então eu urinei no banheiro dos empregados do prédio, na frente de todos, e todos riram muito e minha namorada, Ana Paula, riu também, mas essa minha atitude suscitou nela, além do riso, uma reação de choque, escândalo, repulsa.

4

AS FÉRIAS de julho começam e vamos para a praia, na Vila Caiçara.

Os dias estão chuvosos e não há quase ninguém em nossa vizinhança. Estão vazias as seguintes casas: da dona Macarrão, que sofre de insônia e que tenta dormir ouvindo fitas do Richard Clayderman; da Bete, que bebe conhaque de desjejum e bate nas filhas com raquete de pingue-pongue; da Gorda Cica, cuja mãe, que é macumbeira, colocou uma estátua do Exu das Matas no fundo da casa; de um sujeito que dizem que deu dois tiros na cabeça da mulher; de um sujeito com o nariz deformado que apelidamos de Pipoca; de um sujeito que apelidamos de Doutor Phibes; de um sujeito

chamado Allan Kardec. Estão ocupadas as seguintes casas: do Elton, nosso amigo; do Toni, nosso amigo; do seu Zé, um engenheiro da Cerâmica São Caetano que veio morar aqui depois de se aposentar e que agora trouxe para morar com ele uma mulher chamada Naná, que ele conheceu num dos incontáveis prostíbulos da região: Fazendinha do Tio, Negro's Bar (ou China's Drinks), Mil e uma Noites, etc. (A Naná, que se parece bastante com o Moe, dos Três Patetas, daqui a dois anos será a primeira mulher que se oferecerá sexualmente a mim. Ela estará bêbada, chorando, dizendo que o Zé brigou com ela. Então ela pegará no meu braço e começará a beijá-lo e a lambê-lo, e eu me sentirei um pouco nauseado com o cheiro da Naná, misto de cachaça e suor, e ela me perguntará: você não quer sair comigo?, eu não sirvo para você?, etc.)

Passamos os dias chuvosos jogando (Atari, jogos de tabuleiro da Grow, etc.), ou vendo televisão, ou brincando de sorteio. Sorteio é uma brincadeira em que escolhemos dez nomes, dez ações, dez partes do corpo (ou objetos, ou lugares, ou situações), mais dez nomes. O último sorteio que fizemos deu o seguinte resultado: Zezinha perdeu a dentadura na orgia do Zé do Caixão; Arlindo chupou o cocô do Elton; Reverendo Moon tocou sanfona no suplício de Agnaldo Timóteo; Leonel Brizola comeu macarrão com barata na sessão espírita de Ezequiel; Chiquinho Scarpa fumou maconha no parquinho de Neguinha Safada; Flávio Migliaccio deu uma machadada no dente podre de Francisco Cuoco; Araci de Almeida chupou um caralho na peixaria de Nelson Ned; Naná cagou no bombardino do Porcão Melecão; Mussolini saiu voando do barbeador de Otacílio; Chico Xavier fez mágica com o olho de vidro de Mussum.

VOLTO da praia e vou a uma festa num apartamento na Alameda Santos, de uma colega do Gracinha. Todos os móveis foram tirados da sala, onde foi instalado o equipamento de som. O DJ é um sujeito de uns trinta anos, de bigode e camisa havaiana. O equipamento que ele opera tem um equalizador Quasar 9900 e um amplificador também Quasar, modelo 7070. Ele está tocando agora uma música feita com sintetizador e bateria eletrônica, e a voz da cantora está com bastante eco. Vejo um sujeito com uma calça quadriculada, acho que da oitava série, tentando fazer o pulo que o Paul Stanley faz no clipe de *Lick it up*. O nome dele é Murilo e ouvi dizer que uma época ele estava andando com uma turminha da Rua da Mata e que uma vez eles quebraram o vidro de um carro na Jerônimo da Veiga para roubar o toca-fitas, etc. Uma garota chamada Ana Maria para na minha frente, segurando uma garrafa de Coca-Cola. Ela insinua uns passos de dança e ri para mim. Eu também rio para ela, mas me faço de desentendido. Eu sei que ela, a Ana Maria, gosta de mim, mas eu não

gosto dela. Na festa anterior ela veio conversar comigo e me disse que havia descoberto recentemente que seu coração ficava do lado direito do tórax, mas eu não me interessei pelo assunto e me afastei dela. Eu queria ficar, hoje, com uma menina chamada Annamaria, com dois enes e tudo junto, mas a primeira coisa que vi quando cheguei a essa festa foi ela, a Annamaria, beijando um sujeito chamado Beto, um sujeito que joga polo aquático e que mora num casarão no Morumbi e que de uns tempos para cá passou a ir para a escola usando uma camisa feita de pano de chão.

ESTOU na caçamba de uma Ford Pampa, com o Tom e o Anuar. Uso minha camiseta dos Sex Pistols e um chaveiro de fio de telefone, espiral, no pescoço. Viemos trazer um banco de ferro, de jardim, para a casa de um parente do Tom, no Pacaembu. O telefone do Tom é 853 alguma coisa. (Nesse ano em que fizemos um passeio noturno na caçamba de uma Pampa eu dei de presente de aniversário para o Anuar uma lata de tinta spray Colorgin, de cor verde.) Cruzamos a praça Charles Muller e contornamos a Faap e seguimos até a praça Vilaboim, depois viramos na Rua Bahia. Rodamos um pouco por Higienópolis, enquanto o Anuar vai contando a história de um sujeito que perdeu numa aposta uma carteira OP emborrachada porque não conseguiu comer cinco biscoitos cream cracker em um minuto. Ele diz que pode não parecer, mas que é mesmo impossível alguém comer cinco cream crackers em um minuto, que uma única cream cracker deixa a garganta totalmente seca e que demora um pouco até que a saliva umedeça de novo a garganta. Entramos na Rua Conselheiro Brotero e vamos subindo a rua e leio o grafite, 1984: o grande irmão está de olho é na butique dela. Observo os prédios e penso que foi de algum deles que o cara da Gang 90 se atirou.

Num outro trecho do passeio estamos em Pinheiros, na Rua dos Pinheiros, e passamos em frente à danceteria Pool, que está cheia de pessoas na porta, porque vai haver show de umas bandas, Sempre Livre, Kid Abelha, Ultraje a Rigor, então me lembro da história que o meu primo Boi contou, que ele estava outro dia no Radar Tantã e que a guitarrista do Sempre Livre gostou do chapéu que ele estava usando e propôs uma troca, um beijo de língua em troca do chapéu, e que meu primo topou beijá-la, em troca do chapéu. Ele, meu primo, tem treze anos, mas talvez ele passe por uns dezessete ou dezoito. Leio num muro na Rua Joaquim Antunes o grafite, mulheres: de fresca basta a tinta, e também a palavra sosifo.

Voltamos para o Itaim e paramos no McDonald's da Juscelino Kubitschek. Vejo que o gerente não é o mesmo daquele dia, no semestre passado, em que o Tom e o Anuar foram ao banheiro e pisaram num

monte de saquinhos de mostarda e ketchup e o gerente veio atrás de nós na Renato Paes de Barros e nós ficamos sem fôlego e tocamos a campainha de uma casa para continuarmos correndo. Paramos de correr já perto da Tabapuã, mais ou menos em frente ao prédio onde a radialista Mírian Lane foi morta durante um assalto, no começo desse ano. Esse episódio do Mc foi naquela semana que teve o blackout, quando eu subi de escada quinze andares até o apartamento do Tom carregando minhas peças de bateria, uma caixa, um bumbo e um prato de condução. Foi também na mesma semana que o Tom e eu compramos um disco do Menudo para rabiscar a capa, riscá-lo, destruí-lo, e que o dono da loja de discos na Tabapuã, um sujeito que eu e meu primo Boi apelidamos de Bunda Gorda, tirou sarro da gente, o que, hem?, os roqueiros do Itaim comprando disco do Menudo, etc.

Enquanto comemos falamos do veterano do Vietnã que outro dia entrou atirando num McDonald's em San Diego e matou mais de vinte pessoas. Também falamos sobre o que pretendemos fazer caso uma guerra nuclear aconteça mesmo nesse ano de 1984. Digo que se eu pudesse escolher alguma coisa para fazer antes de o mundo acabar eu escolheria transar com a Márcia Bulcão, da Blitz. O Tom me olha com escárnio e diz, Greg, Greg, você é um trouxa mesmo. Nem o Tom nem o Anuar concordam comigo que a Márcia Bulcão é mais bonita que a Fernanda Abreu. (Meu apelido, nessa época e nesse grupo de pessoas, é Greg.) Outras coisas que eu faria se o mundo acabasse: incendiaria o edifício Joelma; explodiria um posto de gasolina; roubaria uma motocicleta Ducati, uma daquelas *scramblers* antigas, e daria umas voltas com ela.

ESTOU deitado na minha cama, ouvindo o programa do Afanásio Jazadji. A primeira história que o Afanásio conta é a de um sujeito chamado Terto, que os vizinhos flagraram tendo relações bestiais com uma cabrita. Afanásio durante a narração faz várias vezes a voz de uma cabrita supostamente apaixonada, vem, Terto, vem. Agora o Afanásio está contando o caso de um bandido chamado China Preta. Ele chama o bandido China Preta de canalha e de ordinário. Nessa semana já ouvi o caso do bandido Jimmy Cliff, que estuprou uma mulher, matou-a e depois enfiou um sarrafo nos genitais do cadáver. E o caso do Monstro de São Bernardo do Campo, que degolou um menino de oito anos e fez coito oral com a cabeça decepada. E o caso de um travesti que esfaqueou um comerciante durante um assalto a uma lavanderia. Afanásio diz que os travestis, esses malditos, têm de ser exterminados porque estão disseminando o câncer gay, a aids, a peste. Como estou em férias e não preciso levantar cedo tenho ouvido todo dia esse programa.

A CAPA do disco Ronaldo Foi pra Guerra, do Lobão e os Ronaldos, mostra uma ilustração em que a banda aparece em segundo plano, numa atitude de espreita em relação à figura que aparece em primeiro plano, um sujeito sorridente, caminhando descontraído por uma rua, usando chapéu e um terno de linho claro. As feições do sujeito lembram as de Ronald Reagan quando jovem. O estilo da ilustração é o mesmo das peças publicitárias publicadas nas *Seleções do Reader's Digest* nas décadas de 1940 e 50. Os membros da banda (Lobão, Alice Vermeulen, Odeid Pomerancblum, Guto Barros e Baster Barros), aliás, usam em suas apresentações chapéus e jaquetões estilo Al Capone. Alice Vermeulen ficou famosa no underground nova-iorquino, no início da década, antes de vir para o Brasil em companhia de Júlio Barroso, com uma performance em que executava passos de balé clássico enquanto cantava *Lili Marleen*, aquele hino não oficial da Wehrmacht (*wie einst Lili Marleen, schon rief der Posten, sie blasen Zapfenstreich*, etc.). Lobão e Alice Vermeulen, que são um casal, costumam ser vistos em casas noturnas como o Roof, um rooftop que fica no vigésimo-segundo andar do Edifício Dacon, aquela torre de vidro cilíndrica, plantada na esquina das avenidas Cidade Jardim e Brigadeiro Faria Lima. A lenda mais em voga sobre o Lobão nesse mês de julho de 1984 refere-se à suposta declaração que ele deu numa entrevista, de que tivera sua primeira relação sexual com a própria mãe. Minhas faixas preferidas do álbum *Ronaldo Foi pra Guerra* são *Bambina*, *Abalado* e *Tô a Toa Tokio*.

VARO a noite vendo o Comando da Madrugada. Coloco então o *1984*, do Van Halen, e fico ouvindo o disco com meus fones de ouvido DAM, enquanto vejo as imagens que aparecem na tela da TV, do *Telecurso Segundo Grau*. Volto a faixa *Girl Gone Bad* quatro vezes e mudo o disco, coloco o *Beat*, do King Crimson. Ouço a faixa *Two hands* até a metade e desligo o som e a TV, e decido andar de bicicleta. Vou até a garagem e pego minha Peugeot vermelha, cujo quadro foi soldado porque o dono anterior foi atropelado com ela na Praça Panamericana. Sigo pela Faria Lima e observo o logotipo da Henri Matarasso, e lembro que quando eu era pequeno eu achava que aquela combinação da letra agá sobre a letra eme parecia os suspensórios que meu primo Tob usava. Eu achava isso, essa analogia entre duas letras e um suspensório, engraçada, não sei por quê. Chego ao Shopping Iguatemi e desço até o estacionamento externo, que fica na parte de trás. Observo os fundos do Museu do Disco, um pôster com a cara do John Lennon na capa do *With the Beatles*, e o exaustor conectado à coifa do Viena. Vejo as horas no meu Champion e percebo que estou um pouco enjoado dessa pulseira verde e que chegando

em casa vou trocá-la. O ar está com cheiro de dióxido de enxofre. Também está com aquele cheiro de fezes que vem do rio Pinheiros e que prenuncia chuva. Penso que esse é o último fim de semana das férias, e que as aulas voltam na segunda, e que eu receberei o boletim de notas, e que devo ter tido notas ruins em duas ou três matérias. São sete horas e vinte e seis minutos. O rio Pinheiros cinquenta por cento são merda, cinquenta por cento são dejetos químicos.

5

ESTOU no quarto, estudando ditado rítmico com o método Pozzoli. O quarto que estou usando é da minha avó, que foi passar uma temporada no Guarujá com uma de suas irmãs. Trouxe para cá o aparelho de som e meus discos. Sobre a pilha de discos estão algumas revistas *Mad* (vejo daqui a capa Mico Jackson no Brasil), algumas Status e alguns exemplares do Planeta Diário. O interfone soa na cozinha e vou atendê-lo. O porteiro diz que o Otto está procurando o Eddie e digo que ele pode subir. (Eddie é meu apelido em 1985.) Abro a porta e levo Otto ao quarto e ele vasculha meus discos e pega um dos Planetas Diários, um que tem na capa a chamada, Intestino Volta a Funcionar: Tancredo Já Está Cagando e Andando, e também a chamada, África do Sul Proíbe Negros de Cagarem na Entrada e na Saída, então ele me estende uma fita cassete e diz para eu desmontá-la. Pergunto por que ele quer que eu desmonte a fita. Então o Otto diz que um sujeito chamado Milton Maloca falou que alguém trocou o rolo de uma fita dele, uma fita Maxell Chrome 60, e colocou no lugar o rolo de uma fita vagabunda, provavelmente de uma dessas TDKs falsificadas que o pessoal traz do Paraguai. Otto diz que a fita do Slayer que ele me emprestou era do Milton Maloca e que o tal sujeito está achando que fui eu que troquei o rolo e que ele disse para o Otto, traz esse Eddie aqui que eu quero trocar uma ideia com ele. Boto o Otto pra fora da minha casa e digo para o porteiro não deixá-lo subir mais.

LEIO o título, *Yellow Cake*, num encarte que veio na *Status*. Trata-se das primeiras setenta páginas de um romance escrito por Alexandre Von Baumgarten sobre contrabando de urânio feito pelo Brasil para o ditador do Iraque, o Saddam Hussein. (Von Baumgarten foi assassinado há três anos.) Leio um trecho que diz que o general Newton Cruz, que Baumgarten chama de Nini, tem complexo de ter a bunda grande e joga peteca para tentar perder peso.

Decido ir ao Mappin Itaim. Quero comprar um caderno, e talvez cordas para guitarra. Sigo pela Clodomiro Amazonas e viro na Leopoldo Couto de Magalhães e chego ao Mappin e vou até a seção de material de papelaria e olho as capas dos cadernos e todas as capas são sobre surf, então compro cinquenta folhas de papel almaço. Depois vou à seção de instrumentos musicais, onde um sujeito está tentando tocar a introdução de *I love it loud*, do Kiss, numa bateria Pinguim branca. O sujeito lembra um pouco um sujeito chamado Correinha, um vizinho nosso na praia. (Correinha, que em janeiro desse ano disse que a Naná, a prostituta parecida com o Moe, dos Três Patetas, prostituta que, no ano que vem, 1986, será a primeira mulher que se oferecerá sexualmente a mim, o Correinha disse que se a Naná continuar dando para qualquer um provavelmente ela vai acabar morrendo com aids na boceta.) Observo as guitarras no mostruário e compro um encordoamento D'Addario, espessura 0,09 mm, e desço até a seção de discos, onde vejo um cartaz divulgando um show do Ultraje a Rigor que vai acontecer ali no estacionamento do Mappin.

Volto para casa e meus irmãos estão no quarto da minha avó, revirando o armário. Eles encontraram uma dentadura velha numa caixa e meu irmão André coloca a dentadura na boca e nós rimos bastante com isso. Depois vamos à cozinha e pegamos um martelo de bater carne e quebramos alguns dentes da dentadura e meu irmão põe a dentadura na boca, agora com alguns dentes quebrados, e nós continuamos a rir.

VEJO numa Status uma sessão de fotos em que um sujeito que vende sorvetes numa carroça puxada por um jumento aparece como coadjuvante da modelo nua. Esse sujeito costumava estacionar sua carroça na saída do meu antigo colégio, o Gracinha. (O porteiro do colégio para onde fui nesse ano, o seu João, costuma mostrar para nós fotos antigas em que aparece um sujeito fazendo sexo com uma mulher; seu João diz ser ele aquele sujeito.) Penso no Correinha "aids na boceta" e tento repassar mentalmente tudo que já li e ouvi a respeito da aids: um folheto sobre o vírus HTLV-III; um amigo dizendo que soube por fontes seguras que a aids é causada pela coramina, um vasodilatador "que os veados usam para ser mais fácil dar o cu" e que acaba causando imunodepressão; a história da loira gostosa que seduz os caras, vai ao motel, transa e antes de ir embora escreve com batom no espelho, "bem-vindo ao clube da aids"; os aidéticos que fazem cortes no dedo e os enfiam em recipientes de ketchup e mostarda de lanchonetes para disseminar o vírus.

ESTOU na feira de antiguidades do MASP, com um amigo chamado Wagner e seu pai, que é leiloeiro. Paramos num estande de uma parente deles, uma judia que parece estar meio bêbada e que diz alguma coisa sobre o absorvente íntimo de uma mulher ali próxima de nós estar fora do lugar. Ela chama o absorvente íntimo de travesseiro. Wagner e eu vamos dar uma volta e somos abordados por um sujeito que está usando uma camiseta onde está escrito Fernando Henrique Prefeito 85 e que pergunta para nós se gostamos de poesia. Wagner diz que adora e pergunta se o cara quer ouvir uns versos que ele sabe de cor e começa a declamar, os velhos jogam baralho, e as velhas chupam caralho, o ônibus corre na pista, pau no cu do motorista, o ônibus corre ligeiro, pau no cu do passageiro, hoje é festa na floresta, bobeou levou na testa, dizem que Roque Santeiro, pegou a viúva Porcina, virou-a de bunda pra cima e fodeu, então o sujeito se afasta de nós.

6

É DEZEMBRO de 1986 e estou num Chevette, na Avenida Cidade Jardim, e observo o carro que vai à nossa frente, um Diplomata. Há um sujeito no porta-malas do carro. Ele, que se chama Isaac e que vai fazer uma festa da qual vamos participar, vê que estamos rindo dele e também procura rir. Isaac é amigo de um sujeito chegado a nós chamado Muleta, que tem o tornozelo cheio de platina e que pilota uma Yamaha RX-125. É a terceira vez nesse dia que atravessamos a Cidade Jardim, que liga o Itaim ao Morumbi. Na vez anterior o cara que está dirigindo esse Chevette passou numa poça para molhar as pessoas que estavam num ponto de ônibus, vamos dar um banho nesses baianos, ele disse. Chegamos à casa onde vai acontecer a festa e fico jogando xadrez com um menino enquanto os caras discutem onde vão montar a aparelhagem de som e a irmã do menino, uma garota da nossa idade, diz que eu pareço ser um cara inteligente, pela maneira como olho para o tabuleiro de xadrez, e um de nós diz, é, o Rã é bem cabeça. (Meu apelido, nessa turma e nessa época, é Rã.) Na volta ao Itaim alguém vem no carro falando o tempo todo sobre as aplicações financeiras de um tal de Zé Maria e diz que a coisa não passa de um esquema pirâmide, vocês vão ver só, logo-logo essa merda vai quebrar, um monte de diretor da Rede Globo botou dinheiro nisso, tem gente que até vendeu apartamento para colocar dinheiro no Zé, vão todos se foder, esse esquema é que nem a Challenger, o dinheiro sobe e explode, então alguém me pergunta se já falei com o Tom, se já pedi o pedal emprestado

para ele e digo que não, então esse sujeito no carro diz, eh, Rã, pelo jeito você vai ter que comer o Minhoca, e todos riem, essa é uma de nossas *private jokes*, apelidamos o porteiro do prédio do baterista de nossa banda de Minhoca e inventamos que o Minhoca é um pederasta ricaço que se finge de porteiro para nos assediar, então sempre que um de nós aparece com um equipamento recém-comprado nós dizemos, andou comendo o Minhoca, hem? Outras *private jokes* nossas: atribuir comportamentos e declarações ao Renato Rocha, baixista da Legião Urbana, que dizemos que na verdade se chama Zé Rogério e que na verdade ele é um operário da Volkswagen (fazemos a voz do Zé Rogério imitando a voz grave e cantada daqueles negros abobalhados e estereotipados dos desenhos racistas da década de 1930, "eu trãbãlho na Volksi-waaagen"); atribuir comportamentos e declarações ao João Baptista, o baixista que vem acompanhando o Lobão nesse ano, 1986 – dizemos que o apelido do João Baptista é Múmia, que ele guarda seus equipamentos num carrinho de feira, que o apelido de seu Fender Jazz Bass é Falcão e que o apelido de seu Fender Precision é Dinamite, e que João Baptista outro dia gastou "quatrocentos paus" numa daquelas pipas de empinar feitas em formato de gavião; atribuir comportamentos e declarações a um saxofonista que toca num bar na Rua Jerônimo da Veiga, que chamamos de Peruquinha e que dizemos ser organista.

VAMOS ao show de uma banda chamada Ilustres Visitantes, no colégio Santa Cruz. A banda, cujo guitarrista é nosso conhecido, está distribuindo flyers de um show que eles irão fazer numa casa noturna chamada Ácido Plástico. Vejo uma garota um pouco mais velha que eu sentada com o namorado numa janela. Ela é bonita e está usando um cashmere cor de areia e tenho a impressão de que ela estudava no Gracinha há alguns anos. Depois do show vamos a pé até o Jack in the Box da Praça Panamericana e eu como batatas fritas e bebo uma Coca-Cola. Conversamos sobre o leite com contaminação radioativa que o Brasil importou da União Soviética e algum de nós (um que costuma dizer pingue lá depois, Casagrande) diz que daqui a trinta anos todos estaremos com câncer por causa desse leite. Voltamos para minha casa e um de nós coloca uma gravação de uma reportagem que o Goulart de Andrade fez numa instituição que cuida de crianças com problemas mentais. O vídeo mostra um menino chamado Raul, que aperta a mão do Goulart e diz a ele a palavra dacmit. O médico então diz ao Goulart que dacmit quer dizer doutor Smith. Um de nós comenta, rindo, porra, esse moleque parece o Nasi do Ira!, não parece?, então fica voltando a gravação e fica gargalhando e repetindo, meu-meu, é a cara do Nasi. Depois colocamos

uma fita pornô e um de nós fica comendo queijo parmesão e melancia enquanto vê o filme, depois colocamos uma gravação do horário eleitoral gratuito desse ano e voltamos algumas vezes à parte em que um baiano diz que vai votar no Ermírio Arilho, então um de nós diz que viu outro dia a pichação, MR-8 Apoia Quércia, e pergunta se MR-8 não era aquela coisa de comunista dos anos sessenta, então um outro de nós diz que o Quércia, que foi eleito, tem um capanga chamado Piauí que costuma apagar o charuto na língua dos desafetos do patrão, então a fita mostra um vídeo rodado ao contrário que diz Maluf faz, faz, faz, a gente andar pra trás, depois aparece um sujeito mostrando a casa de um conjunto habitacional em estado de pré-desabamento e o sujeito diz, olha só, Maluf faz, faz, faz só porcaria, vejam só as casas construídas pelo Paulo Maluf.

ACORDO no meio da noite com uma sensação agradável que talvez tenha a ver com o ruído hipnótico da bomba de ar do aquário que há no meu quarto. Volto a dormir, então tenho um sono conturbado em que pressinto alguma atividade paranormal que talvez tenha a ver com o livro que venho lendo antes de dormir, um livro do Lobsang Rampa chamado Você e a Eternidade. Levanto-me com o dia ainda escuro e tomo banho e fico jogando xadrez no computador, depois vejo um pouco de televisão, então decido ir ao Shopping Iguatemi. As lojas ainda estão fechadas e espero até dez horas então vou ao Museu do Disco e observo a capa de um disco do Depeche Mode, e vejo várias capas de disco feitas com um papel só um pouco mais grosso do que papel sulfite (o desabastecimento provocado pelo Plano Cruzado, meu amigo Toni, que no começo desse ano ficou me falando por três horas ininterruptas sobre o Plano Cruzado, etc.), então compro o disco *There & Back*, do Jeff Beck. Na volta passo no prédio do Frederico (o Minhoca não está na portaria) e vamos ao Clube Pinheiros e ficamos conversando na pista de atletismo, que ainda está com um resto da névoa matinal, e fico impressionado com a velocidade dos corredores que estão treinando. Observo um 727 da Transbrasil que se aproxima de Congonhas e o Frederico me diz que está pensando em sair da banda, que ele quer fazer um som mais trabalhado, na linha do jazz-fusion, e eu estou pensando nos filmes que vi recentemente na Sala Especial, um que a Sandra Brea chama um barbudinho parecido com o Alan Parsons de broxa e outro que um sujeito faz uma serenata para a Wilza Carla, então me lembro da chamada do *Planeta Diário*, *Wilza Carla Explode na Terça-Feira Gorda*, depois me lembro de um amigo que disse que está fazendo academia com a Nicole Puzzi, lembro-me dele dizendo que os peitos dela são bons, mas que ela em geral é meio fraquinha, então saímos do Clube Pinheiros e volto para a minha casa e fico olhando para a

capa do disco do Jeff Beck e lembro do vendedor da Hi-Fi que outro dia corrigiu minha pronúncia, John McLaughlin, é assim que se fala, McLaughlin, e depois deu uma batidinha com o disco na minha cabeça, então percebo que estou me sentindo um pouco enjoado e sonolento.

SHOW do Lobão no Projeto SP. O Projeto SP é uma estrutura de lona montada na esquina da Augusta com a Caio Prado, no terreno onde ficava até 1968 um colégio para meninas chamado Des Oiseaux. Vou ao show com o Frederico, meu primo Boi e um sujeito chamado Rildo. A banda que acompanha o Lobão tem Jurim Moreira na bateria, Torquato Mariano Martinez na guitarra e o João Baptista no baixo. João Baptista é aquele sujeito que chamamos de Múmia e que dizemos que guarda os cabos de conexão num carrinho de feira. Voltamos para o Itaim, para o apartamento da minha tia. O telefone instalado nesse apartamento, na Rua Manuel Guedes, é 853-6791. Esperamos para ver se alguma banda interessante vai aparecer no Perdidos na Noite e então decidimos ir comer, eu, Boi, Alexandre, Frederico, uma menina cujo apelido é Ursa e uma prima dela de Porto Alegre cujo nome parece que é Gelli. Gelli é modelo e outro dia nos mostrou uma fita pirata dos Engenheiros do Hawaii e todos estamos excitados com a presença dela, então vamos não ao Jig's, uma lanchonete onde costumamos ir, esquina da Nove de Julho com a João Cachoeira, mas ao Anabelle, que fica na Nove de Julho ao lado do America, um diner que foi inaugurado ano passado, 1985. Frederico pede um estrogonofe, que vem dentro de um pão italiano e por algum motivo achamos isso engraçado e ele parece um pouco constrangido com o fato de todos na mesa estarem rindo do estrogonofe servido dentro de um pão italiano. Terminamos de comer e acompanhamos as meninas até o prédio delas, depois vamos até a banca de frutas na Nove de Julho, que funciona 24 horas. Compro a *Somtrês* e o Boi compra cigarros e a Ele & Ela e o Alexandre e o Frederico não compram nada. Voltamos ao apartamento na Manuel Guedes e vemos o final da apresentação do Alípio Martins, que usa um sobretudo e balança duas maracas e canta uma música cuja letra tem duplo sentido, eu quero gozar, pausa, a vida com você. Algum de nós diz que o Faustão já era, que desde que o programa passou para a Bandeirantes ficou muito ruim. Depois colocamos na Gazeta, canal 11. A Gazeta passa videoclipes a madrugada inteira, um programa chamado *Night Clip*. Ficamos vendo videoclipes até umas três da manhã, eu e meu primo Boi, enquanto tentamos fazer uma lista de coisas que dão desânimo – meu primo diz que o Mappin Itaim e esse ano em que estamos, 1986, dão desânimo, e eu digo que o som do Yamaha DX-7 e os músicos que acompanham o Lulu Santos, especialmente o

Artur Maia, dão desânimo, vamos fazendo uma extensa lista de coisas que dão desânimo, o programa do Jô Soares segunda à noite, Ford Del Rey, cartório, Bradesco, Avenida Jabaquara, Serginho Leite, prefixo de telefone começado com o número quatro, Guarulhos, carnaval, loja de colchões, Campari, St. Remy, pessoas que falam chopinho e sanduba, moletom, roupas brancas, tênis Olympikus, carro com adesivo da Rede Zacharias de Pneus, Dire Straits, então decido ir embora e sigo pela Pedroso Alvarenga e sinto um pouco de medo de estar andando sozinho nesse horário, o Itaim é um bairro inseguro em 1986, o prefeito Jânio Quadros ainda não removeu as favelas daqui, chego à Paes de Araújo e vejo o flat que foi construído no terreno onde ficava a casa do Mazzaropi, o ator, e penso em todas as demolições que já presenciei aqui no bairro e também penso na Naná, a garota de programa parecida com o Moe dos Três Patetas que quis sair comigo outro dia e que o Correinha disse que provavelmente vai morrer com aids na boceta.

7

NADA está acontecendo nesse ano de 1987. Eu e o Boi mandamos uma fita demo para o Espaço Off, que fica aqui no Itaim, numa rua pequena chamada Romilda Maria Gabriel. Um amigo nosso que apelidamos de Inspetor Montecchio disse que no lugar onde hoje funciona o Off funcionava uma boate de veados chamada Rolf Club, isso lá por 1979, 80. Eu e o Boi começamos a rir e o Montecchio não entende por que e depois comentamos, olha só, hem?, quem diria, o tio Rolf. (Rolf é meu padrinho, irmão da minha mãe, hilário e absurdo imaginá-lo como dono de uma boate de homossexuais.) Passamos muito tempo vendo TV, geralmente coisas que gravamos em vídeo. Revemos o tempo todo um filme que gravamos ano passado na Sala Especial, um filme chamado Será Que Ela Aguenta? Revemos também uma reportagem em que o Goulart de Andrade mostra um grupo de travestis injetando silicone industrial e que uma hora ele questiona a precariedade do lugar, do procedimento, das condições de higiene e conforto, e que um travesti chamado Bartô responde, olha, chuchu, conforto pra mim é isso, um maço de cigarro e uma garrafa de café. Vemos os filmes do Gordo e o Magro que passam depois do Caçulinha Entre Amigos, na Bandeirantes. Vemos o Programa Ferreira Neto. (Dizemos que um amigo nosso, que apelidamos de Cor de Merda, vai fundar o fã-clube do Ferreira.) Vemos uma reportagem sobre a seita do Santo Daime, a atriz Lucélia Santos girando de um lado para o outro, usando um vestido branco que parece roupa de crente, aí um amigo nosso que apelidamos de Flato Consumado diz que a Lucélia Santos está

quebrada, que ela está tomando esse chá porque não tem mais dinheiro nem pra comprar maconha. (O Humor Engraçado de Mongol. O Gasparetto não é bicha: é tricha. Etc.) Tenho comprado muitos discos usados na Eric Discos. Comprei nessa semana o *Tarkus*, do Emerson, Lake & Palmer, e o Smack *Ao Vivo no Mosh*, do Smack. Compro sempre as revistas *Playboy*, *Ele & Ela*, *Interview*, *Bizz*, *Somtrês*. Ouço histórias aterrorizantes sobre alistamento militar – que na junta de alistamento de São Bernardo do Campo eles colocam todo mundo pelado num ônibus e ficam rodando pelo centro da cidade, que um amigo do Yasbek (que apelidamos de Débil Mental) parou de escovar os dentes porque ouviu dizer que o exército dispensa quem tem dentes podres, que um fulano que foi servir em Brasília quebrou um dente porque o arroz do rancho estava cheio de pedra. Ouço um monte de histórias horríveis, sobre pessoas com aids, sobre um sujeito que caiu de um prédio depois de levar um choque elétrico enquanto montava um enfeite de Natal, sobre um sujeito que levou uma machadada na cabeça durante briga entre punks e skinheads em Santo André, sobre um acidente nuclear em Goiânia, que uns candangos abriram a marretadas uma cápsula de césio-137 e que viram que dentro da cápsula tinha um lindo e brilhante pozinho azul. (Ouço uma música chamada *Blue Powder*, do Steve Vai, que veio no *flexdisc* da *Guitar Player*.) Histórias horríveis: sobre cadáveres perfeitamente conservados que foram exumados de um cemitério em Mauá, que os corpos não entraram em decomposição por causa da extrema poluição química (industrial) do solo, uma história horrível sobre o fosso interno do Edifício Martinelli ter sido um cemitério de fetos abortados, uma história horrível de um sujeito que estava fazendo roleta-russa e que a arma disparou e que o sujeito sobreviveu, só que cego e surdo. (Agnaldo Timóteo no Programa Ferreira Neto, "O governador Leonel Brizola me chamou de negro safado e eu decidi que iria até em casa pegar minha arma para matá-lo".) Vejo no cinema os filmes *Powaqqatsi*, *Oci Ciornie* e *Full Metal Jacket*. Vejo na TV um filme brasileiro chamado *Viagem aos Seios de Duília*. Leio o *Livro Orange*, do Bhagwan Shree Rajneesh. Novas casas noturnas inauguradas no Itaim: a House, na Rua Manuel Guedes, e a Zóster, na Rua Iguatemi, 347. A casa onde a Zóster foi montada era da minha tia, mãe do Boi. Ela vendeu-a ano passado ou retrasado, não sei bem. Outro dia teve na Zóster um show da banda Akira S e As Garotas que Erraram. Os próximos shows na Zóster, que é uma casa voltada para o público gótico, serão com as bandas Vzyadoq Moe e Maria Angélica Não Mora Mais Aqui.

8

SAIO do colégio e desço a Rua Quatá até a Avenida Santo Amaro. Um ônibus Bairro do Limão passa e decido não entrar, sei que ele lota na subida da Brigadeiro. Estudo no Objetivo unidade Itaim e preciso ir até a unidade Paulista para ver uma aula de DP. Permaneço no ponto quase meia hora até que meu ônibus chega. É um desses ônibus vermelhos, de dois andares, que o prefeito Jânio Quadros colocou ano passado na frota da CMTC. Subo e sento-me ao lado de uma mulher que lembra um anão, embora ela tenha estatura normal. Durante o percurso vou lendo um livro que conta a história de um cemitério capaz de ressuscitar os mortos que são enterrados nele.

Desço do ônibus e caminho até o colégio. As aulas de DP são dadas no subsolo do prédio, que pertence à Fundação Cásper Líbero. O professor é o Ézio, que também dá aula na unidade Itaim. Ézio é um tipo mirrado, histriônico, e parece ser obviamente homossexual. Ele pega o microfone e começa a resolver exercícios sobre gases perfeitos. Continuo lendo o livro sobre o cemitério que ressuscita cadáveres, depois pego uma revista Veja e leio uma reportagem que diz que o Leonel Brizola foi acusado de racismo por ter dito num evento público no nordeste que na Rede Globo até os negros parecem bonitos. Ézio eleva o tom de voz, e diz, você!, apontando o dedo para uma aluna, e diz em seguida, me dá um cigarro! Ele faz esse pedido usando uma maneira de falar macho man, caricatural.

Assino a lista de presença e decido ir embora. Subo a escadaria e vou caminhando até a Brigadeiro e observo os postes repletos de propagandas eleitorais e vejo a cara de um candidato a vereador que parece um conhecido meu chamado Pé na Cova. O ônibus chega e subo nele e a descida até o Itaim é rápida. Almoço e vou para o quarto e passo algumas horas lendo o livro sobre o cemitério e chego a uma parte em que um menino que se tornou uma espécie de zumbi secciona o tendão da parte de trás do tornozelo do pai. Fecho o livro e ligo a TV para assistir ao debate entre Jacinto Figueira Jr, o Homem do Sapato Branco, e os hare krishnas (o debate da semana passada, mediado pelo Serginho Groissman, foi entre o Afanásio Jazadji e os punks). Jacinto diz que uma vez um hare krishna lhe falou que era tudo grupo essa história de castidade dos hare krishnas, que na casa onde eles moravam era todo mundo com todo mundo, que era uma tremenda de uma surubeta, e um

dos hare krishnas presentes no debate diz, é mentira, e o Jacinto continua falando e o hare krishna passa a repetir, de modo monocórdico, é mentira, é mentira, é mentira, enquanto o Jacinto fala.

9

VOU ao Victoria Pub com o André Nozawa. O André é guitarrista de uma banda pós-punk e me ligou dizendo, vamos lá, Frump, você entra de *roadie* conosco (Frump-Trouxa é meu apelido em 1989). O Victoria fica na Alameda Lorena e hoje é dia 12 de junho, dia dos namorados. André me pergunta sobre a Denise Mandruvinha, uma menina de Santo André com quem eu estava saindo no começo do ano, aquela que parecia o cantor sertanejo Christian, do Christian e Ralf, mas que você dizia que era parecida com a Molly Ringwald, diz ele, e eu digo que não estamos mais juntos. A banda do André começa a apresentação e o vocalista, que é franzino e que tem aquele cabelo ralo de quem vai ficar careca, é xingado de Cazuza por alguém na plateia. Penso na piada do Cazuza, que meu primo Boi me contou, "Ei, você viu que o Cazuza está surdo?", "Sério?", "Sim, Jesus chama ele, 'Cazuuuza, venha, Cazuuuuza...', só que ele não ouve...". O show logo termina e eu e o André vamos dar uma volta pelo Victoria para ver se encontramos alguma garota desacompanhada e a única que encontramos é uma mulher de uns quarenta anos, com o cabelo curto e descolorido, que está usando um par de óculos escuros Ray-Ban Wayfarer e que começamos a chamar de Fernanda Naporana, porque ela é parecida com um crítico musical que escreve na revista *Bizz* chamado Fernando Naporano. Estamos sem dinheiro e vamos ao banheiro beber água de torneira, depois subimos a uma espécie de mezanino e ficamos falando da vez em que fomos conversar com o Brian Eno, na Bienal de 1987, e que ele rabiscou num papel a frase, *you fucking cunt*, e deu o papel para o André, falamos também sobre reportagem que o Goulart de Andrade fez no Juqueri e da interna que disse que gostava de xidêba (cinema) e filme poibido, e da vez que fomos ao Studio Tan alugar CDs e que vimos lá um sujeito que meu primo Boi apelidou de Mulatão, um baixista que tinha um baixo fretless, e que o Mulatão estava muito louco e disse para a gente, Ziebart ou ferrugem?, e rimos contando essas histórias e vejo encostados no balcão do Victoria um bando de japoneses brincando de dar choques elétricos uns nos outros com aquela bola de vidro com um pino no meio, do qual fica saindo uns raios.

VOU ao teatro, numa galeria na Avenida Santo Amaro, ao lado do Hospital São Luiz. Viemos ver, eu, meu primo Boi, meu irmão André e o Alexandre, uma peça que exibe sexo explícito. O André, que ainda é menor de idade, está vestido como o Jece Valadão nos anos 1970 – calça branca, uma camisa que apelidamos de Chuva de Meteoro e uma capanga pendurada no ombro. Alexandre, que é modelo, está usando uma

camiseta da agência Elite. Eu estou com um blazer de veludo cujo apelido é Tédio. Entramos no teatro, que não tem muitas cadeiras ocupadas, e vemos um casal de idosos e um de nós comenta que a mulher do casal é a cara da vó do Maurice. A peça começa e tem um sujeito meio velho que fica mostrando o tempo todo seu pênis flácido e um sujeito jovem e forte que copula com uma mulher loira que está usando um vestido vermelho. Saímos do teatro e vamos comer no Baby'o, na Joaquim Floriano, e falamos sobre as eleições e um de nós diz que ouviu o Lula dizendo que a classe média está apavorada achando que se ele for eleito ele vai pôr quinze baianos pra morar em cada apartamento nos Jardins, então meu irmão diz que viu outro dia o Agnaldo Timóteo e o Jacinto Figueira Júnior no diretório do PDS e que foi lá pedir autógrafos para eles.

LEIO um livro chamado O que é Pós-Moderno?, de um sujeito chamado Jair Ferreira dos Santos. O livro fala sobre escritores como Thomas Pynchon, Kurt Vonnegut e John Barth, e de filósofos como Jean Baudrillard e Jean-François Lyotard, e de sociólogos como Daniel Bell e Alvin Toffler, e de compositores como Steve Reich, e de artistas plásticos como Wesley Duke Lee e Duane Hanson, um escultor hiper-realista. Há no livro a reprodução de uma escultura de Hanson, uma velha segurando uma sacola, que se parece bastante com as pessoas que vemos paradas em pontos de ônibus e andando de metrô. Passo a achar quase todas as pessoas que vejo na rua parecidas com as esculturas de Duane Hanson.

ESTAMOS nos últimos dias de 1989 e venho pensando de forma insistente nas coisas que eu estava fazendo há exatamente um ano – os dias de dezembro que um amigo chamado Elton passou aqui em casa; a noite em que pedimos uma pizza e que ela veio com uma barata e que daí fomos ao Well's do Shopping Iguatemi, que também estava infestado de baratas; nós ouvindo o disco Saqueando a Cidade, do Joelho de Porco; a manhã que fui com meu irmão André tirar carteira de trabalho e que um sujeito chamado Zé da Carteirinha pediu propina para furarmos a fila; nós vendo o filme em que o Herman Nietzsche-Freud faz uma serenata para a Wilza Carla. Penso também na primeira mudança de década que testemunhei, a passagem de 1979 para 1980, e no que até agora foi meu pior ano, 1983, e naquela garota de minissaia branca que eu vi em Ilhabela, em janeiro de 1979, que deve ter agora perto de trinta anos. Penso que quanto mais a lembrança da imagem daquela garota se afasta no tempo, mais ela me parece pungente – e penso que nem eu, nem ninguém podem fazer nada a respeito disso.

ANOS 1990

1

ESTOU NO CENESP, no horário de almoço. Hoje é meu último dia como funcionário da Gessy Lever. Vou dar uma volta e saio ao jardim que há entre os blocos de prédios e fico observando o parque aquático The Waves. O dia esquentou bastante, estamos quase em dezembro, e estou usando um blazer de lã uruguaio cinza, camisa Arrow Italian 39, uma gravata ordinária, com listas azuis e verdes, que apelidei de Sophia Loren. Volto ao bloco C e tomo o elevador até o sétimo andar. Desço e atravesso a recepção, onde está escrito Van den Bergh & Clayton, que é o nome da divisão de alimentos da Gessy Lever. Sento em minha divisória e observo a gravura de Roy Lichtenstein, *Girl with ball*, que colei ali na parede há alguns meses. Alguém escreveu a lápis sobre a gravura o nome Mônica. Ao lado da gravura há o xerox do crachá de um colega com a frase, procura-se louco fugido do hospício. Ligo o computador e digito uma série de valores no Lotus 123 e fico trabalhando nessa planilha mais ou menos até o meio da tarde, quando digo à minha superiora imediata, Sarah, que vou dar uma volta.

Passeio por uma hora pelo corredor de lojas e restaurantes do CENESP – vejo num café a loira grandalhona e peituda que trabalha na Rhodia, acho que no bloco F, compro um disco, o *Unknown Pleasures*, do Joy Division, vejo na livraria a capa de um livro chamado *Cenários em Ruínas*, que eu sei que foi usado pelo documentário América, produzido pela Rede Manchete. Volto para o escritório e recolho meus objetos, *Uma Nova História da Música*, do Otto Maria Carpeaux, *De Bauhaus a Nosso Caos*, do Tom Wolfe, alguns disquetes velhos, de 5 ¼ polegadas, uma barra de chocolate Laka comida pela metade. Deixo a gravura do Roy Lichtenstein na parede mesmo e decido não me despedir de ninguém, só digo tchau para a Sarah, sem qualquer ênfase, e ela me pergunta se está tudo bem e eu digo que sim, tudo.

Pego uma carona com meu pai, em seu Escort XR-3, cor de cereja, 1988, placa BFC-3461. Voltamos para casa ouvindo o Jô Soares Jam Session e vejo o prédio do Novotel, então me lembro de quando eu era pequeno e ele era o único prédio que havia naquela parte elevada do Morumbi. O trânsito na Marginal Pinheiros está carregado e observo um sujeito pilotando uma Harley-Davidson e vejo que o sujeito está usando um

capacete M-35 com a insígnia da Schutzstaffel, então coloco uma fita em que gravei *Variations for Winds, String and Keyboards*, do Steve Reich, e fico marcando o tempo, Um, dois, três, quatro, cinco, seis, Um, dois, três, quatro, cinco, os primeiros dez minutos de Variations é todo assim, compasso 6/8 seguido de compasso 5/8.

À noite vou ao Dama Xoc com o André Nozawa e encontramos um sujeito que estudou conosco no Objetivo e o sujeito, não sei por que, cisma que sou usuário de cocaína e fica insistindo comigo, pô, descola uma farinha aí, até que ele se convence de que não sou usuário de cocaína e se afasta. O Dama Xoc está vazio e decidimos ir embora e olhamos a porta do Aeroanta e eu digo ao André que fui outra noite a um lugar no Itaim chamado Espaço Raísa e que havia apenas três pessoas vendo a apresentação do Arrigo Barnabé e que o Arrigo ficou o tempo todo reclamando do som, dizendo que o som do sintetizador estava rachado.

Vamos à Rua 13 de maio e paramos no Espaço Persona e observo dois hippies que jogam xadrez na calçada. Depois vamos até o Bela Bola, um salão de sinuca na Avenida Angélica, e jogamos duas ou três partidas. O André menciona a vez no semestre passado em que fomos ao Teatro Municipal ver um show do Nouvelle Cuisine e que na volta acabamos indo parar na Boca do Lixo e que tivemos de andar a pé um bom trecho da cracolândia até chegar ao metrô e então conto para ele de um passeio que fiz, há algumas semanas, com meu primo Boi e meus irmãos, um passeio pelas bocas, Major Sertório, Bento Freitas, Rego Freitas, Nestor Pestana, e que vimos um travesti usando roupas cintilantes que apelidamos de Árvore de Natal e uma garota drogada parecida com a Ângela Rô-Rô urinando nas calças e um bicha louca de short e meias até os joelhos, meias com listas pretas e brancas, que apelidamos de Vascaíno e o André me pergunta se o Boi ainda tem aquele Diplomata 83, preto, e eu digo que sim, tem.

Chego em casa e tomo banho e deito na sala e coloco no videocassete uma fita com as reportagens que Jacinto Figueira Júnior, o Homem do Sapato Branco, vem fazendo para o Aqui Agora. Vejo a reportagem de um falso padre – um sujeito identificado como arcebispo começa a esmurrar um portão, gritando, ou abre ou eu arrombo!, então sua dentadura sai do lugar e quase cai da boca e ele a pressiona contra a gengiva. Há um corte na reportagem e uma mulher aparece dizendo, pela fresta do portão, que o padre foi internado ontem. Jacinto diz então que o falso padre está com aids, que ele gastava todo o dinheiro dos dizimistas em saunas gays, etc. Fecho os olhos e fico apenas ouvindo o som da reportagem seguinte, uma

reportagem sobre a boate Michel, e a voz do Jacinto vai ficando longínqua e então eu durmo.

EU, meus irmãos e meu primo Boi usamos uma série de palavras dando a elas um sentido radicalmente peculiar e amplamente impenetrável para pessoas de fora do nosso grupo. São basicamente seis palavras: entidade, morcego, tigrão, verdugo, vodu e cabelo-suelizado.

Três dessas palavras – morcego, tigrão e verdugo – são usadas para se referir a determinados tipos humanos dotados de certas características físicas sutis (mas que para nós são absolutamente inconfundíveis). Duas delas – entidade e vodu (variante: envoduzado) – referem-se a tipos humanos cuja "aura" sugere perturbações psicológicas, latentes ou patentes, graves ou moderadas.

Já cabelo-suelizado (variantes: cabelinho-de-suelen, o verbo suelizar, etc.) é uma definição puramente estética, cuja conceituação foi feita por um amigo nosso chamado Toni. Toni chegou ao conceito de cabelo-suelizado ao tentar entender por que certos cortes de cabelo e certos penteados usados pelos homens, especialmente nos anos 1970, lhe davam uma inequívoca impressão de ridículo, embora esses cabelos não tivessem nada de errado à primeira vista (não fossem explicitamente ridículos).

O cabelo suelizado geralmente é liso. É compridinho (não comprido), rigorosamente penteadinho, sem nenhum fio fora do lugar. Sua forma dá uma impressão de rigidez e artificialidade. É frequente que o cabelo suelizado seja rigorosamente repartido ao meio. (Exemplos: Chitãozinho e Xororó nas capas de seus primeiros discos; Fernando Collor quando jovem; o ator Mario Benvenutti no filme Gugu, o Bom de Cama; etc.)

Tentamos explicar o que é tigrão para um amigo nosso chamado Edgar. Edgar é pai-de-santo e já foi guru da Monique Evans. Citamos exemplos de tigrões: Carlos Zara, Jece Valadão (embora Jece não seja um tigrão genuíno), Sílvio Santos, um ator antigo e obscuro chamado Luigi Picchi. Explicamos que existe uma subdivisão na categoria dos tigrões que chamamos de tigre-júnior. Citamos uma série de verdugos (Carlos Menem, Francisco Petrônio) e morcegos (José Serra). Edgar dá alguns palpites, fulano de tal é tigrão, não é?, sicrano é verdugo, etc. Nenhum dos palpites de Edgar, contudo, é correto. Ele parece ficar intrigado e em seguida irritado e diz a nós, o.k., rapazes, continuem aí, brincando de esquizofrenia.

VOU passar alguns dias no Guarujá, num apartamento na praia de Astúrias. Passo os dias lendo, indo à praia e passeando de carro com meus irmãos. Leio a história de um sujeito que apelidou a esposa de Miss Vagabunda Espiritual 1948. Na história o sujeito tem um diálogo espirituoso e divertido com uma menina de seis anos que ele encontra na praia e, logo em seguida, quando ele volta a seu quarto no hotel, ele se mata com um tiro na cabeça. Em meus passeios de carro com meus irmãos sempre ponho a mesma fita, uma que tem *Love is the Strangest Way*, do Andy Summers, que gravei propositalmente com a rotação um pouco abaixo do normal. Eu e meus irmãos estamos com mania de falar imitando o Leonel Brizola, e aí, Leonel, como vai?, então um de nós sempre responde, ah, estou com uma bruta de uma didimalgia, pronunciando a letra L com som de L mesmo, não de U. (Inventamos recentemente uma história bastante detalhada em que o Leonel Brizola narra seu envolvimento amoroso com um travesti chamado Sulka, "a SuLLLka", etc.) Uma tarde vamos visitar nossa tia-avó Emma, em seu apartamento, e vou até a estante em que estão o capacete enferrujado do M.M.D.C. e o livro em latim do século XVIII. O telefone da minha tia ainda é 86-4601, o mesmo que era na casa da Rua Cubatão. (A casa surpreendentemente ainda não foi demolida, passamos na frente dela outro dia e ficamos observando sua quase-ruína. Minha tia também ainda tem o Dodge Polara 1977 que meu pai vendeu a ela em 1980.) Quase toda noite vamos pegar comida no Jaber e numa das vezes atravessamos das Astúrias para as Pitangueiras pela praia, já que a maré está baixa, e quando voltamos vemos que a areia está cheia de baratas. As madrugadas meus irmãos e eu passamos jogando baralho e fumando cachimbo, um tabaco holandês chamado Troost. Como eu não tenho cachimbo, meu irmão André sempre me empresta um de seus Plumbs, ingleses. Às vezes ligamos a TV para ver se está passando uma espécie de teste que as emissoras aqui da baixada santista costumam fazer um pouco antes de voltarem ao ar, em que várias chamadas da emissora são exibidas, sempre antecedidas por uma ficha descritiva, Clube do Bolinha, 30 segundos, Verão Vivo, 15 segundos, etc.

2

VOU me apresentar com a banda pós-punk do André Nozawa, que fará os shows de abertura de uma banda punk alemã chamada Die Toten Hosen. Os shows serão no Woodstock Bar, na Rua da Consolação, quase

chegando na Estados Unidos. Die Toten Hosen significa Os Calças Mortas. O vocalista da banda do André (que uma vez foi xingado de Cazuza pela plateia do Victoria Pub) diz que os skinheads telefonaram para o Woodstock dizendo que vão aparecer e descer a porrada em todo mundo. Paramos numa padaria na Consolação e bebemos cachaça e cerveja. Saímos bêbados da padaria e entramos no Woodstock e subimos para o camarim e reparo que um dos músicos do Die Toten Hosen está fumando Camel sem filtro. Vou dar uma volta pelo bar e vejo um skinhead, que está com uma camiseta com a bandeira do estado de São Paulo, suspensórios, coturno. Vejo também alguns famosos, como o João Gordo, vocalista dos Ratos de Porão, e o Philippe Seabra, vocalista e guitarrista da Plebe Rude. Estou vestindo uma camiseta com a bandeira dos Estados Unidos e uma jaqueta de couro e irei me apresentar usando uma máscara do Jason, do Sexta-Feira 13. Alguém diz que o show vai começar e subo ao camarim e pego a guitarra e desço para o palco e ligo a guitarra num amplificador Marshall JCM-800. Tocamos duas músicas e uma parte da plateia começa a chamar a banda principal e tiro a máscara do Jason e penso numa reportagem recente que o Luís Carlos Alborghetti fez sobre o Ronald Biggs, especificamente sobre a contratação do Biggs pelo governo do Rio como instrutor de segurança para turistas na ECO 92 – lembro do Alborghetti dizendo, o cara é ladrão!, a Inglaterra quer meter a mão nesse sujeito até hoje, ô governador Leonel Brizola, pelo amor de Deus, então lembro do Alborghetti dizendo “Beagles do satanás” e rio, e penso na parte do *The Great Rock’n’Roll Swindle* que foi filmada em Paquetá, o Steve Jones e o Paul Cook andando de bicicleta e levando chicotadas e o Ronald Biggs cantando *Belsen was a gas*, então tocamos mais uma música e terminamos o show.

3

ESTOU sozinho, numa casa grande e desabitada, num bairro elegante e exclusivamente residencial, situado na zona oeste de São Paulo. De segunda a sexta permaneço aqui, durante o horário comercial. Raramente alguém – algum vendedor – aparece aqui, na casa. O telefone também, poucas vezes precisa ser atendido. (Idem o aparelho de fax.) Essa casa, uma casa típica do Alto de Pinheiros, construída na segunda metade da década de 1960, vem sendo usada como escritório, escritório de uma indústria, escritório de vendas de uma indústria de produtos de limpeza. Às vezes ocorre alguma entrega aqui na casa, sempre de alguma matéria-

prima, ácido sulfônico, por exemplo, que serve para a fabricação de detergentes. Estou ganhando um salário ridículo, mais ou menos cem dólares mensais, para ficar aqui, e atender o telefone, e eventualmente atender fornecedores, e eventualmente passar ou receber algum fax. A casa, por se situar numa região estritamente residencial, não podia estar abrigando esse tipo de atividade. Além de desabitada, ela, a casa, tem poucos móveis e, de modo geral, poucos objetos.

Ocupo minhas intermináveis horas ociosas, de segunda a sexta, lendo A Comédia Humana, de Honoré de Balzac. Sempre releio a mesma cena de Uma Estreia na Vida, a cena do aristocrata que é chamado de fabricante de velas por dois estudantes. Releio a cena porque ela é muito engraçada. Ler Balzac está me fazendo ver que a grande literatura frequentemente é muito engraçada, além de ser, sempre, muito clara. (Aquela gente pau no cu, aquela gente metidinha e pomposa, que na década passada se exibia carregando pra lá e pra cá os livros do, ó, Milan Kundera, e do, ó, Umberto Eco.) Às vezes ligo o rádio, um lendário Philco Transglobe, e tento sintonizar alguma estação de ondas curtas. Eventualmente ligo o computador, um 386, e fico clicando nos ícones que aparecem na tela. Achei outro dia num dos armários aqui dessa casa um livro em cuja capa está escrito Guia Ferroviário do Estado de São Paulo – 1979. Trata-se de um volume toscamente diagramado, cheio de pequenos anúncios de obscuros estabelecimentos comerciais dos quais, passados catorze anos, não deve ter sobrado nenhum. Um dos anúncios me tocou em especial, o de uma óptica chamada Lutz Ferrando, que existia na minha rua, Rua Tabapuã, no Itaim. Eu havia me esquecido completamente desse lugar. Venho folheando esse guia com um fascínio que eu não consigo explicar muito bem – fascínio por um manual velho e mofado que fala sobre partidas e chegadas de trens acontecidas há catorze anos?

Vou almoçar e subo a pé a Cerro Corá e chego ao Soggiorno, que é onde eu almoço quase todo dia. Há um pôster enquadrado atrás do caixa de um sujeito pilotando um kart, piloto que eu desconfio que seja o Rubens Barrichello. Às vezes vou almoçar num antigo restaurante na Brigadeiro Gavião Peixoto chamado Terrazza Romana, que tem uma comida deliciosa e barata, e que tem um ar de 1973, um ar de algo fadado a desaparecer em breve (o Terrazza fica num salão imenso, como o do restaurante do Ceasa de quando eu era pequeno, e tem toalhas de pano, e talheres pesados, e pratos idem, pesados, e enquanto eu almoço olhando para aquele salão imenso e vazio, ouvindo uma versão kitsch instrumental de *Strawberry Fields Forever*, transmitida pela Scalla FM, uma estação que só toca *easy listening*, e mastigo só com os dentes do lado direito

porque o dentista a que estou indo, um sujeito até que gente fina, oficial dentista da aeronáutica, fez uma barbeiragem estupenda no meu segundo molar da arcada inferior, mas como eu dizia, enquanto estou ali, almoçando no Terrazza Romana, eu me lembro que no restaurante do Ceasa, lá por 1978, havia um quadro com a fotografia oficial do presidente Ernesto Geisel, e eu penso que o fato de eu estar praticamente apartado de qualquer convívio humano nesse ano de 1993 vem fazendo minha memória (e minha imaginação) ganhar uma densidade quase física, como a memória do Natal de 1981, que me veio à cabeça hoje de manhã, enquanto descia com meu Passat a Cerro Corá e ouvia no rádio uma música do Aerosmith chamada *Seasons of wither*, sim, o Natal de 1981, quando ganhei um gravador Aiko de presente, e que um menino chamado Meco, filho de uma amiga da minha mãe, improvisou uma história para eu gravá-lo falando, e a história que o Meco improvisou virou um clássico meu e dos meus irmãos, pela espantosa concentração de absurdos, solecismos, etc.: era uma vez uma caveira enterrada!, e havia um detetive que vivia procurando ela, há cem milhões de anos!, ele vivia procurando ela e, quando encontrou ela, começou a estrangular ela até morrer!, o detetive morreu, mas a caveira não!, e começou a assombrar as casas até morrer!

Termino de almoçar e saio do Soggiorno e desço a Cerro Corá e passo em frente ao Cemitério da Lapa, onde meu avô paterno está sepultado desde 1951. (Esse meu avô, Salvador Miranda Neto, era gerente do Hotel Terminus, Avenida Ipiranga, 741.) Chego à casa e fico esperando as quatro horas que faltam para eu ir embora, sem que o telefone toque nenhuma vez e sem que ninguém apareça ali. Então eu tranco a casa e pego meu carro e decido voltar para o Itaim pela Diógenes Ribeiro de Lima, uma rua arborizada onde praticamente só há mansões, e uma hora toca no rádio a música *Cop Killer*, do Body Count, e de alguma forma me identifico com aquela fúria toda, *fuck police!*, então a Diógenes termina e entro na Pedroso de Morais e levo uns quarenta minutos para chegar em casa, por causa do trânsito, por causa do espaço, por causa do tempo, o tempo, que é uma sucessão de agoras.

4

ENTRO no Mackenzie pela portaria da Rua Maria Antônia. Já são quase oito da noite, cheguei atrasado e não vou assistir à primeira aula, de contabilidade e análise de balanços. Atravesso o campus pela rua onde fica a faculdade de engenharia. A estação de rádio interna está

transmitindo um de seus boletins informativos. Esses boletins, que costumam falar basicamente das competições esportivas da universidade, usam como vinheta uma música do Jean-Michel Jarre chamada *Orient Express*. Sento-me na lanchonete central, um lugar velho, construído no início da década de 1960, e tomo dois cafés. Carrego comigo um caderno, uma calculadora HP 12 C, um livro de Émile Durkheim, um livro de Ludwig Von Mises e um livro de Thomas Pynchon. O livro de Thomas Pynchon se chama *O Leilão do Lote 49* e eu o estou relendo pela segunda vez. Comprei-o em janeiro desse ano, 1994. O livro narra as aventuras de uma mulher chamada Édipa, que é nomeada inventariante do espólio de um ex-namorado e que a partir disso descobre um sistema de correio clandestino chamado Tristero, que usa o acróstico MOITA, que quer dizer movidos pelo ódio o império de tristero aguardaremos. Releio, ali no balcão da lanchonete, a cena em que o doutor Hilarius, um psicanalista que receita LSD para donas de casa e que desenvolveu uma terapia em que ele faz o uso de caretas para tentar curar a neurose dos pacientes (caretas a que ele dá nomes como careta Fu-Manchu), vê-se cercado pela polícia. Hilarius, armado com um rifle nazista Gewehr 43, está tendo um surto psicótico.

Vou andar pelo campus e entro na biblioteca central, um prédio que foi construído em 1926, que fica ao lado do prédio inaugural do Mackenzie, construído em 1894. Fico na biblioteca por uns vinte minutos e decido não assistir à próxima aula e vou dar uma volta na rua. Desço a Maria Antônia e entro na Doutor Vila Nova e tomo mais um café, num Fran's que foi montado onde antes era o Espaço Alquimia. Enquanto tomo o café lembro-me de uma noite de agosto de 1988 em que a banda de um amigo se apresentou ali para uma plateia de cinco ou seis pessoas, e que esse amigo uma vez falou que quando ele era pequeno ele era tarado pela Stefanie Powers, a senhora Hart do Casal 20, então me lembro de uma conversa que eu tive com alguém na escola, na época em que a Natalie Wood e o William Holden morreram com poucos dias de diferença, em novembro de 1981, deixando o senhor e a senhora Hart viúvos (Robert Wagner e Stefanie Powers). A conversa com esse amigo da escola foi uma conversa especulativa sobre se o Casal 20 não ia agora se casar de verdade. Saio do Fran's e viro na Major Sertório e observo a fachada do Jucabaré, uma casa noturna que o Juca Chaves montou no lugar onde antes era o La Licorne. Subo a Major Sertório até a esquina com a Dona Veridiana e observo a casa onde na década de 1960 funcionava o João Sebastião Bar. Às vezes tenho a sensação de que tudo o que poderia ter acontecido no mundo já aconteceu, que tudo o que poderia ser dito já foi

dito, que a linguagem é mesmo um vasto sistema de citações, como disse o Jorge Luís Borges, que o universo é um sistema em permanente entropia (um sistema equalizador das singularidades, que deixa tudo morno, nem quente nem frio), que ninguém mais consegue produzir diferenças, que tanto faz isso ou aquilo, que o Paulo Francis está certo quando esculacha a pseudo *avant garde* (obras de arte que mostram crucifixos mergulhados em copos de urina, etc.), que o Paulo Francis está certo quando esculacha os críticos de arte que comparam o fotógrafo Robert Mapplethorpe com o pintor Caravaggio, que o Paulo Francis está certo quando esculacha o Bill Clinton, dizendo que ele tem cara de vitela podre, que o Paulo Francis está certo quando esculacha os petistas, dizendo que o Lula conjuga o verbo hospedar dizendo *os pedar da bicicreta*, que o Paulo Francis está certo quando esculacha os politicamente corretos que estão querendo banir *Huckleberry Finn* das universidades americanas por causa do nome do personagem Nigger Jim.

5

É JULHO de 1995 e eu estou na Oficina das Pizzas, na Rua Purpurina, Vila Madalena. À minha frente está F., a mulher com quem venho saindo nos últimos meses. O frio que está fazendo essa noite em São Paulo é tão avassalador, tão brutal que até parece desencadear efeitos ópticos – o ar está parecendo excessivamente límpido e as luzes (dos postes, dos faróis dos carros, das fachadas dos bares e dos restaurantes) parecem umedecidas, como se estivessem sendo filtradas por um cubo de gelo. F. está com os cabelos amarrados e fico observando um pouco seus olhos e penso que talvez os olhos de F. sejam mesmo os olhos femininos mais bonitos que eu já vi. Falamos sobre vários assuntos – sobre a rivalidade entre regiões da Itália (Calábria e Piemonte, por exemplo); sobre aquele velhinho que perambula pelo campus do Mackenzie, o Luiz Poças Leitão (F. também é mackenzista, formada em arquitetura); sobre a desobediência civil que o Shopping Iguatemi vem fazendo contra a proibição do cigarro decretada pelo prefeito Paulo Maluf – digo que vários outros estabelecimentos estão aderindo à desobediência, colando em suas vitrines cartazes que dizem aqui é permitido fumar, etc. Terminamos de comer e vamos para a casa de F. e ficamos lá e ela me empresta um disco do The Alan Parsons Project, o *Eye in the Sky*, então eu vou embora e fico rodando de carro um pouco ali pela Pompeia – passo algumas vezes em frente aos lugares onde morei quando era pequeno, uma casa na Alfonso

Bovero e um prédio na Caraíbas, até que decido voltar ao Itaim. Percorro a Avenida Paulo VI rindo de uma coisa de que me lembrei, que eu e meus irmãos quando éramos menores apelidamos a mãe de F. de dona Lôbis, porque ela era peluda (braços, etc.) e porque ela usava o cabelo penteado para trás, um cabelo liso e grosso que penteado assim parecia cabelo de lobisomem. Conheço F. desde que eu era pequeno. Nossas famílias são amigas desde que os pais de F. vieram da Itália e se estabeleceram no Brasil, na década de 1950. Apaixonei-me por F. pela primeira vez em 1979, quando eu tinha oito anos e ela treze.

ESTOU pesando 67 kg e preciso comprar uma calça menor. Minha calça Forum está com os joelhos rasgados e, embora isso esteja na moda em 1995, calça com os joelhos rasgados, não é toda hora que estou a fim de usar calças nesse estado. Vou ao Shopping Eldorado e compro na Mr. Ghost duas calças número 38. Depois passo na Zoomp e experimento uma calça, também 38, mas algo me incomoda em seu corte. A vendedora que me atende na Zoomp é linda e está com mau-hálito, isso porque provavelmente ela é modelo e faz jejum. Saio da Zoomp e encontro o Caio, um dos membros do clube dos vagabundos, que me conta uma história minuciosa e meio confusa sobre um sujeito, conhecido dele, que saiu com a namorada do motel Faraó's e que resolveu dar uma acelerada no carro, um Monza meio velho, e que ele conseguiu acelerar até uns 170 e que conseguiu manter essa velocidade por uns dez minutos, mas que aí o motor começou a fazer um barulho estranho, um plec, plec, plec, e que foi perdendo potência e que quando ele chegou ao Itaim e entrou na garagem o motor travou e não ligou mais. Passo numa perfumaria e experimento um perfume chamado Chevignon, mas algo me desagrada nele, então vejo alguns outros, que já conheço, e acabo comprando um vidro pequeno de Cacharel pour Homme. As notas de topo do Cacharel pour Homme são noz-moscada, lavanda, sálvia esclareia e bergamota. As notas de coração são cyclamen, cravo, jasmim, ylang-ylang, lírio do vale e gerânio. As notas de fundo são abeto, âmbar, sândalo, almíscar, musgo de carvalho, cedro e vetiver.

VOU ao cinema com meu irmão Johnny. Assistimos ao *Ed Wood*, um filme do diretor Tim Burton que conta a história do tal do Ed Wood, que é considerado o pior diretor cinematográfico de todos os tempos. Saímos do cinema rindo e imitando o jeito de falar do Bela Lugosi (interpretado no filme pelo Martin Landau), ninguém mais dá bola para o Bela. Agora, além de falarmos como o Luiz Carlos Alborghetti, como o Leonel Brizola, como o Vincet Price em *O Abominável Doutor Phibes*, como o Joe Pesci em *Goodfellas*, como o Ian McKellen em *Ricardo III*, como o Marlon

Brando em *The Godfather*, iremos falar constantemente como o Bela Lugosi interpretado pelo Martin Landau.

Chego em casa e pego o Estadão e leio as notícias sobre o massacre de Srebrenica, na Bósnia e Herzegovina. Em duas semanas os sérvios mataram quase dez mil muçulmanos bósnios. Lembro-me do Luís Lopes Corrêa noticiando o massacre, no Aqui Agora, no SBT, com a chamada, Sérvios pisam na Bósnia. Leio a crônica do Mario Prata e então fecho o jornal. Decido ir andar um pouco na rua e desço até o trecho da Faria Lima que ainda não foi inaugurado e caminho por ele, tentando recompor mentalmente todas as casas que foram demolidas ali. Acho fascinante estar vendo meu bairro, o Itaim Bibi, de uma perspectiva nunca vista antes. Gosto de demolições, de prédios novos, de cheiro de cimento e tinta fresca. Gosto dos prédios da Avenida Paulista, construídos nos anos 1970. Se os casarões da Paulista tivessem sido tombados, a Paulista seria um lugar enfadonho, uma espécie de Avenida Brasil, com todos os casarões ocupados por bancos e clínicas médicas.

UMA tarde de julho de 1996, passada no Playcenter. Eu não vinha ao Playcenter desde 1983. Comento com meu irmão Johnny que ir ao Playcenter num dia de semana é bem coisa do clube dos vagabundos. Clube dos Vagabundos é o nome informal da turma com quem estamos andando mais ou menos desde o ano passado, um grupo de pessoas com idades entre quinze e trinta anos, pessoas que ou estão desempregadas ou que ainda são sustentadas pelos pais ou que vivem de pensões de pais já falecidos que foram servidores públicos. Esse grupo é mais ou menos agregado em torno da namorada do meu irmão André, Débora. Costumamos ir para o apartamento dela à noite, depois que voltamos da faculdade. (Meu irmão André estuda administração na UNIP e eu estudo Economia no Mackenzie.) Ficamos lá, comendo, vendo TV, às vezes passando trotes telefônicos. Os trotes são sempre dados em amigos ou conhecidos e invariavelmente envolvem as tendências sexuais (promiscuidade, homossexualidade, etc.) e as carências (invariavelmente sexuais) dessas pessoas. Minha participação nesses trotes é testemunhal, passiva. Em geral me ocupo com leituras nessas horas que passo junto ao clube dos vagabundos. Tenho lido, lá no apartamento da Débora, um conto do Jorge Luís Borges chamado *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*. É nesse conto que está uma das frases célebres de Borges, a cópula e os espelhos são abomináveis, pois multiplicam o número dos homens. (Borges é o escritor que mais tenho lido nesse ano, 1996. O conto dele de que mais gostei foi O Imortal – ri muito com o fato de Homero, condenado à perpetuidade, e degradado por essa perpetuidade, ter acabado por

escrever sobre a guerra das rãs e a guerra dos ratos, depois de escrever sobre a Guerra de Troia.)

A tarde no Playcenter – que vários de nós, do Clube dos Vagabundos, chamamos de Preicênti, como o Zé do Caixão fala (estamos, nesse ano de 1996, com mania de falar como o Zé do Caixão) – é uma tarde divertida e melancólica. Experimentei uma melancolia semelhante no ano passado, quando levei uma tia a um escritório de advocacia, um escritório elegante, no Pacaembu. Ela foi lá pagar uns honorários de sucumbência e eu vi no escritório uma advogada bonita e só um pouco mais velha do que eu e vê-la me fez pensar que aos vinte e cinco anos talvez eu já esteja irreversivelmente excluído de certas possibilidades existenciais. Os outros lugares aonde temos ido nessas férias de julho são a lanchonete Joakin's (tem um garçom lá que apelidamos de Cabeça Torta), o bar Pittágoras, os Fran´s Cafés todos do Itaim (há cinco), o Fran´s Café da Avenida Sumaré, o 7-Eleven da Joaquim Floriano (onde a Débora sempre compra uma bebida feita com gelo triturado chamada Slurpee), a sorveteria Liolá e a sorveteria Swensen's, na Padre João Manuel, onde vimos outro dia uma briga entre o coronel Erasmo Dias e um sujeito, militante do PSDB – Erasmo acabou atacando o sujeito com um guarda-chuva enquanto dizia, aos berros, o José Serra é comunista e é safado.

FESTAS

Em algum momento em 1997. Estou numa festa na Brigadeiro Luís Antônio, quase no Centro, no prédio onde funcionou o Cine Paramount. Luciano Huck é o anfitrião. O evento é de um projeto para transformar aquele espaço num centro cultural. Entrei na festa com um convite que um figurão, cunhado de uma amiga, me cedeu. Há muitos famosos aqui – além do Huck, vejo o Otávio Mesquita, a Adriane Galisteu, a Claudia Ohana, a Nathália Timberg. Nathália Timberg está sentada sozinha a uma mesa próxima da minha. Ela tem um ar denso, abafado, enfastiado, como o de uma tia-avó que estivesse em dezembro num baile de formatura, sem ar-condicionado, de um sobrinho-neto de quem ela nem fosse muito próxima. Vou dar uma volta e reparo que as pessoas me olham diretamente no rosto, por um tempo bem curto, o tempo de notar que não sou um rosto conhecido. Julgo perceber uma certa decepção nelas, como se meu rosto fosse para elas apenas uma expectativa não cumprida. Otávio Mesquita tenta falar com alguém que está bem afastado dele, e usa

uma gesticulação exagerada. Claudia Ohana parece deslocada e ansiosa, com o olhar perdido, quase como um anônimo que estivesse sobrando ali, naquela festa. Volto para a mesa e vejo que alguém está falando com a Nathália Timberg, que inclina um pouco o tronco para ouvir o que a pessoa diz, e depois se recosta, e faz que sim com a cabeça.

Em dezembro de 1996. Estou numa festa do Destacamento de Apoio Naval dos Estados Unidos em São Paulo, numa casa no Morumbi, uma daquelas casas que você vai descendo escadas e atravessando salas, e descendo outras escadas e atravessando outras salas, até chegar ao imenso gramado que cerca uma piscina que, comparada ao resto, nem é tão grande assim. Vim a essa festa com uma amiga que é professora de inglês e que trabalha no consulado americano. As bebidas são pagas e os marines parecem ser quase todos de origem hispânica. Numa das salas há duas bandeiras pregadas sobre uma falsa lareira, a bandeira americana e a do Corpo dos Fuzileiros Navais, que mostra uma águia sobre o globo terrestre, tendo por trás uma âncora. A águia sustenta com o bico uma faixa em que se lê, *semper fidelis*. Um escocês meio efeminado, que é uma das pessoas mais velhas aqui, talvez quarenta anos, serve as bebidas, atrás de um balcão. Em frente ao balcão um sujeito alcoolizado, alto, magro, com pernas notavelmente compridas, está cochilando, com as pernas aflitivamente apoiadas num banco. Compro uma ficha de cerveja com um marine, que não fala português, embora a mãe dele seja brasileira – capixaba, ele diz. Ele diz, one dollar, o que significa a mesma coisa que um real. (A moeda brasileira ainda está em paridade com a americana. Estamos todos ricos em 1996.) Saio para o gramado com minha cerveja e olho para o salão onde um DJ está tocando. Fico por ali e o DJ põe uma versão eletrônica de *Hava Naguila*, de um CD chamado *Popcore*, que tem na capa o rosto de um bebê verde, então termino a cerveja e me afasto.

FOTOGRAFIA

O primeiro à direita nessa foto é meu amigo Braz Marinho Júnior, já falecido; ao lado dele, Vivian, sua mulher na época; ao lado de Vivian, meu irmão Johnny; e na extrema esquerda, eu.

Júnior era artista plástico e éramos basicamente nós que tentávamos fazer volume humano em seus vernissages. Nós e seu primo Rodolfo Abrantes, na época uma supercelebridade, vocalista dos Raimundos, etc.

Rodolfo sempre ficava na dele, e respeitávamos o estar na dele de supercelebridade, daí não termos fotografias juntos.

Essa foto foi feita num vernissage do Júnior, realizado em 1996, no bar Helena, Rua Doutor Mario Ferraz, Itaim Bibi, que ficava no lugar onde hoje é o Azucar. O Helena ficou famoso na época por causa dos strip-teases da Malu Bailo, que fez em setembro de 1997 um dos mais esfuziantes ensaios que já vi na Playboy (ela era linda, genuinamente sensual, etc.).

Nesse dia no Helena, Júnior, eu e meu irmão Johnny resolvemos inventar uma história para fazer a Vivian de boba – ficamos falando sobre um suposto artista performático japonês, "um dos nomes mais cotados no mercado atual de artes plásticas", cuja performance consistia em serrar (com serrote) listas telefônicas. Vivian nos olhou, meio sorrindo, meio desconfiada, "Serrar lista telefônica?".

(Vivian levava as coisas meio a sério demais. Fez Serviço Social na PUC nos anos 1980 e nessa época cursava Geografia na USP. Crédula, politicamente correta, de esquerda, etc.)

Confirmamos, era isso mesmo, o japonês estava ficando mundialmente famoso com sua performance de serrar listas telefônicas. (Afinal, a arte conceitual, a des-materialização da arte, o questionamento sobre os suportes artísticos tradicionais, etc.) Meu irmão Johnny disse para o Júnior, "o cara é bom, né?", e o Júnior, exatamente com esses olhões arregalados da foto, assentindo com a cabeça, confirmou, "o cara é bom".

8

26 DE DEZEMBRO DE 1998. Estou no meu apartamento, no Itaim. Passei o Natal na casa da Stella, na Vila Mariana. Ganhei os seguintes presentes: um perfume Minotaure (dela) e uma caneta Cross, modelo Classic Century (da mãe dela, Odila). Estou agora deitado na minha cama, zapeando os canais da TV a cabo. Paro no canal da TV Jockey. A tela da TV mostra a imagem da cabeça de um cavalo circundada por uma ferradura, e sobre a cabeça do cavalo há uma touca de Papai Noel. Fico olhando para essa imagem por um longo tempo. A imagem não é acompanhada por qualquer som. Por algum motivo me sinto acolhido por essa imagem muda e estática. Acho-a relaxante.

Levanto-me e vou à cozinha e abro a geladeira e pego uma cereja e uma lasca de chocolate da cobertura de um bolo. Isso abre meu apetite e corto

uma grande fatia do bolo e volto para o quarto. Sento-me na cama e como o bolo olhando para o cavalo com a touca do Papai Noel, então volto para a cozinha e lavo o prato e o coloco no escorredor. Saio para o hall e chamo um dos elevadores e subo até o nono andar. Descobri que o apartamento 92 está vago e peguei na portaria uma cópia da chave dele. Moro nesse prédio desde 1976. O prédio tem vinte apartamentos. Nesses vinte e dois anos entrei em apenas quatro, além do meu.

Abro a porta da cozinha do apartamento 92 e a primeira coisa que atrai meu olhar é a tubulação de gás desconectada. Por algum motivo hesito em acender a luz e vou até a área de serviço e vejo um rodo, um pano de chão e um varal desmontado, encostado no tanque. Volto à cozinha e entro na sala. Tanto o piso da sala, de tacos de madeira, quanto o piso da área e da cozinha são originais, idênticos ao que meu apartamento tinha quando eu era criança. Vou aos banheiros e acendo a luz e vejo que os azulejos e os pisos também são originais, e as torneiras também, e os vasos sanitários e suas válvulas. Sento-me no vaso e apoio a nuca na cobertura de latão da válvula e me lembro que quando havia essa válvula nos banheiros do meu apartamento eu costumava tocar a descarga pressionando-a com a parte de trás da minha cabeça.

Volto a meu apartamento e decido ir dar uma volta de carro para fazer umas filmagens. Minha filmadora é uma Sony Handycam CCD-TR411E. Comprei-a há dois anos, em sociedade com meus irmãos. Tiro a filmadora da bolsa térmica e verifico se a bateria está carregada. Pego as chaves do carro e desço à garagem e entro no carro e vejo se consigo engatar as marchas com a mão acoplada à câmera. Saio à rua e decido seguir a Faria Lima e me sinto um pouco inseguro de estar dirigindo com a câmera na mão e faço algumas tomadas que imagino que ficarão ruins, trêmulas, filmadas através do para-brisa. Pego o retorno em frente ao Shopping Iguatemi e volto para o meu prédio. Estaciono o carro e ligo a câmera e volto um pouco a fita e aperto o play e ponho o olho no visor e vejo uma filmagem que fiz com a Stella há algumas semanas, durante um passeio de carro pelo Alto de Pinheiros. No trecho que eu vejo, Stella está com a câmera apontada para um telefone público, um orelhão duplo, um com o logotipo da Telesp e o outro com o logotipo da Telefonica, e ela diz, olha que legal.

9

ESTOU rodando de carro nos Jardins, procurando algum lugar para tomar café. Paro na Häagen-Dazs da Bela Cintra com a Oscar Freire e tomo dois expressos e uma água com gás. Hoje é 31 de dezembro de 1999 e a meteorologia previu que o tempo ficará o dia todo instável. Volto para o Itaim pela Consolação e decido ir por dentro do Jardim Europa. Sigo pela Rua Polônia e vejo a casa do Assis Chateaubriand e suas luminárias azuis e chego à Rua Dinamarca e vejo a Igreja São José, onde meus pais se casaram, em 1969. (Quando eu era pequeno eu dizia ter visto o casamento deles, sentado num andaime perto do teto da igreja. Essa minha afirmação às vezes desencadeava risos constrangidos em meus ouvintes, já que eu nasci em 1971, etc. Uma época fiquei fascinado pelo tema morte e sempre que eu perguntava a meu pai do que determinada pessoa tinha morrido ele me respondia, "tossiu dentro do guarda-roupa", então ele e minha mãe riam e eu não entendia por que, por que aquela resposta tinha graça para eles e por que alguém podia morrer por tossir dentro de um guarda-roupa.)

Chego em casa e ligo para Stella, minha namorada, e falo com ela jogando uma partida de tétris no computador e quando desligo o telefone dou uma entrada rápida na internet (conexão discada) pra ver meus e-mails. Leio seis mensagens *undisclosed recipients*, duas mensagens pessoais e elimino dezoito spams. Stella disse que virá mesmo aqui em casa passar o réveillon e vou a uma loja de conveniência comprar algumas coisas e antes de sair pergunto a meu pai se está tudo o.k. e ele diz que sim. Meu pai está numa espécie de plantão de trabalho e fala de tempos em tempos com alguém através de um rádio Nextel Motorola i1000 Plus. Existe a possibilidade de que aconteça uma pane nas redes mundiais de computadores quando der meia-noite e a data dos sistemas mudar de 31/12/99 para 01/01/00. A imprensa vem chamando essa possível catástrofe de *bug do milênio*. Volto da loja de conveniência (não temos mais nenhum supermercado aqui perto desde que o teto do Pão de Açúcar da Tabapuã desabou, no começo desse ano) e guardo o que comprei (uma lata de sorvete) no congelador e vou a meu quarto e desligo o computador e me deito e folheio uma Exame VIP com a Sabrina Parlatore na capa e leio uma crônica da Gisela Rao e vou tomar banho.

Stella chega e põe o carro na garagem e ficamos conversando com meu pai, na sala, e depois vamos para o quarto e continuamos conversando e digo que recebi um e-mail de um leitor que viu meu artigo publicado pela

Revista da Folha e Stella diz que legal, então Stella diz que o *Por Que os Homens Não Cortam as Unhas dos Pés?*, o primeiro livro dela, será relançado esse ano, pela Rocco. Perto de meia-noite subimos ao terraço na cobertura do meu prédio, apesar de estar ventando e chovendo. Levamos guarda-chuvas e vemos alguns clarões de fogos para os lados do Morumbi e algumas explosões tímidas, então logo descemos e pergunto a meu pai se está tudo bem, o bug, etc., e ele responde que sim, parece que sim, então vou com Stella para a casa dela e no caminho vou pensando numa música da Tori Amos chamada *Raspberry Swirl*. No dia seguinte a mãe de Stella, Odila, recebe uma amiga para almoçar e depois levamos essa amiga da mãe da Stella para casa, num prédio na Alameda Santos, então eu e Stella lembramos de um carnaval que passamos num apartamento ali, na Alameda Santos, e de que passávamos horas no America, e que vimos no cinema um filme horrível chamado Spawn, e que víamos MTV a madrugada toda, e que o clipe que mais passava na MTV era o de Pink, do Aerosmith, e que eu estava lendo O Imbecil Coletivo, do Olavo de Carvalho, e que o CD que mais ouvimos naqueles dias foi o *Medazzaland*, do Duran Duran, e que a faixa que eu mais gostava desse CD era *Eletric Barbarella* e que a faixa que Stella mais gostava era Silva Halo, e Stella ri muito quando digo isso.

ANOS 2000

1

ASSISTO a um filme no Canal Brasil. O filme acabou de começar, os créditos estão aparecendo. A tela de créditos mostra o quadro *Os Amantes*, de René Magritte, que retrata um casal se beijando com as cabeças cobertas por um pano. O título do filme é Convite ao Prazer, direção de Walter Hugo Khouri, 1980. Leio isso tudo ao apertar o botão info no controle remoto. A imagem de Magritte é acompanhada por uma música agônica, dissonante, em que as notas e acordes do piano têm longa sustentação. Uma citação de Baruch Spinoza, a liberdade é o reconhecimento da necessidade. Escurecimento da tela.

Aparece então a sala de espera de um consultório dentário, parcialmente escura. Uma secretária, uma mulher de meia-idade, loira, com os cabelos presos num coque, lê um livro. Sua mesa tem um spot aceso, um vaso de flores, um telefone. A porta do consultório é aberta e o dentista, um homem de uns cinquenta anos, aparece. Talvez ele já tenha tido uma boa aparência, mas seu aspecto galante está sofrendo um processo de óbvia depauperação. Seus cabelos, também loiros, estão secos e têm uma tonalidade opaca causada provavelmente por alguma loção ou tintura. O corte, que deve ser o mesmo que ele usa desde jovem, não se sustenta mais por causa da escassez de fios, o que dá ao conjunto cabeça-cabelos uma impressão de incongruência. Encostado no batente da porta, ele, cujo nome é Luciano, diz à secretária, já está na sua hora, né, dona Marta?, a senhora pode ir porque talvez eu vá demorar com esse serviço, pode deixar que eu fecho tudo. Sua maneira de falar denota uma boa educação doméstica e é vagamente afetada. (Suas raivas são fortemente reprimidas.) A secretária então lê a agenda com os compromissos que ele, doutor Luciano, terá no dia seguinte. Eles se despedem.

Luciano volta ao consultório e fecha a porta. Olha para a mulher sentada na cadeira, que é jovem, atraente e está bem vestida. Um sorri para o outro. Luciano aproxima o ouvido da porta e espera que dona Marta, a secretária, enfim vá embora. Então apaga as luzes e liga o refletor acoplado à cadeira, o qual dirige ao rosto da moça. Luciano aperta com o pé um comando que eleva a cadeira, depois faz de forma brusca o encosto ficar na posição horizontal. Faz de novo a cadeira descer e fica apoiado num só joelho, como se fosse um súdito em atitude reverencial ante um

soberano. Luciano levanta a saia da jovem e lhe acaricia as pernas. Tira sua calcinha. A moça parece se divertir com a situação.

Luciano então se despe, deita-se sobre ela e a beija de modo aflito. Puxa uma alavanca que faz o encosto ceder ainda mais. A moça pela primeira vez parece ficar tensa. Luciano ergue um pouco o corpo e vira a moça de bruços, ela protesta, mas Luciano insiste na posição, imobilizando-a com o peso do corpo. O intercurso não dura mais que dez segundos.

Continuo vendo o filme pelas quase duas horas seguintes. Rio muito numa parte em que uma mulher velha, rica, fumante (com a voz pré-enfisemática), diz de forma sarcástica e enérgica, que existencial que nada, não me venha com essas coisas, é sem-vergonhice mesmo, malandragem de homem! Existencial... Eles querem é pegar essas vagabundas todas... farra, vadiagem, variação, é uma a cada dia. Durmo na sala e acordo de manhã e experimento o dia todo uma sensação quase física relacionada a esse filme. A sensação parece a de quando temos um sonho muito impressionante e o evocamos várias vezes durante o dia, e percebemos que o dia (o sol, que reduz os vampiros a um punhado de pó) aos poucos enfraquece a impressão causada pelo sonho, diminuindo sua coesão, inteligibilidade e clareza.

2

ESTOU na porta do AmpGalaxy, uma casa noturna de música eletrônica associada à grife A Mulher do Padre. O ano é 2004, o mês é julho. Eu tenho 33 anos. O casaco de couro estilo Ramones que estou usando foi comprado em 1992. Uso dois piercings captive na orelha esquerda. O disco que mais tenho ouvido é uma coletânea de drum'n'bass do DJ Marky (ou do DJ Patife), em especial uma faixa chamada *Wishing Well*. Julgo perceber nesse tipo de música uma grande liberdade criativa associada a um interessante caráter *anonymous* (inventividade sem reivindicações autorais). (Além do AmpGalaxy, frequento a Funhouse, onde outro dia ganhei um CD do Franz Ferdinand num sorteio e ouvi uma música chamada *Hash Pipe*, de uma banda chamada Weezer.) Eu entro no AmpGalaxy, pego uma cerveja e fico no canto onde costumo ficar, perto de um telão que exibe ininterruptamente trailers de filmes estilo exploitation da Something Weird, obscuras produções B americanas dos anos 1960 e 70.

Venho trabalhando como revisor e preparador de originais freelance desde 2001. Tenho estudado html e penso em me tornar web designer. Esse sou eu em 2004: um homem de 33 anos que vem se entregando à vida supondo que tem vocação para as promiscuidades todas, existencial, sexual, etc. Um homem que nunca sabe o que está acontecendo consigo, um homem que ainda não aprendeu a se avaliar com a objetividade implacável dos suicidas. (Há um corredor de espelhos no banheiro do AmpGalaxy, *Hall of Mirrors*, como o da música do Kraftwerk.)

ESTOU jantando com a Martha Medeiros, no Galeto's da Alameda Santos esquina com a Augusta. Uso a jaqueta de couro estilo Ramones, uma velha camiseta GAP cor de abóbora, jeans Levi's 501, tênis All Star Converse. Martha, que veio fazer uma palestra em São Paulo, me diz, Crápula, sabe o que eu reparei agora, quando você estava vindo do banheiro? Que você tem um quê do Jude Law. (Crápula é o apelido pelo qual a Martha Medeiros vem me chamando desde 2002.) Repito, Jude Law?, e rio, e dou um gole na minha cerveja. Martha diz que não é pra eu ficar me achando, não, que eu não sou parecido com o Jude Law, mas que, sim, que eu tenho algo dele. Eu digo, o.k., não vou ficar me achando. Digo a Martha que já disseram que sou parecido com o Lars Ulrich, o baterista do Metallica, que já disseram que sou parecido com o Quentin Tarantino, que já disseram que sou parecido com o Michael Schumacher e que quando eu era mais jovem e mais magro diziam que eu era parecido com o Stan Laurel, o magro da dupla O Gordo e o Magro. Nossos pratos chegam, dois galetos desossados com fritas, então eu conto a história de uma amiga que conheceu recentemente um sujeito no Orkut, que eles começaram a conversar e combinaram um encontro e que o sujeito foi pegá-la em casa dirigindo uma Kombi velha. Martha ri e diz que Kombi é chinelagem demais. Chamo o garçom e peço mais uma cerveja e tentamos eleger qual foi a pior situação envolvendo carro e encontro amoroso por que já passamos e eu digo que a minha foi uma vez quando uma garota com quem eu estava saindo foi me pegar em casa dirigindo um Kangoo que fedia a cachorro. Terminamos de comer e saímos do Galeto's e andamos alguns quarteirões da Paulista e paro numa banca para comprar cartão telefônico e aproveito e compro também a revista da MTV. Martha está num hotel no Centro e digo que quando ela vier de novo aqui para São Paulo nós vamos ao The View, um bar que fica no último andar de um hotel na Alameda Santos. Tomamos um táxi e desço antes dela e nos despedimos e quando já estou saindo do táxi pergunto a Martha que horas sai o voo dela amanhã e Martha diz.

ESTOU almoçando com a Gisela Rao, num restaurante na Vila Olímpia. Gisela está fazendo um trabalho temporário na Lew'Lara, uma agência de propaganda. Visto uma velha camiseta GAP cor de abóbora e um blazer de três botões, com tecido risca de giz, preto. Ficamos no restaurante por quase três horas e bebo em menos de uma hora cinco copos de suco de melancia. Quando estamos comendo a sobremesa tento contar a Gisela, com alguma seriedade, a história de uma aparentada minha, uma tal de Ana-Maria-do-Maneco, que teve um problema no aparelho digestivo que provocou o refluxo de uma espécie de matéria fecal e que um amigo meu chamado Elton passou a contar essa história dizendo, aquela prima da sua mãe que vomitou merda. Gisela parece ficar bastante impressionada com meu relato, então saímos do restaurante e nos despedimos e pego meu carro e o trânsito na Juscelino Kubitschek já está ruim e então começo a sentir vontade de urinar, o que em pouco tempo se transforma numa enlouquecedora e dolorosa vontade de urinar. Meu carro para por causa do trânsito e não consegue avançar mais nem um metro, por um minuto, por dois minutos, por três minutos, não, eu não sabia que suco de melancia era uma coisa tão terrivelmente diurética, então eu abro o porta-luvas para ver se encontro ali um saco plástico, e encontro, e desço o zíper e me ergo um pouco no banco e tento urinar naquele saco plástico, mas não consigo, minha uretra parece estar bloqueada.

ESTOU num lugar chamado Milo Garage, na Rua Minas Gerais. Vim para cá com Stella Florence e Clarah Averbuck. Clarah me apresenta ao produtor musical Carlos Eduardo Miranda dizendo que somos xarás, que meu nome também é Carlos Eduardo Miranda, que ela descobriu que eu me chamava Carlos Eduardo Miranda quando Stella emprestou a ela meu exemplar de *O Psicopata Americano*, do Bret Easton Ellis, e lá estava escrito, na folha de rosto do livro, Carlos Eduardo Miranda, 06/11/1996, e que então ela disse para a Stella, caramba!, que coincidência!, esse livro era do Miranda, meu amigo!, e que a Stella disse, não, o Eduardo também se chama Carlos Eduardo Miranda, só que ele incorporou o sobrenome materno, Haak. Miranda então me pergunta, tu toca também?, e eu respondo ao Miranda que sim, que toco oboé. Clarah diz que quer ir comer num food truck na Rua Mourato Coelho e vamos, Stella, Clarah e eu para a Vila Madalena, e vou falando com Clarah no carro sobre algumas primeiras páginas famosas do jornal Notícias Populares e digo que me lembro de uma quando o Mike Patton foi cortar o cabelo num salão aqui em São Paulo e que os cabeleireiros começaram a se estapear disputando pedaços do cabelo do Mike e que então o jornal estampou na

primeira página uma foto do Mike e a chamada Deu Tudo para as Bichas Loucas.

RELEIO um livro do Jean Baudrillard chamado A Transparência do Mal, Ensaio Sobre Fenômenos Extremos. Corro os olhos por um pequeno capítulo, de quatro páginas, chamado Pulsão e Repulsão. Sempre releio esse capítulo quando abro esse livro. Eu e um amigo chamado Toni inventamos quando éramos adolescentes que o Baudrillard tinha como hobby o bambolê – imaginávamos o Baudrillard fazendo os movimentos pélvicos necessários para manter o bambolê em movimento, equilíbrio, etc. Lembro-me do Toni falando que o Baudrillard pediu quinhentos dólares, um valor simbólico, dado o imenso prestígio dele como intelectual na época, 1988, para fazer uma palestra na Metodista e que a faculdade não aprovou a despesa. Toni disse, bem coisa de São Bernoia mesmo, a pátria da mediocridade.

Das quatro páginas do capítulo Pulsão e Repulsão, o capítulo do livro de Baudrillard que sempre releio, que sempre releio, que sempre releio, que sempre releio, que sempre releio, há um parágrafo que reli mais do que outros. Nesse parágrafo Baudrillard diz que nossas grandes pulsões positivas, eletivas e atrativas desapareceram. Que desejamos de modo fraco e que nossos gostos são cada vez mais indeterminados. Que, por outro lado, nossa má vontade e nossa repulsa se reforçaram. Que nossas ações, empreendimentos e doenças têm cada vez menos motivações objetivas, que elas procedem quase sempre de uma secreta aversão a nós mesmos, algo que nos leva a nos livrar de nossa energia de qualquer modo, como numa espécie de exorcismo.

RELEIO as páginas de A Grande Arte em que o Peter Mandrake faz uma espécie de consulta oracular com um anão chamado Nariz de Ferro. A consulta refere-se a uma investigação criminal que Mandrake está fazendo. Nariz de Ferro responde às perguntas de Mandrake dizendo apenas sim, não ou prejudicado (quando a pergunta não pode ser respondida apenas com um sim ou um não). Ante uma das perguntas, Nariz de Ferro faz uma longa digressão e narra a história da frincha creófaga. É esse trecho do livro que sempre releio, fascinado com a linguagem e a imaginação peculiares desse personagem, talvez o mais fascinante já criado pelo Rubem Fonseca. Também costumo reler o trecho em que o Nariz de Ferro se apresenta, dizendo, percebo que o senhor está querendo me catalogar, mas não adianta, nem mesmo eu sei se sou branco ou preto, mouro ou judeu, o que aliás não tem a menor importância de uma forma ou de outra. Sou um homem que sabe das

coisas, passo os dias no telefone para me informar. Os jornais não dizem nada e a televisão, bah, a televisão é o ópio do povo, como disse Lenin. Conheço a alma humana e sei o que motiva banqueiros, parlamentares, generais, jornalistas, ministros, tiras como o Raul, ladies que fuçam no interespaço ocluso, como disse Balzac. Ligo para um lado e outro da cortina e no fim do dia já sei para onde o vento vai soprar. Aí abro minha vela, estás me entendendo, e vou vendendo minhas especiarias para os ofuscados, e o produto converto em diamantes e selos, uma fortuna que posso transportar na boceta de uma virgem, se precisar fugir de alguma conjuntura. Mas esse momento ainda não chegou, a época é de plantar a grana e colhê-la dourada e sumarenta nas vísceras dos ambiciosos, como disse o Mahatma Gandhi. Não cheiro mais, nem vendo o que você está pensando, tem muita gente levando e o vício legal dá mais, que o diga a Souza Cruz. Conheço todos os bacanas do mundo e sei que a bunda deles é mole. Quando era menino via as mulheres passarem desdenhosas nos seus carros, as mãos coruscando de joias, e almejava ardentemente tê-las segurando o meu pau. Também queria, na mesma época, conhecer o Carlitos, mas ele morreu antes. Morreu, fodeu-se. Nunca tive um ídolo. Pensei numa época em Jesus Cristo, mas ele foi um fracassado, como disse o cardeal arcebispo. Estás me entendendo, trafiquei amendoim, graxa de sapato, chicletes, cano de chumbo, erva, pó, limão roubado da feira, não nessa ordem. Fui dentista da meia-noite. Morei nos bueiros, com os ratos. Já cuspiram, mijaram e cagaram em mim. Ou eu morria ou virava essa maravilha que sou.

RELEIO a cena da peça Dois Perdidos numa Noite Suja, do Plínio Marcos, em que o Paco começa a chamar o Tonho de Boneca do Negrão – Paco diz, quem mandou você afinar?, agora é dureza fazer a moçada pensar que você é de alguma coisa, seu apelido lá no mercado agora é Boneca do Negrão. Ouvi a expressão pela primeira vez em 1982, aos onze anos. Um amigo da escola, o Lobo, tinha visto o filme (Braz Chediak, Emiliano Queiroz, Nelson Xavier) e começou a se referir aos outros assim, ei, Boneca do Negrão, etc. Lobo matriculou-se no Gracinha naquele ano, 1982, depois de ter sido convidado a se retirar do Dante Alighieri. Encontrei-o outro dia, na rua, nesse ano de 2004, e Lobo me disse que estava indo ao dentista e tivemos uma conversa rápida. Depois que nos despedimos continuei andando e me veio à cabeça a lembrança de uma vez em que ele veio à minha casa e ficou lendo jornal e que eu estava brincando com uma pistola de ar comprimido (de brinquedo), disparando-a contra a palma da minha mão esquerda para sentir o ventinho, e nós ficamos falando sobre a frota naval inglesa que estava se

deslocando para as Malvinas e no texto do jornal havia uma palavra, vulnerável, cujo significado desconhecíamos, e então pegamos o dicionário da Enciclopédia Mirador para ver o significado da palavra vulnerável. Pensar nisso de alguma forma me faz pensar em todos os lugares que existiam aqui no Itaim em 1982 e que não existem mais em 2004, a lanchonete Baby'o, o Ta Matete, a Casa Moyses, a Play Store, o bar Tolouse-Lautrec, o bar Carinho Quente, a boate Super-8, as casas de massagem Penthouse, Brut, O Segredo da Dama, e me faz pensar também nos aviões que pousavam em Congonhas e não pousam mais, o Fokker 27 da Tam, o Electra da Varig, o 727-200 da Vasp, e pensar nisso tudo me dá uma sensação ruim, viscosa, debilitante, uma sensação meio parecida com a que eu experimentava quando dormia à tarde depois de chegar da escola, isso quando comecei a estudar de manhã, na sexta série, em 1983, e acordava já no final da tarde e na TV estava passando O Incrível Hulk e a claridade que entrava no meu quarto era aquela claridade ruim de fotografia sobre-exposta, uma luz estourada e implacável gerada pelo *smog* ou gerada por algum dos componentes químicos da poluição atmosférica – uma luz parecida com aquela que é gerada no primeiro bilionésimo de segundo de uma detonação nuclear, uma luz semelhante a que nos envolve quando sentimos a aura de uma crise de pânico.

3

(TREZE anos já se passaram desde 2004, um ano que por um motivo ou por outro sempre reaparece em meus sonhos, aqueles sonhos em que experimento sensações e um senso de amplidão existencial desconhecidos em meu estado de vigília.)

4

ESTOU num táxi subindo a Alameda Campinas. Vejo em meu celular que é uma e dezoito – um celular Nokia azul que a Mônica, uma ex, chama de orelhão. Ela sempre me pergunta, “quando é que você vai jogar esse lixo fora?”. O aparelho nem é tão velho, comprei em 2004, tem dois anos, portanto. Estou indo agora para a casa da C., uma judia sefaradita com quem venho há meses tendo conversas e relações sexuais. C. mora na Rua Frei Caneca, num prédio de dois andares que, ela me disse, foi construído em 1953.

C. abre a porta do apartamento vestida apenas com um sobretudo e meias sete-oitavos. Sentamo-nos no chão da sala e tiro minha roupa. Olho para os tacos e suas frestas e penso se é conveniente me sentar nu, ali, direto no piso. C. tem uma cadela cujo nome não consigo guardar, então a chamo de Lysoform. Lysoform nos observa esparramada no sofá, um animal tranquilo, já ouvi histórias de cães que avançaram nos parceiros sexuais de seus donos por suporem que a cópula fosse um ato de agressão. Lysoform olha para os movimentos meus e de C. como se olhasse para qualquer outra coisa.

Depois, no quarto, C. retira duas toalhas de um guarda-roupa. Olho para a tela do micro, C. deixou baixando um monte de músicas no LimeWire, Procol Harum Whiter Shade of Pale, Silverchair Abuse Me, Kosheen Slip and Slide Suicide, então olho pela janela e reparo pela primeira vez que aquele quarto dá para um terraço. São quase três da manhã e penso se não teria sido melhor usar essa noite de sábado indo à Funhouse ou ao AmpGalaxy, ou talvez indo até mesmo à Boogie Disco, onde conheci recentemente uma corretora de imóveis que vem deixando testimonials analfabetos e malcriados no meu Orkut. C. diz que vai tomar banho, pergunto, “posso dar uma usadinha no micro?”, ela diz, “claro”.

Entro no Orkut e sinto certo alívio de que não há nenhuma coisa escrita pela corretora de imóveis. Vejo a página do Ruy Goiaba. Olho algumas comunidades, O que é Very Liberal?, Wunderblogs, Já Peguei Pior, Jackass, Malufistas que Dão o Cu (com uma foto do Agnaldo Timóteo cantando com um terno branco e um cravo vermelho na lapela), Pensei Que Era Sorvete Mas Era Feijão, Orkut de Pessoas Mortas, Eu Já Saí com a Fafá Sanguinária do Par Perfeito, Drum’n’Bass. Saio e vou ao banheiro e fico sentado no bidê, conversando com C. enquanto ela toma banho. C. é uma mulher alta e seu rosto, personalíssimo, lembra o da atriz Cacilda

Becker. O implante de silicone de seus seios é o melhor que já vi. Seu corpo é bonito e bem proporcionado, apesar das várias cicatrizes de cirurgias, C. sobreviveu a um câncer precoce e já sofreu dois acidentes de carro quase fatais. Ela me conta enquanto se enxágua o caso de uma amiga cujo namorado mau caráter envolveu-a num caso de sucessão fraudulenta, "a carência deixa algumas pessoas cegas, se você visse o casal você não botaria fé, Edu, ela é linda, educadíssima, já foi modelo, acho que você ia gostar dela, faz seu tipo, já o cara é um horror, sabe aqueles ex-obesos mórbidos que perderam mais de oitenta quilos e que o corpo ficou parecendo uma coisa, sei lá, uma coisa de plástico que derreteu?".

Tomo banho sozinho, olhando para minhas roupas sobre o vaso sanitário, uma camiseta preta com uma caveira sobre um par de muletas cruzadas (Jackass) e uma calça Levi's 501. A pia de C. tem vários potes de cosméticos, lembro-me de uma vez em que gastei uma fortuna num perfume que havia acabado de ser lançado, o Joop, e que acabei não usando. Isso foi em 1996. Eu tinha vinte e cinco anos em 1996. Estamos em 2006 e agora eu tenho trinta e cinco e estou, agora, num banheiro construído em 1953, com azulejos brancos de 1953, torneiras pontiagudas de 1953, banheira de 1953, espelho com as bordas oxidadas de 1953, fantasmas de 1953, no apartamento de uma mulher nascida em 1976 ou 1977. Passaram-se cinquenta e três anos desde 1953.

Volto à sala e vejo C. no sofá, fumando um Marlboro com o cinzeiro apoiado numa das coxas. Deito-me no chão. Lysoform, a cachorra, se aproxima de mim, lhe estendo a mão então ela se afasta. C. me pergunta se quero comer alguma coisa, digo que pode ser. Vamos à cozinha e olhamos a geladeira, pego um caqui que está se desmanchando, como-o sobre a pia e depois lavo as mãos. C. pega a garrafa de um chardonnay argentino e pergunta se quero. Digo, "não, valeu". Voltamos à sala, o cigarro de C., deixado no cinzeiro, virou uma cinza comprida e ela acende outro. Um rumor grave e abafado vem da rua e pergunto o que é, C. diz que é o barulho da boate A Lôca quando abrem a porta. C. termina de fumar e fico no sofá um tempo com C., sentindo o gosto de sua boca, chardonnay, pasta de dente, tabaco.

O dia está começando a clarear e C. pergunta se vou dormir ali ou vou embora, digo que vou embora e pergunto se ela está com sono. Calço meus tênis All Star Converse e olho para a tela do celular Nokia azul que minha ex chama de lixo. C. me acompanha até a porta da rua e nos despedimos e me afasto sem olhar para trás. Caminho até a Rua Augusta e olho para o ponto de ônibus e decido ir andando até a Paulista. Quando

chego à Paulista decido descer o restante da Augusta até a Rua Estados Unidos, talvez depois eu siga a pé até minha casa. O dia clarear depois da noite é uma bênção imerecida, penso. Termino a descida da Augusta e sigo pela Avenida Europa, depois pela Cidade Jardim e paro numa loja de conveniência AM/PM, onde uma mulher em traje de festa e provavelmente drogada me diz, "isso parece um altímetro, não parece?", eu não olho para o objeto que ela está apontando na gôndola e vou ao caixa e saio da loja, a mulher sai em seguida e me diz, quando já estou suficientemente afastado, "ei, você é um grosseiro, viu?, babaca". Atravesso uma das faixas da Cidade Jardim e vou caminhando pela ilha até a altura da minha rua. Entro em casa, ninguém está acordado ainda. Entro no meu quarto, visto uma velha camiseta GAP e pego o tocador portátil de mp3. Vou ao banheiro, escovo os dentes e faço bochecho com Listerine. Repito o bochecho três vezes, sinto minha boca contaminada com o gosto de C., não gosto nem do gosto nem do cheiro dela. Deito-me na sala. Seleciono a faixa *Vermont Counterpoint*, do Steve Reich, e me vêm à cabeça imagens de piscinas, piscinas pintadas pelo David Hockney e pelo Eric Fischl.

ESTOU numa boate de garotas de programa, na Avenida Pompeia. Um filme baseado em algumas histórias que escrevi, e que foram roteirizadas pela Adriana Brunstein, será lançado aqui, hoje. Adriana foi uma das roteiristas não creditadas de Encarnação do Demônio, o filme que José Mojica Marins acabou de rodar (Gore Vidal foi um dos roteiristas não creditados de Ben Hur, etc.). Recentemente saí algumas vezes com ela e com a Mariliz Marins, a Liz Vamp, filha do Mojica; uma vez a mulher atual do Mojica nos acompanhou, quando fomos ao Charles Edward Bar.

Meus convidados vão chegando e parecem estar achando divertido que um filme seja lançado num lugar assim. O filme, que se chama Rita Madalena, conta a história de um sujeito (Marcos Azevedo, ator de Carandiru, O Invasor, etc.) que faz um périplo pela noite paulistana atrás de uma dançarina de pole dance por quem ele está apaixonado. Minha história, em que o roteiro alegadamente se baseou, nada tinha a ver com isso – minha história era a história de um jovem cuja namorada está com a menstruação atrasada; então esse jovem decide ir à casa de um amigo cujo pai é um fiscal corrupto – o pai desse amigo tem uma caixa de papelão debaixo da cama, cheia de dinheiro, dólares, tudo coisa que ele recebe de propina; então o jovem subtrai algumas cédulas da caixa, etc.

O filme começa a ser exibido e a plateia ri em algumas partes. Acho curioso ver diálogos que escrevi sendo reproduzidos pelos atores. Há uma

cena em que apareço fazendo figuração como frequentador da boate de garotas de programa (a cena foi rodada ali, naquela boate, na Avenida Pompeia). A história contada no filme vai ficando cada vez mais confusa e os risos que aqui e ali ainda espocam na plateia são risos constrangidos, dados com esforço. Uma amiga, Sil, me pergunta, o que está acontecendo?, e eu respondo, rindo, não sei. O filme termina e ocorre uma espécie de congratulação, grupos de pessoas falando alto entre si, dois ou três desconhecidos me cumprimentam, ouço alguém falar que o filme será remontado, que ficará bem melhor e que será inscrito no Festival de Gramado, na categoria de curtas-metragens.

VOU ao parque Alfredo Volpi com minha filha, Olívia. Esse parque é chamado por nós de parque dos patinhos, por ele ter um lago com patos. (Os moradores do Morumbi o chamam simplesmente de bosque.) Já o Parque do Povo, que será inaugurado daqui a dois anos, em 2008, nós chamaremos de parque dos patins, porque será nele que Olívia tentará andar de patins algumas vezes. Conto para ela mais uma vez a história do pato que eu tive quando eu era criança, o Zé Pato, que quando ele cresceu e não deu mais para mantê-lo no apartamento meu pai deixou-o ali, naquele lago. Canto a música que eu e meus irmãos cantávamos para o Zé Pato, pato, vomitou no vomitório, e Olívia ri. (Olívia tem quatro anos.) Outras histórias que eu invento para ela: finjo que estou falando no celular e que marco hora com o Tesourinha, um cabeleireiro que vai cortar o cabelo da Olívia careca; Olívia finge que arranca o celular da minha mão e que o joga longe; finjo que estou falando no celular e que reservo uma mesa no restaurante Jacaré Mamão, que serve só carne de jacaré, e Olívia faz a mesma coisa de novo, finge arrancá-lo de mim, etc. Às vezes canto para Olívia a música do Jacaré Mamão, que fiz em cima da melodia de *When I Fall in Love*, do Nat King Cole: sou um jacaré, um jacaré mamã-ão, e eu mordo quem cantar, música do Lobão. Às vezes mudo a letra: sou um jacaré, um jacaré peludo, e eu mordo quem cantar, música do Menudo.

DESODORANTES

Desodorantes que deixaram de existir ou que são difíceis de encontrar.

Sândalo: extinto. A embalagem era marrom e o rótulo mostrava um sol poente meio parecido com o do cartaz de *Apocalypse Now*.

Spree: extinto. A embalagem era amarela, com um limão estampado.

Italian Pine: parece que ainda existe, mas totalmente descaracterizado. Foi o primeiro desodorante de bastão que usei, numa embalagem metálica. Tinha uma propaganda ótima, de um carequinha narigudo cercado de mulheres.

Baracchini: parece que existe, mas também totalmente descaracterizado. Era um charmoso produto vintage quando eu era criança/jovem, que só as pessoas nascidas em 1912 ainda usavam.

Tally Ho: extinto. Diziam que cheirá-lo dava um efeito parecido com o de lança-perfume.

Van Ess: extinto. Parece que foi o primeiro desodorante amplamente difundido no Brasil.

Rastro: existe, mas é difícil de encontrar.

English Lavender, da Atkinsons: extinto.

Denim: extinto. As pessoas zoavam com o texto da propaganda, Denim, para o homem que não precisa fazer força para agradar, mudando para força para cagar. A Unilever, quando ainda era Gessy Lever – Gessy Lever parece nome de esposa macumbeira de Vinícius de Morais –, acabou mudando o texto da propaganda, Denim, para o homem que agrada sem fazer força.

MÚSICA

Gosto dos segundos movimentos dos dois primeiros concertos para piano e orquestra de Béla Bartok. Especialmente do segundo movimento do concerto número dois, especialmente a abertura desse movimento, uma estranha e brilhante progressão de acordes de nona tocada apenas com o naipe de cordas. Gosto do destaque que Igor Stravinsky dá ao naipe das madeiras em suas instrumentações. De Stravinsky gosto de *Le Sacre du Printemps* (a primeira versão que ouvi, aos dezesseis anos, foi a do regente Bernard Haitink) e do Credo de sua Missa. Gosto das obras para piano de Maurice Ravel, a segunda parte de *Gaspard de la Nuit* (a bela e sombria *Le Gibet*) e a bela e melancólica *Oiseaux Tristes*. (Ravel talvez seja o compositor mais sensual que já existiu depois de Antonio Vivaldi.) Gosto das *Seis Peças para Orquestra* do Anton Webern. Ouvir essa obra

de Webern me faz pensar nos termos técnicos usados para descrever topázios, turmalinas, etc. Gosto muito do opus 42, de Schönberg. Gosto dos prelúdios para piano do Claudio Santoro. Leio um trecho de um livro chamado O Som e o Sentido, de um autor chamado José Miguel Wisnik, em que ele fala que a energia que moveu a marcha evolutiva do discurso musical ocidental, evolução transcorrida do século VIII até meados do século XX, adveio da queima periódica de intervalos harmônicos portadores de certo grau de tensão, intervalos que perderam, pelo uso, esse efeito tensionante. Diz Wisnik que hoje não há mais intervalos que possam ser sacados da série harmônica, que o discurso musical baseado em tensão/resolução é uma forma consumada, esgotada, e que é por isso que os compositores atuais têm cada vez mais dificuldade para produzir qualquer coisa de diferente.

7

ESTOU num condomínio de casas na Praia de Camburi, São Sebastião, Litoral Norte de São Paulo. A única casa ocupada no condomínio é essa em que estamos, Stella, Olívia e eu. Viemos passar uma semana aqui. O tempo, às vésperas da primavera, tem permanecido estável, mais nublado que solar, sem chuva. Passo boa parte dos dias dentro da piscina com Olívia. Olívia usa uma boia inflável, colorida, pois a piscina não dá pé para ela. Às vésperas de fazer seis anos, ela está sem os dois dentes incisivos da arcada superior.

É a terceira ou quarta viagem que faço com Stella depois que deixamos de ser namorados. Já faz alguns anos que rompemos, embora tenhamos conseguido manter uma boa relação.

Trouxemos um laptop para ver e-mails, basicamente e-mails de trabalho. Trabalho atualmente como revisor e preparador de originais para a Editora Nobel e como redator de uma agência de propaganda chamada Miss Lily. A dona da Miss Lily é a ex-modelo Claudia Liz. Como a casa aqui não tem conexão de banda larga, entramos na internet pela linha telefônica, como antigamente.

Jantamos quase toda noite numa pizzaria que fica a cinco minutos daqui do condomínio. Depois ficamos sentados no deck da piscina, conversando. Minhas conversas com Stella são basicamente sobre as pessoas que estamos conhecendo através do Orkut e do Par Perfeito. Referimo-nos a grande parte dessas pessoas por apelidos – enumero as mulheres que conheci nos últimos anos, a BD, a Calcinha Vermelha, a

Cobras Mortas (uma fulana que colecionava cobras mortas), a “Graziela Moretto”, a “Cacilda Becker”, a “Coco Chanel”, a Melancia Melancólica, a Flor de Plástico, a Bonitona do Orkut, a Wanessa com Dáblio, a “Christiane Pelajo, quer dizer, mais ou menos”, a “Tom Cruise”. Conto para Stella algo que nunca havia contado, que a primeira mulher que se ofereceu a mim, quando eu tinha quinze anos, se chamava Naná e era parecida com o Moe, dos Três Patetas. Stella enumera uma lista semelhante à minha, de figuras masculinas tão caricaturais que não merecem ser referidas por nomes próprios.

ESTOU na sala da casa de praia em Camburi. São duas e quarenta da madrugada, Stella e Olívia já estão dormindo. Releio um livro de contos chamado *Primeiro o Amor, Depois o Desencanto (e o Resto de Nossas Vidas)*. O autor desse livro se chama Douglas Coupland. Douglas, que ficou mundialmente famoso com o livro Geração X, é canadense, nascido em 1961, em Baden-Soellingen, que era uma base da Força Aérea Canadense situada na então Alemanha Ocidental. Os contos que releio agora falam basicamente de pessoas que tiveram um grande momento de epifania, de felicidade e plenitude, geralmente quando jovens, mas que acabaram sendo esquecidas pela vida. Choro sem esforço ao término de um dos contos. Eu tinha me esquecido como o choro é uma coisa voluptuosa, então fico ali, no sofá, experimentando o choro e sua força tensiva, força que massacra meus músculos faciais, força que é também ao mesmo tempo umedecedora e fluidificante. Saio da casa e vou andando até o fim do condomínio, onde há uma quadra de tênis. Olho para seus refletores e tento descobrir onde fica o quadro de força para acendê-los. Percorro toda a quadra, mas não encontro nada parecido com um quadro de força.

VEJO no YouTube vários vídeos de um sujeito cujo canal se chama *Vlog do Fracassado*. Stella e Olívia estão deitadas numa rede, no quintal. Estou no sofá, bebendo uma cerveja Carlsberg, com o laptop apoiado numa almofada. A conexão discada está surpreendentemente boa e os vídeos não demoram muito para carregar. No vídeo que vejo agora o Fracassado (ele se autodenomina assim) está apontando uma pistola de água de brinquedo contra a têmpora e diz, “ninguém sabe por que dá certo ou fracassa na vida, então por que os fracassados são cobrados a dar explicações? O cara que vence pode responder qualquer baboseira, ‘sei lá, eu venci porque tive sorte’, e todo mundo fica satisfeito com a resposta, ‘ohhh, ohhhhh, é mesmo’, mas o neguinho que fracassa, ah!, aí não, aí a coisa muda totalmente de figura, se o pobre do fracassado responde, ‘eu fracassei porque tive azar’, todo mundo reage assim, ‘azar coisa nenhuma,

você foi é relaxado e irresponsável, você não levou a sério o que tinha de ser levado a sério, você violou as mais elementares leis do senso comum e, sobretudo, você sempre teve uma noção muito equivocada de si mesmo, noção que sempre te levou a apontar para alvos que definitivamente estavam fora do seu alcance'. Porra!, já não basta o fracassado ter de levar uma vida de merda? Por que que ele ainda é obrigado a fazer um esforço monstruoso, um esforço humilhante e, no final das contas, um esforço inútil para tentar explicar para esse bando de interlocutores, ou melhor, esse bando de interrogadores cruéis e maliciosos, esse bando de cagões filhos da puta formado por psicanalistas, gerentes de recursos humanos, palestrantes motivacionais, ex-namoradas que, ufa!, graças a Deus conseguiram se livrar a tempo do estorvo, isso sem falar nos pais e nos outros familiares que, é claro, estão bem apreensivos com a possibilidade de ter de carregar nas costas 'esse vagabundo que nunca fez nada que prestasse', em resumo, por que que o fracassado tem de ser esforçar, e se esforçar, e se esforçar para explicar pra essa cambada toda a razão de ele ser como ele é?".

8

STELLA me telefona dizendo que não vai mais sair com os amigos dela, que desistiu, que eu posso levar a Olívia para ela se eu quiser. Stella tinha combinado de ir com esses amigos ao Vegas Club, na Rua Augusta, nessa noite de sábado, do mês de março, do ano de 2008. Vou para a Vila Mariana com a Olívia e ela ri bastante porque durante o percurso vou chamando meu carro, um Renault Clio, de Monstrengo e digo que se eu não ligasse o ar condicionado nós acabaríamos virando dois franguinhos assados dentro dele. (Olívia tem seis anos e começou a estudar nesse ano no Colégio Marista Arquidiocesano.) Fico com a Stella e a Olívia até umas dez da noite, então vou embora e cogito se vou para a Funhouse ou para o O'Malleys. Acabo escolhendo a Funhouse e sigo pela Paulista até a Bela Cintra. A Funhouse ainda está vazia e peço uma Bohemia long neck e subo para o lounge. Fico sentado num dos sofás e o juke box está tocando aleatória e automaticamente, ouço Rape me, do Nirvana, e *I just wanna have something* to do, dos Ramones, então minha cerveja acaba e desço para pegar outra. Vejo o Marcelo Schenberg, que é um dos sócios da Funhouse, e ele vem falar comigo e me conta que outro dia um sujeito se pendurou na cortina do palco e que a coisa teve de ser toda refeita. Enquanto ele fala me lembro de um conhecido que disse que o cabelo do

Schenberg parece um pneu e rio, como se estivesse rindo da história da cortina. Pego mais uma Bohemia e fico próximo ao balcão, olhando um pôster dos The White Stripes, então um pessoal entra e vejo que são os tais amigos da Stella com quem ela iria ao Vegas. Uma garota chamada E., que a Stella já havia me apresentado, vem me cumprimentar e diz que o Vegas estava absurdamente lotado, então ela pega uma cerveja e subimos e ficamos num dos sofás, conversando. E. é jornalista e é a mulher mais bonita, gostosa e estilosa que está na Funhouse hoje. Ela está com um vestido vermelho e botas estilo coturno e o vestido realça bastante seus seios já grandes e seus cabelos são curtos e seu rosto, belo e *sui generis* (um rosto que expressa inteligência e bondade), me agrada muito, então E. me agarra ali no sofá e me dá um beijo profundamente determinado e o jukebox começa a tocar *Roads*, do Portishead, e percebo que aqueles acordes do Fender Rhodes, com o vibrato do oscilador de baixa frequência, é o som perfeito para o que está acontecendo entre mim e E., ali, naquele sofá. Descemos para a pista e ficamos dançando e E. desce meu zíper e me apalpa de um modo muito excitante e vamos pegar mais cervejas e pergunto a idade de E. e ela diz, vinte e seis. Digo que tenho trinta e sete, que sou, portanto, onze anos mais velho que ela. Ficamos na Funhouse até 4h30 e na saída pergunto a E. o que ela quer fazer e ela diz, eu quero que você me leve ao motel, então combinamos que ela vai deixar o carro dela em casa e vamos no meu. Pego meu carro no estacionamento e vou até o Itaim e E. já está me esperando em frente ao prédio dela, na Rua Clodomiro Amazonas. Paramos na Ofner da João Cachoeira para comer alguma coisa e depois vamos a um motel na Ricardo Jafet. E. vai tomar banho primeiro e vejo sua nudez pela primeira vez quando ela volta do banheiro, e seus seios são realmente inacreditáveis, e ficamos naquele quarto até 10 h e várias vezes durante aquela manhã observo a claridade que se insinua pelas frestas de uma persiana e a partir dessa visão esboço mentalmente uma frase que usarei num texto ficcional, vejo a claridade pelas frestas de uma persiana e sei que quando sairmos desse útero profano e formos dados à luz do dia ela se estilhaçará em minhas retinas e seus cacos minúsculos ficarão ali, não sei por quanto tempo, implacáveis e punitivos, texto que escreverei não sei exatamente quanto tempo depois disso.

ANOS 2010

1 (ou melhor, 0)

ESTOU em Itanhaém, na praia de Cibratel Dois. Leio no jornal as notícias sobre o terremoto no Haiti. Há uma estimativa de mais de cem mil mortos só em Porto Príncipe. Leio que Zilda Arns, irmã do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, morreu no terremoto. Leio também a notícia sobre a morte do escritor J. D. Salinger, em Cornish, New Hampshire. O jornal informa que Salinger deixou ao menos cinco livros inéditos, guardados num cofre, e que esses livros deverão ser lançados nos próximos anos, segundo instruções deixadas pelo autor.

LEIO a declaração dada pela assessoria de imprensa do consulado brasileiro no Haiti, desmentindo que o cônsul (honorário) tenha feito afirmações de que esse terremoto provavelmente tem alguma relação (maldição, etc.) com os rituais da religião vodu (zumbificação, etc.) praticados pelos haitianos.

NO meu carro, num final de madrugada, numa rua sem saída na Vila Madalena: beijo uma mulher bela, assombrosa e fundamentalmente evasiva; tanto eu quanto ela estamos transpirando muito, exageradamente; ocorre-me a imagem de nós dois nos liquefazendo até o ponto de uma quase desmaterialização; não há calor para tanto, logo não compreendo essa reação bioquímica (química, alquímica) que ocorre em nosso contato.

NUM carro, na Rua Paes de Araújo, Itaim Bibi: beijo uma mulher muito parecida com a jornalista Christiane Pelajo; o efeito dela sobre mim é bastante diferente do efeito causado pela Fundamentalmente Evasiva; ao beijar a Christiane Pelajo sempre me vem à mente a imagem de pequenas luzes piscantes, como as de uma árvore de Natal.

CONTATOS eróticos sempre fazem surgir em minha mente imagens muito nítidas, provavelmente simbólicas e provavelmente proféticas sobre a real natureza de minha relação com essa e com aquela mulher; as imagens são variadas; uma vez eu havia acabado de fazer sexo e estava deitado, de olhos fechados, respirando e sentindo o suor esfriar em meu tórax, quando surgiu em minha mente a perturbadora imagem de uma caveira, gravada em alto relevo num guardanapo de papel amassado.

CHRISTIANE Pelajo decide se mudar para Portugal e temos um encontro de despedida. Vamos à Livraria da Vila na Rua Mario Ferraz e nos sentamos no café Il Barista. Depois vamos ver uns livros e pegamos um volume da Taschen com fotografias eróticas e vemos juntos as fotos e Christiane me confessa uma fantasia sexual de teor exibicionista e eu rio e digo que infelizmente não daria para realizá-la, ali, naquele lugar.

LEVO Olívia à feira de antiguidades da praça Benedito Calixto, onde ela compra uma pequena e ovalada caixa de porcelana. Depois subimos a Rua Teodoro Sampaio até onde se concentram as lojas de instrumentos musicais. Testo uma guitarra Fender Contemporary Telecaster, fabricada no Japão, em 1986. A guitarra tem dois captadores humbucker e um single coil; ponte Floyd Rose; trata-se de um instrumento robusto, de excepcional sonoridade e tocabilidade. Evito tocar riffs, escala pentatônica, bendings, notas em legato (hammer-on, pull-off), preferindo simples acordes, power chords, etc. Olívia diverte-se pressionando a whammy bar da guitarra, ouvindo a altura das notas abaixar, um tom, um tom e meio, dois tons.

VOU a um bar na Mooca com uma mulher a quem dei o nome de A Filha Bastarda do Fantomas. Tivemos uma relação amorosa mais ou menos descontínua há três ou quatro anos; fazia mais de um ano que não a via e julgo que ela engordou pelo menos vinte quilos desde nosso último encontro. Contamos um para o outro mais ou menos as coisas que nos aconteceram desde a última vez em que nos vimos e depois ficamos brincando de observar as pessoas no bar e dizer com qual raça de cachorro elas se parecem: aquele sujeito lá é um poodle latidor, mas inofensivo, aquele é um pinscher, traiçoeiro e hostil, mas incapaz de causar grandes danos, pelo porte minúsculo, aquele é um golden retriever, bonachão e vulgar, etc.

ESTOU no Cemitério do Araçá, na Avenida Doutor Arnaldo, Sumaré. Minha filha, Olívia, quis vir passear entre os mausoléus para ler as placas de bronze com os nomes e as datas de nascimento e morte e, ocasionalmente, ver fotografias de pessoas sepultadas (quando os túmulos as exibem); um padre de batina preta passa por nós e nos sorri, um sorriso severo, jesuíta, desencadeado pela cena de um pai com uma filha pequena passeando de mãos dadas por um campo santo católico; um túmulo faz Olívia deter-se; nele está sepultada uma menina que nasceu em 1943 e morreu em 1944, com menos de um ano; há uma foto da menina; Olívia olha para a foto e diz, que bonitinha, e me pergunta, um pouco desconcertada, por que aquela bebê morreu. Digo que antigamente

não havia vacinas e remédios e que era mais ou menos comum que bebês morressem; digo que hoje isso praticamente não acontece mais. Apesar do “hoje isso praticamente não acontece mais” Olívia não solta minha mão, como se esse contato manual, firme e paterno, bastasse para protegê-la de todos os desastres que podem se abater sobre as pessoas; eu, igualmente, não solto a mão da Olívia, como se a simples força da minha mão pudesse afastar todos os reveses de seu caminho. A manhã está límpida e fresca. Hoje é o último dia de agosto ou o primeiro dia de setembro, não tenho certeza, do ano de 2010.

1

PERTO do alvorecer, na Rua Wisard, Vila Madalena. Estou sentado numa escadaria, ao lado da mulher a quem dei o nome de Fundamentalmente Evasiva. Fazia um ano que não a via, desde aquela madrugada em que quase nos liquefizemos durante um beijo, etc. Um filme do Charlie Chaplin, inexplicavelmente, está sendo projetado numa parede próxima a nós, do outro lado da rua. Fundamentalmente Evasiva me diz, numa tentativa de justificar-se, que desapareceu por um ano porque, apesar de tudo (liquefação, etc.), eu não estava pronto, não estou ainda e provavelmente nunca venha a estar. Saímos dali e caminhamos até a Ofner da Pedroso de Morais; tomamos café, simulando uma conversação animada, frívola e inconsequente. Por fim, pegamos um táxi, que a deixa ali na Vila Madalena mesmo e depois me traz para o Itaim Bibi.

VOU ao apartamento de uma mulher. Ela mora num prédio antigo na Rua Rocha, Bela Vista. Vim até aqui de ônibus, pois minha carteira de habilitação está vencida. A mulher, a quem dei o nome de A Mulher com o Corpo Mais Espantosamente Perfeito que Já Vi, me mostra o apartamento, fala sobre seus peixes beta (que se chamam Rocky e Adrian), põe para tocar no computador uma playlist do David Bowie. Trocamos alguns beijos e depois vamos a um pub na Alameda Ribeirão Preto, o The Blue Pub. Voltamos ao apartamento e fazemos sexo no sofá da sala. Ficamos deitados, conversando, então ela diz que vai me levar para casa. Descemos a Rua Rocha e contornamos a Praça 14 Bis e paramos no semáforo. Por se tratar de uma região perigosa ficamos atentos à movimentação de transeuntes, de moradores de rua, etc. O semáforo abre e entramos na Avenida Nove de Julho.

FAÇO quarenta anos. Estou conversando pelo Facebook com um amigo a quem dei o nome de Signore. Digo que ele é a primeira pessoa com quem estou falando aos quarenta anos. Signore me diz que se lembra da noite em que fez quarenta anos, em 1983 – dele e de seu amigo Miguel descendo a Rua Joaquim Eugênio de Lima e conversando animadamente, etc. Passo o dia recebendo telefonemas de felicitação e à noite vou a um bar na Vila Mariana, o Sacra Rolha, com Olívia e Stella.

UMA amiga, a quem dei o nome de A Colunista da Exame VIP, me convida para uma noite de sexo casual. Chego a seu apartamento, na Rua Mourato Coelho, Vila Madalena, e percebo nela um ar evidentemente transtornado. Estimulo-a a falar e ela me narra uma série de episódios cujos temas centrais são o estresse, o fracasso, a decepção, etc. Depois, pergunto (estive para perguntar isso outras vezes em que estive aqui, mas sempre deixei passar), apontando para uma estante, por que A Colunista da Exame VIP tem um metrônomo mecânico, já que ela não é musicista. Ela me responde falando alguma coisa sobre exercícios de ioga, etc. A Colunista da Exame VIP me diz então que, se eu não me incomodar, ela prefere não fazer sexo hoje e eu respondo que sim, claro, sem problema.

VOU ao bar Secreto, em Pinheiros (onde os sujeitos do U2 recentemente fizeram uma festa particular depois de um show aqui em São Paulo). Um amigo dos tempos da escola, hoje produtor musical (O Rappa, etc.), irá se apresentar em dupla com uma cantora; a dupla se chama Dee and US. Vejo algumas pessoas da escola, pessoas que não via há quase trinta anos, dentre as quais uma agora mulher por quem fui apaixonado quando tínhamos oito, nove anos; converso um pouco com ela e com seu marido, um sujeito grande que imediatamente tento comparar a alguma raça de cães; apesar do esforço não consigo precisar a que raça o sujeito pertence; trata-se de um cão grande, cúpido, ávido, indiscutivelmente devorador.

EM Itanhaém, Cibratel Dois. Vejo com a Olívia a refilmagem da novela O Astro. Ela memorizou em poucas audições a letra da música-tema da novela, minha pedra é ametista, minha cor o amarelo, etc. Depois, subimos para o quarto (estamos hospedados num hotel SPA). Pergunto se Stella quer que eu leia mais um capítulo e ela diz que agora não (venho lendo para ela, em voz alta, O Anjo Pornográfico, do Ruy Castro, a biografia do Nelson Rodrigues). Tento dormir, mas não consigo; desço, olho o armário de livros do hotel, folheio a biografia do Paramahansa Yogananda (cujo cadáver, ao que parece, como o de certos santos católicos, não se decompôs), depois leio a primeira página do romance

Inferno, da Patrícia Melo. Saio para a varanda sem trazer nenhum livro. Apesar de estar respirando mal (ansiedade, etc.), fumo três cigarros, praticamente sem nenhum intervalo entre um e outro.

NA parte externa da Casa das Rosas, Avenida Paulista. Vim ver uma apresentação de balé contemporâneo. A coreografia, feita pela namorada do Signore, é baseada no livro *Paranoia*, do poeta Roberto Piva. Está fazendo um frio devastador, seguramente menos de dez graus; olho espantado para os bailarinos, que usam aquelas roupas, etc., e penso em como eles estão suportando esse frio todo. A apresentação termina e Signore me diz que talvez o Hector Babenco apareça e que se o Babenco aparecer (Signore foi o primeiro amigo que Babenco fez no Brasil, em 1965) talvez eles saiam para jantar e que ele não me incluirá no programa porque o Babenco às vezes é um cara meio esquisito, arredio com estranhos, etc.

VOU ao lançamento do meu livro de contos, cujo título é Tem Uma Coisa Sobre Mim Que Acho Justo Você Saber. Não avisei ninguém sobre o lançamento, um lançamento coletivo da editora, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional. Marcelo Mirisola vem falar comigo e ficamos conversando, eu, ele e minha namorada, e depois vamos os três jantar na Ráscal da Joaquim Eugênio de Lima. Por algum motivo Mirisola pergunta se minha namorada (a quem dei o nome de A Atleta) foi hippie quando jovem (ela nasceu em 1963) e ela ri da pergunta e responde que não, que nunca foi hippie.

NA piscina do prédio da minha namorada, A Atleta. Trata-se de uma dessas piscinas estreitas e compridas, construídas na cobertura. O prédio fica na Rua Joaquim Antunes, Pinheiros. Atravesso toda a extensão da piscina, ida e volta, submerso, e saio da água. Minha namorada toma sol numa cadeira reclinável; a seu lado há uma bolsa térmica com água e cerveja; um exemplar ocioso da revista Top Magazine, que é folheado com rispidez pelo vento; meus cigarros e um binóculo. Sento-me numa cadeira, pego o binóculo e o manuseio com vaga curiosidade; trata-se de um binóculo antigo, pesado, potente, fabricado em Leipzig, Alemanha. Coloco-o sobre os olhos e o aponto na direção da Vila Madalena. Detenho-me no cemitério, Necrópole São Paulo, que fica na Rua Cardeal Arcoverde, a dois quarteirões daqui. Penso que talvez fosse curioso ver um sepultamento dessa perspectiva (através de um binóculo), observar as expressões (de tédio, de pesar, etc.) no rosto das pessoas, etc.

STELLA me diz que está namorando um sobrinho do dramaturgo Plínio Marcos e que irá ficar uns dias na casa dele, em Peruíbe, e que, portanto, precisarei passar alguns dias de janeiro em Cabreúva com a Olívia. Apesar de A Atleta e eu não estarmos mais namorando passo o réveillon em seu prédio. Venho sentindo um crescente incômodo com ruídos, fotofobia, etc.; logo, para conseguir suportar a festa de réveillon e depois a excitação sexual que experimentarei na cama com A Atleta (temos uma grande afinidade sexual, que iremos explorar mutuamente até mais ou menos 2013), ingiro dois benzodiazepínicos (4 mg de lorazepam) misturados com cerveja.

2

ESTOU na zona rural de Cabreúva, hospedado num hotel SPA. Venho relendo o *Nove Histórias*, do J. D. Salinger. Venho nadando também, todo dia, de preferência numa piscina semiolímpica, coberta e aquecida, apesar de ser verão. Olívia diz que quer comer no McDonald's e a levo a um shopping em Itu. Vamos a Itu pela Estrada dos Romeiros; durante todo o trajeto brincamos de fazer silogismos absurdos. No shopping sentamo-nos na praça de alimentação e Olívia me pergunta se a mamãe está bem, se ela tem mandado mensagem, etc. Digo que está tudo bem com ela, que ela disse que volta para São Paulo no próximo sábado; omito as reclamações que Stella tem feito a mim, que seu namorado, apesar de ser um sujeito legal, é maconheiro demais, lesado demais, bicho grilo demais (gosta de meditar em cachoeiras, etc.); que ontem ela contou mais de setenta picadas de mosquito, só nas pernas; que ela vai dar o fora no sujeito, por e-mail, voltando a São Paulo.

NO Shopping Ibirapuera, São Paulo. Olívia veio comprar um boneco dos Cavaleiros do Zodíaco. Depois vamos à Saraiva, onde compro o novo álbum do Van Halen, *Different Kind of Truth*. No carro, voltando para a Vila Mariana, digo para Olívia que o Shopping Ibirapuera, inaugurado em 1976, foi o segundo shopping de São Paulo; que entre 1966 e 1976 o único shopping de São Paulo era o Iguatemi; que em 1981 foi inaugurado o terceiro shopping, o Eldorado; em 1982 o quarto, o Morumbi; e em 1984 o quinto, o Center Norte.

VOU ao Tattoo You, na Rua Tabapuã. Quero tirar os dois piercings captive que uso na orelha direita desde o início da década passada; eles parecem emperrados, não consigo desatarraxá-los sozinho. Uma garota, tatuadora, me leva a uma sala, coloca luvas de látex e retira os piercings. Apesar de ela ser esteticamente apenas mediana sinto-me fortemente atraído por ela; acho atraente até seu hálito vencido, com matiz de cigarro, que percebo enquanto ela se mantém próxima a mim, mexendo na minha orelha.

IMAGINO uma série de filmes pornográficos que exploram fetiches incomuns – filmes com atores albinos, filmes com atores com o falo minúsculo, etc. Imagino nomes para esses atores – uma atriz albina chamada Sivucca Savannah, um ator mal dotado chamado Vinícius Toquinho, etc.

VOU com o Signore ao Madame Satã. Uma peça baseada na vida do poeta Roberto Piva será representada e Signore fará uma participação nela. Boa parte do elenco é amador, exceto Marcelo Marcus Fonseca, que faz o papel de Piva, e Rubens Jardim, que faz papel de Deus. Piva diz a Deus que tem tido uns tremores, provavelmente *delirium tremens*, e Deus lhe responde, rindo sarcasticamente, que não é *delirium tremens*, não, que é Mal de Parkinson. Hector Babenco aparece no Madame Satã e Signore vai falar com ele e os dois ficam conversando e eu me afasto deles.

LEITURAS: *Santa Clara Poltergeist*, de Fausto Fawcett (releitura); *Doutor Fausto*, de Thomas Mann; *Bhagavad Gita* (uma edição tosca, barata, com várias ilustrações horrendas em que Krishna e Arjuna parecem travestis); bulas de medicamentos (o Luvox é um inibidor seletivo de recaptação de serotonina, o Lorax atua sobre os receptores GABA, etc.).

TENTO escrever um texto autobiográfico, memorialístico, etc. Após escrever cinquenta páginas releio-as e decido não continuar. O texto ficou com um estilo semelhante ao de Memórias, Sonhos e Reflexões, do C. G. Jung, um estilo que me parece ruim, afetado, e que de alguma forma faz soarem falsas as coisas que sei sobre mim e que posso falar sobre mim.

MEU pai me acorda dizendo que meu irmão André sofreu um acidente de carro perto do sambódromo; que aparentemente nada de mais grave aconteceu, pois André já guinchou o carro para a Mooca; que André está sentindo dor no tórax por causa do impacto do airbag e quer ir ao hospital para ver se não quebrou alguma costela. Vamos até a Mooca e levamos André ao Hospital Villa-Lobos. Saio algumas vezes à rua para fumar, enquanto André é atendido, faz raio-x, etc. Tento me distrair enumerando as mulheres com quem já me envolvi que moravam aqui na Mooca: A Filha Bastarda do Fantomas, a Ellen Motorola, a Heterossexual que Não Gosta Muito de Pau, etc. Um médico nos chama e mostra a radiografia e diz que não houve fratura; receita ao André um anti-inflamatório e um analgésico.

(Memórias: em 1984: observo um amigo do meu pai: a quem dei o nome de: O Homem Mais Cafona e: Cafajeste que Já Conheci: que coloca um revólver: calibre 38: nas mãos da minha mãe: e a faz disparar contra: uma caixa de papelão: colocada a dez: metros de nós. Ele: que é o dono dessa: chácara: onde estamos: e que é o dono desse: revólver: e de outras: armas: resolveu gastar suas caixas de: munição: que estão: vencidas: brincando de: tiro ao alvo. Todos: participamos da: brincadeira: meu irmão André

atira uma vez: com o 38: eu atiro duas vezes: uma com um revólver: calibre 22: niquelado: outra com um: revólver calibre 32: cano curto.)

VOU ao bar Vaca Veia, que ainda está vazio. Peço uma cerveja Original e fico ali, sentado, observando o movimento das ruas Manuel Guedes e Pedroso Alvarenga. As turmas de happy hour começam a chegar e o vozerio faz eu me sentir insuportavelmente atordoado, como se estivesse prestes a desmaiar ou sofrer uma convulsão. Peço a conta e tampo os ouvidos enquanto espero o troco. Tento me distrair pensando nas mulheres com quem já vim ao Vaca Veia: a Calcinha Vermelha; a Fundamentalmente Evasiva; a Granada sem Pino; a Captura Híbrida para HPV; a Atleta. Cogito que se o troco demorar muito para vir eu vou sair correndo dali, sem recebê-lo.

3

ESTOU numa festa fracassada, na Pompeia. Para chegar aqui atravessei um salão onde funciona uma creperia e desci dois conjuntos de escadas. Conto mais ou menos dez pessoas, num espaço que comportaria cinquenta. Estou conversando com dois sujeitos que são amigos de adolescência da anfitriã, uma artista plástica a quem dei o nome de Chu. Um deles diz que trabalha ou trabalhou na Ray-Ban, fico na dúvida, não tenho certeza se ouvi direito. Chu vem falar comigo e diz que duas amigas dela vão chegar, que as duas são bonitas, etc. Bebo cerveja Heineken e saio algumas vezes a um quintal para fumar, ainda que esteja caindo uma garoa forte, contínua, impregnante. Volto para o salão e me sento e tento me distrair analisando um casal, os dois na faixa dos cinquenta anos – a mulher, magra e ressequida, faz o nome Simone Weil (e a imagem repulsiva da Simone Weil) me vir à cabeça. Cogito ir embora, penso em talvez ir para o Dublin ou para o O'Malley's, penso na Loira Nariguda com Cara de Putona Judia, etc., então as duas amigas bonitas da Chu chegam e somos apresentados. Sinto-me observado por uma delas, talvez a mais bonita, como se ela observasse "uma coisa que está afundando", lenta mas inexoravelmente. ("Já não há um modo fatal de desaparecimento, mas, sim, um modo fractal de dispersão", Jean Baudrillard.) Vou algumas vezes à pista de dança, então a festa termina e a tal amiga bonita da Chu, a que me observou "como uma coisa que está afundando", me oferece carona e paramos no Bela Paulista para tomar café. Depois, ela me traz para o Itaim e ficamos no carro, conversando, então nos beijamos e tento

observar a imagem que esse beijo e o contato corporal subsequente faz surgir em minha imaginação, mas nenhuma imagem me ocorre.

NUMA sala de espera de um consultório médico, em Higienópolis. Observo um quadro de Raoul Dufy, que mostra um vaso de flores no qual vejo alguma semelhança com uma cabeça feminina. O outro quadro que há aqui é de Paul Klee, no qual é possível discernir um rabino fazendo um gesto carinhoso numa criança. Olívia sai do consultório e descemos pelo elevador, não para a garagem do prédio, hoje paramos o carro num estacionamento na Rua Doutor Veiga Filho. Caminhamos pela Conselheiro Brotero e cruzamos com um judeu ortodoxo, de chapéu, que olha para Olívia e depois para mim com uma espécie de horror, então me dou conta de que Olívia está com o uniforme da escola, Colégio Cristo Rei. Penso na piada que o Danilo Gentili fez há algum tempo, que dá pra entender por que os judeus reagiram tão mal à proposta de uma estação de metrô ali, em Higienópolis, já que nas últimas vezes em que eles entraram num vagão de trem eles se deram muito mal (Auschwitz, Birkenau, etc.). O trânsito na Rua Veiga Filho está ruim e arrisco descer até a Alameda Barros, mas o trânsito também está ruim nessa rua – levamos quase quarenta minutos para atravessar o pequeno trecho em que a rua se chama Frederico Abranches e entrar na Amaral Gurgel. Estão ocorrendo manifestações em São Paulo (o meme que mostra um judeu ortodoxo dizendo “é por causa dos vinte centavos, sim”), avenidas estão bloqueadas, etc. Levamos ao todo quase três horas para ir de Higienópolis à Vila Mariana.

EURICO Junqueira diz que levou um tiro de borracha na Avenida Paulista, que um policial atirou contra ele enquanto ele tentava levantar uma lata de lixo derrubada por um black bloc, etc. Eurico manda uma foto do hematoma para o Clube dos Imbecis (turma formada por ele, RK, Tequila e Stella). O ferimento, no tórax, me lembra uma tatuagem malfeita de um eclipse solar. Apelidei o Eurico de Ex-Cabeleira de Beethoven de Gesso, Daqueles Que Ficam em Cima do Piano.

VOU à Funarte, na Alameda Nothmann, ver a inauguração de uma exposição sobre o centenário do Nelson Rodrigues. Signore é o curador da exposição. Paro meu carro, uma SUV Duster, no estacionamento dos funcionários. Como cheguei muito cedo vou com o Signore a uma padaria, onde comemos uns pedaços de pizza e tomamos café. Cruzamos com um agrupamento de viciados em crack e Signore me diz que eles não fazem nada, que não atacam ninguém, que são uns zumbis, etc. De volta à Funarte, sou apresentado a alguns membros da família Rodrigues.

Signore e eu conversamos um pouco com uma neta de Nelson, não sei se filha do Nelsinho ou do Joffre. Além dos poucos familiares, só vieram à exposição eu e o diretor teatral Marco Antônio Braz. Dou uma volta pelo espaço onde estão expostos objetos pessoais do Nelson Rodrigues e me detenho, com um misto de pesar e de vontade de rir, num terno que pertenceu a ele – um terno triste, roto, cadavérico.

VEJO um hangout com Lobão e Olavo de Carvalho. Gosto das definições de Olavo para filosofia (busca da unidade do conhecimento na unidade da consciência e vice-versa), intuição (percepção imediata de uma presença), retórica (psicologia do discurso), etc. Gosto do que Olavo afirma sobre a unidade que existe, na filosofia de Aristóteles, entre poética, retórica, dialética e analítica. Gosto dos três primeiros álbuns do Lobão, especialmente do Ronaldo Foi pra Guerra, de 1984.

PROCURO a edição da Playboy em que aparecem as fotos da Alice Vermeulen (Alice Pink Pank, tecladista e vocalista da banda Lobão e os Ronaldos) e descubro que é na edição de dezembro de 1981. Quem está na capa dessa Playboy é a atriz Maria Cláudia.

VOU ao O'Malley's com uma daquelas amigas bonitas da Chu, talvez a mais bonita, a que me olhou "como uma coisa que está afundando", etc. Chamo-a inicialmente de Magy Imoberdorf (futuramente a chamarei de Princesa Ervilha). Depois vou com ela ao Fran´s Café da Praça Benedito Calixto e depois a levo para casa, no Jardim São Paulo. Magy me diz que quando ela estava voltando pra casa, depois de me deixar no Itaim naquela noite em que nos conhecemos, ela pensou sobre mim, "esse playboy idiota", etc. Não conheço bem essa região da cidade onde Magy mora e evito passar por túneis (fobia, etc.), porém não consigo evitar todos (Avenida Prestes Maia, Tiradentes, etc.). Faço algumas contas e vejo que eu e Magy passamos quase sete horas juntos.

ASSISTO à transmissão de encerramento da MTV Brasil. Meus sentimentos a respeito disso são confusos; acho estranho pensar que Hermes & Renato ("bicha não toma cerveja, bicha toma no cu", etc.) e Jackass (omelete de vômito, etc.) possam vir a se tornar coisas anacrônicas. Lembro-me de uma vez, em 2008, em que eu estava com uma mulher na Padaria Real, uma mulher a quem eu dera o nome de Mulher Nascida em 1966 que Ainda Está Muito Gostosa, e que uma hora ela me disse que os caras da banda Cachorro Grande estavam na parte de dentro da Real, etc. Penso, enquanto vejo o depoimento da ex-VJ Daniela Barbieri, que é improvável que a Mulher Nascida em 1966 etc. vá

continuar atraente por muito tempo (se é que ainda está); que certa camada do senso comum está deixando de existir, hoje, com o fim da MTV, uma camada que me lisonjeava pelo fato de eu então ser jovem, etc.; penso, por outro lado, que é bom que as coisas acabem, que não reste nada de nada, que a gente afunde totalmente no oblívio, etc., porque toda lisonja no fundo é sempre demoníaca e porque todo afeto, no fundo, é sempre escravizador.

4

VOU com Signore ao lançamento de um livro da Patrícia Melo. Signore, que já namorou Renata, irmã da Patrícia, me apresenta a ela e a John Neschling. Não ficamos muito tempo no lançamento, Signore diz que precisa ir até em casa, que ele esqueceu a carteira. Vamos até a casa dele e depois ficamos rodando de carro pelos Jardins e Signore me explica por que o Fernando Naporano foi ríspido comigo no lançamento e eu rio muito com o que o Signore diz.

ESTOU num lugar chamado Jardim Aurélia com uma garota a quem dei o nome de BB – BB, de Brigitte Bardot, uma Brigitte Bardot ruiva, com certa formatação de pin up, etc. Bebo cerveja Quilmes e tento descrever à BB a constante sensação de mal-estar que experimento; explico que é como uma ressaca que nunca passasse; explico que a coisa não tem relação nenhuma com álcool, etc. Explico que estava dominado por essa sensação turva e viscosa naquela noite em que fomos a um lugar na Marquês de São Vicente e depois, subindo a Avenida Pompeia, eu me pus a discorrer sobre um lugar que existia ali, no número 864 daquela avenida, e a discorrer sobre uma noite de verão no início dos anos 1990 em que eu estava frente ao Hospital São Camilo, fumando um Winston com gosto de nafta (fluido do isqueiro Zippo) e olhando admirado para a superfície molhada da Avenida Pompeia, e que eu estava tão plenamente feliz, tão intimamente eufórico naquela noite de 1991 que parecia que se eu decidisse, simplesmente decidisse, poderia sair voando.

LEIO a notícia sobre um homem que foi esquartejado pela amante. O texto diz que a mulher largou o corpo esquartejado do sujeito dentro de um carrinho de feira, em frente ao Cemitério da Consolação – e que a cabeça do sujeito a mulher largou alguns dias depois, dentro de um saco plástico, na Praça da Sé.

ESTOU na Pizzaria Braz da Rua Sergipe, com Signore e um amigo dele chamado György. Signore diz que György faz experimentos com psicofonia, que ele consegue gravar vozes de pessoas mortas, etc. György me conta que uma vez ele deixou um gravador ligado na parte de fora da casa dele em Campos do Jordão, durante uma madrugada inteira, e que quando ele foi ouvir a fita deu pra distinguir nitidamente entre os ruídos uma voz recitando o kaddish, que é a oração fúnebre dos judeus.

AGUARDO uma consulta médica, num consultório na Rua Caraíbas, quase esquina com a Cajaíba. Estou sentado na parte externa da casa, ouvindo no tocador de mp3 o Drei Klavierstücke, opus 11, de Arnold Schönberg. O intérprete é o pianista Maurizio Pollini e a gravação é de 1988. Gosto da imobilidade cálida dessa peça, que é da fase pré-dodecafônica de Schönberg. Lembro-me das discussões musicais que tinha com uma ex-amiga, a quem dei o nome de Carrie-Ann Moss da Segunda Divisão; lembro-me especialmente da discussão que decretou o fim de nossa amizade, quando eu disse a ela que ela não passava de uma farofeira cultural, que só mesmo uma farofeira cultural pretensiosa como ela podia levar a sério o Karlheinz Stockhausen, um péssimo compositor, um compositor a quem faltavam as duas únicas coisas que fazem um músico ser relevante, o profundo discernimento auditivo e a profunda consciência a respeito do material sonoro com que ele trabalha; e que não era só isso, que ela era uma fraude também como mulher, querendo dar uma de sexualmente liberada tendo aquela planta-baixa toda de protestantismo suíço, calvinista, na raiz da personalidade.

PASSO algumas horas conversando pelo Skype com a Magy Imoberdorf, aquela amiga da Chu que me observou naquela festa “como uma coisa que estivesse afundando”, etc. A conversa acaba se encaminhando para sexo e Magy vai para o quarto e se deita e eu a estimulo a que ela se exiba de tal e tal maneira, etc. Passo o dia seguinte muito excitado e à noite vou dormir na casa da Atleta. Passamos a madrugada toda fazendo sexo, e uma parte da manhã, e uma parte da tarde. Faço as contas e vejo que ejaculei intra vas nove vezes num período de menos de doze horas.

SAIO para jantar com Stella, André de Leones e sua mulher, Maria Eugênia. André nos conta alguns episódios curiosos do tempo em que morou em Israel; que um amigo dele, israelense, estava fazendo serviço militar; que num determinado dia o sujeito já estava há seis horas dentro de um tanque de guerra, parado no deserto, sem beber água; que o calor era tanto e a sede era tanta que o sujeito resolveu sair para ir atrás do que beber, desobedecendo à ordem de permanecer no tanque; que mal o

oficial começou a dar um esporro nele, por causa da desobediência, uma peça de artilharia inimiga atingiu o tanque, fazendo-o explodir.

VOU ao Madame Satã dar de presente meu livro a uma mulher por quem estou interessado. Ela é atriz e está atuando numa peça em cartaz ali. Entrego-lhe o livro e converso um pouco com ela e logo vou embora. No caminho de volta para o Itaim decido parar na Funhouse e peço para o taxista retornar para a Rua Bela Cintra. A Funhouse ainda está vazia e pego uma cerveja Heineken e vou para a varanda, na parte superior da casa. Logo pressinto que vou ter um daqueles mal-estares, aquele que é como se eu estivesse numa fotografia sobre-exposta, hiperestesia, etc. Termino apressado a cerveja e pago a conta e saio da Funhouse e caminho um trecho da Fernando de Albuquerque e entro na Haddock Lobo, onde pego um táxi. Chego ao Itaim e tomo um comprimido de 2 mg de Lorax e entro no Facebook e conto para o Signore que fui levar meu livro para a fulana, a atriz, etc. Signore me diz que essa fulana é completamente doida, que uma vez ela fez uma peça inteira empunhando um caco de espelho e que ela havia jurado que ia matar em cena o ator com quem estava contracenando, um namorado que tinha acabado de dar o fora nela, etc.

ENCONTRO-ME com a Magy Imoberdorf no feriado de 15 de novembro. Vamos ao Dona Preciosa, na Vila Mariana. Depois, vamos ao motel Colonial Palace. É a primeira vez que faremos sexo, sexo de fato, presencial. Será uma experiência constrangida e frustrante para ambos.

REVEJO no YouTube alguns filmes do Walter Hugo Khouri, depois de ver pela primeira vez *O Desejo*, de 1975, num DVD que o Carlos e a Andrea Ormond gravaram para mim. Penso em todos os atores que fizeram o personagem Marcelo, alter ego de Khouri – Paulo José, Fernando Amaral, Roberto Maya, Tarcísio Meira e Antonio Fagundes. Não tenho dúvida de que Roberto Maya, enfastiado e ultrajante, foi o que melhor interpretou o personagem.

ESTOU numa festa de final de ano de uma agência de publicidade, numa boate na Rua Nestor Pestana. A boate se chama Vagão Plaza e é normalmente um lugar de garotas de programa, mas não há garotas de programa aqui hoje. Converso com uma amiga a quem dei o nome de Endometriose e com uma amiga dela, a quem acabei de ser apresentado. Essa amiga da Endometriose está obviamente drogada com alguma substância psicodélica, embora seus raciocínios, surpreendentemente, se mostrem conexos, coerentes, velozes. Vejo que ela ficou interessada por mim e me sento com ela e a estimulo a falar e percebo que eu também

estou interessado por ela, mas decido ficar na encolha, pelo menos por enquanto; lembro-me que a Endometriose uma vez me falou sobre uma amiga que estava com uma grave infecção genital porque resolvera fazer sexo com um cachorro pra ver como é que era. Fico olhando para o rosto dessa amiga da Endometriose e tento imaginar se ela seria capaz de transar com um cachorro e não consigo chegar a nenhuma conclusão, só olhando para o rosto dela.

5

VOU com a Magy ao La Maison Est Tombée, na Rua Jerônimo da Veiga, Itaim. Estamos namorando. Um sujeito, um desses velhos ricos que fumam charuto e usam o cabelo puxado para trás, um tipo comum no La Maison, diz para nós, assim que chegamos: puxa, que casal bonito. Passamos duas horas ali e na saída dançamos, meio de brincadeira, uma música lenta que me lembra uma música do The Style Council, do álbum Cafe Bleu. Eu e Magy vamos com frequência a lugares como Madame, Ofner, Botequim do Hugo, Galeria dos Pães, Fiftie's, Trackers. Outro dia ela me levou a um restaurante nordestino na Bela Vista e disse um monte de coisas e depois perguntou se aquilo tudo que ela acabara de dizer me causava alguma inquietação. Eu respondi perguntando se deveria de fato me preocupar com as coisas que ela acabara de dizer. Às vezes Magy e eu brigamos (Magy diz que ela não é mulher de passar a mão na cabeça de namorado quando este faz alguma besteira; respondo que isso é problema dela, que esse tipo de tutela não me diz respeito; digo que gosto de Magy, mas que, entre mim ou ela, eu gosto mais de mim; etc.). Às vezes brincamos de imaginar uma vida a dois em que moramos numa rua aqui no Itaim, a Rua Carla, numa casa construída no início dos anos 1960. Às vezes lhe escrevo longas mensagens, pelo Facebook. Essas mensagens sempre geram desentendimentos, discussões, etc. Às vezes sonho com ela e ela sonha comigo, e narramos esses sonhos um para o outro, e tentamos interpretá-los. Aos poucos passarei a chamar Magy de Princesa Ervilha.

RECEBO um convite vip para ir ao Charles Edward Bar. Entro na página do Charles no Facebook para olhar as fotos e decidir se vou ou não. Escolho um dos álbuns de fotos, da Festa do Brega, que aconteceu semana retrasada. Divirto-me observando as fotos e vendo a ideia caricatural que as pessoas que frequentam o Charles – pessoas rastaqueras, cafonas, etc. – têm do que seja ser brega.

NO aniversário da Chu, no SubAstor, um bar estilo *speakeasy*. Observo uma mulher parecida com a Laura Pausini, que está usando um sobretudo curto da marca Prada. Um telão exibe o clipe de *Them Bones*, do Alice in Chains – água empoçada, insetos rastejantes, clarões, etc. Minha acompanhante feminina dessa noite – meu namoro com Magy sofreu uma interrupção – chega e me liga e vou até a rua buscá-la e aproveito e fumo um Marlboro e pergunto a ela se ela teve dificuldade para estacionar o carro, pergunto onde ela parou, etc. A presença dessa mulher me excita porque ela é uma mulher nascida em 1966 que ainda está atraente (ela não é aquela de 2008, da Padaria Real) e porque talvez ela signifique uma oportunidade de tornar cabal meu rompimento com a Magy, já que as duas são amigas, etc.

VEJO várias vezes no YouTube a gravação de um Mirage 2000 da FAB dando um voo rasante sobre a Praça dos Três Poderes, em Brasília. O boom sônico gerado pelo caça estilhaça os vidros do STF. Procuro outros vídeos que mostrem o episódio de outros ângulos e acabo vendo vários vídeos de caças rompendo a barreira do som; depois, vejo um trecho de um documentário sobre o Chuck Yeager; depois, vejo o acidente fatal de Gilles Villeneuve na Fórmula Um; depois, Marie-Claudia Pietragalla dançando a coreografia de Nijinsky para *Le Sacre du Printemps*, de Stravinsky; depois, INRI Cristo sendo chicoteado no programa do Homem do Sapato Branco.

MAGY me fala sobre seu recente envolvimento romântico com um funcionário de um bingo clandestino. Ela conta que destruiu o celular do sujeito numa crise de ciúme, etc. Rio muito com as coisas que ela conta, o episódio é ridículo demais e primário demais para que, de alguma maneira, possa ferir meus brios.

VOU com o Eurico Junqueira a uma festa no Alto da Lapa. A festa é numa casa estranha, cuja construção não parece ter sido concluída. Num dado momento a festa é tomada por um grupo de lésbicas militantes que estão com os peitos de fora e que colam nas paredes cartazes com mensagens do tipo, sua periquita é linda, etc. Elas, que são bonitas, ficam se beijando entre si, agressivamente, narcisicamente, excludentemente.

RELEIO todas as peças do Nelson Rodrigues e revejo o filme *Toda Nudez Será Castigada*, direção de Arnaldo Jabor, 1973; digo a uma amiga, a quem dei o nome de Quadris, que ela é muito parecida com a Darlene Glória, especialmente nesse filme, interpretando o papel da Geni; Magy e eu temos nos encontrado e às vezes temos momentos íntimos

significativos, profundos, etc., mas sempre saio desses encontros com a sensação de que somos um para o outro apenas assombrações com cuja presença podemos mais ou menos contar; lembro-me que quando eu era criança eu cismei que a fábrica de relógios Technos tinha uma linha de relógios exclusivos para zeladores de prédio, porque todos zeladores que eu conhecia usavam relógios Technos, com o fundo verde ou vermelho; Quadris parece ficar lisonjeada com minha comparação, Darlene Glória, etc., e vamos a um lugar na Rua Augusta e ela está bêbada, sentada com a bunda empinada para trás, e eu a imagino nua naquela posição e avalio os ganhos e as perdas de agarrá-la, enfiar o nariz em sua nuca, etc.; ela pergunta do que estou rindo e eu invento alguma coisa, não quero falar para ela sobre a linha de relógios Technos para zeladores, Quadris é maconheira e todo maconheiro é imbecil, embora Quadris não seja totalmente imbecil, sua mente com razoável frequência se mostra ágil, afiada, etc.; ela, que de fato foi formada na práxis marxista, ou seja, entende a lógica do sim e do não simultâneos, a dialética, a contradição, etc., além de não ser nem um pouco afeita a símbolos primários e estáticos de esquerdismo, parece de fato se divertir com minha encenação de provocador de direita, e aí, Quadris, tem ido muito naquele lugar lá na Vila Madalena, a Casa da Xiclet?, ateliê?, artista?, ateliê é o cacete, aquilo lá não passa de um centro de macumba, sério, dá pra sentir o cheiro de enxofre a um quilômetro de distância, de enxofre e dessa merda aí que vocês fumam, maconha; Magy concorda comigo enquanto massageio suas costas, em seu carro, estacionado na Rua Paes de Araújo, Itaim; ela diz que sim, que provavelmente estou certo, que provavelmente somos apenas assombrações um na vida do outro, aparições com as quais mais ou menos podemos contar; e que não temos como prever se essa nossa situação algum dia vai sair disso; que talvez eu venha a ser o homem com quem ela vai acabar ficando pelo resto da vida; que talvez não; que, sim, que ela já reparou que nosso diálogo, antes tão prolífico e estimulante, vem já há algum tempo derrapando em repetições, esterilidade, etc.

6

VOU com a Olívia e com o Signore à festa de inauguração do Wesley Duke Lee Art Institute. O lugar fica numa pequena rua, paralela à Avenida Brigadeiro Faria Lima e perpendicular a Professor Artur Ramos. Na década de 1990 a casa noturna Cabral, propriedade do Luciano Huck, funcionou nessa rua. Signore me diz, apontando discretamente para

certas pessoas, aquele é fulano, aquele é sicrano, etc. Digo que sim, que eu sei que aquele é sicrano; digo que a mãe de uma ex-namorada (a Granada sem Pino) era colecionadora de arte e era amiga dele, sicrano; digo que sei como sicrano se estabeleceu no mercado das artes, que foi promovendo orgias gays nos anos 1980, orgias imensas, para mais de cem pessoas, sempre fartamente abastecidas com cocaína, etc.; digo que o sicrano então dizia, cinicamente, que essas orgias tinham de ser imensas mesmo, porque se cinquenta sujeitos pegassem aids ali e morressem, ainda sobrariam outras "cinquenta bichonas", todas chapas dele, influentes no mercado, etc.

DECIDO voltar a pé da Vila Mariana para o Itaim, embora tenha tomado 100 mg de Tramadol, um opioide sintético, e esteja sentindo minha respiração deprimida por causa disso (minhas dores nevrálgicas não estão cedendo mais com a combinação ibuprofeno-paracetamol). A caminhada leva uma hora e quinze minutos; desço a Rua Joaquim Távora, atravesso o Parque do Ibirapuera até a Avenida IV Centenário, entro na Vila Nova Conceição, que cruzo numa rota mais ou menos diagonal; chego na Eduardo de Souza Aranha, pego a passarela sobre a Juscelino Kubitschek e vou por dentro do supermercado Extra até a saída na Rua Leopoldo Couto Magalhães.

VEJO a ópera *Moses und Aron*, de Arnold Schönberg, numa montagem de 2009, da Bochumer Symphoniker. Essa ópera, a única de Schönberg (que, aliás, morreu antes de completá-la), dramatiza o conflito entre Moisés, para quem Deus é inapreensível e não representável, e seu irmão Aarão, um líder demagogo que sabe que a patuleia sempre precisa de símbolos concretos para supostamente se relacionar com o divino. O trecho *Tanz um das Goldene Kalb*, talvez o mais impressionante da ópera, é uma orgia sexual com corpos ensanguentados, etc. As cantoras do Chor Werk Ruhr são majoritariamente bonitas; algumas estão nuas em cena; o ato sexual é representado, por elas e por seus parceiros, com fidedignidade e vigor.

VOLTO a andar de bicicleta, depois de alguns anos parado. No começo faço trajetos curtos – vou até o Largo da Batata e volto, pedalo na ciclovia do Parque do Povo, etc. Aos poucos amplio os trajetos e o tempo que permaneço pedalando.

LEIO um artigo confuso sobre harmonia negativa. O artigo diz que o compositor húngaro Béla Bartók usou a harmonia negativa em várias composições suas, como o *Allegro Barbaro*, etc. Busco outros artigos

sobre o assunto e chego à conclusão de que a harmonia negativa é a aplicação, a acordes em vez de melodias, da técnica de espelhamento do contraponto. Daí eu concluo que, na prática, a harmonia negativa é apenas uma técnica de substituição de acordes de um determinado campo harmônico por acordes que não pertencem a esse campo, substituição que obedece, sempre, ao seguinte procedimento: dada uma determinada tonalidade (Dó Maior, por exemplo), o campo harmônico negativo estará sempre um tom e meio acima deste (ou seja: no presente caso, na tonalidade Mi bemol Maior); o grau I do campo harmônico Dó Maior será então substituído pelo grau VI do campo harmônico Mi bemol Maior; o grau II pelo grau V, o grau III pelo grau IV, o grau IV pelo grau III, o grau V pelo grau II, o grau VI pelo grau I e, por fim, o grau VII pelo grau VII. O resultado sonoro dessas substituições quase sempre soará batido, banal, *déjà vu*, basicamente porque, na prática, isso tudo já foi explorado exaustivamente nas harmonias que usam os chamados acordes de empréstimo modal. Depois de explorar a harmonia negativa tentarei, durante algum tempo, brincar de compor músicas usando a harmonia neomodal, que mistura a lógica reiterativa e a temporalidade circular do modalismo com algo da lógica discursiva e da temporalidade progressiva do sistema tonal, mas tudo isso acabará me soando *déjà vu* também; depois, experimentarei uma escala diatônica com o intervalo de 3ª menor dado pela razão frequencial 19/16 (1/1,1875) em vez da razão 6/5 (1/1,2); depois, experimentarei uma escala cromática de onze notas, endecafônica, cujo semitom é dado pela razão frequencial 1/1,065041; depois, tentarei ouvir musicalmente as recitações do Alcorão e a princípio me impressionarei com a capacidade que os recitadores têm para cantar as suras usando quartos de tom (escala microtonal); tudo, tudo isso invariavelmente acabará por me aborrecer. A música, em suma, ao menos a música enquanto um sistema que conserva (ou deveria conservar) em sua latência a possibilidade de uma permanente ampliação de suas possibilidades formais e expressivas, me parece cada vez mais algo esgotado, consumado, morto.

NO YouTube, vejo o testemunho dado por Jece Valadão numa igreja evangélica, no qual ele fala de sua conversão religiosa (Jece diz que a única coisa que Cristo não curou nele foi a diabete); vejo uma entrevista com a atriz pornô Eve Lawrence e uma entrevista com a atriz pornô Kimberly Kane; vejo a cena do filme *Quadrophenia* em que o sujeito rouba um scooter da marca Vespa e fica correndo com ele próximo a uma falésia, ao som de *I've Had Enough*; vejo a cena de *Noite das Taras* em que a Patrícia Scalvi, nua, debaixo do chuveiro, contempla uma navalha

aberta; vejo a cena de Possuídas pelo Pecado em que Benjamin Cattan arremessa uma garrafa de bebida a um chiqueiro e que Helena Ramos, alcoólatra em crise de abstinência, se joga no meio das fezes suínas para pegar a garrafa e beber; vejo uma aula do Olavo de Carvalho sobre Edmund Husserl e fenomenologia; vejo algumas cenas do filme *Palácio dos Anjos*, de Walter Hugo Khouri, procurando os ângulos em que a atriz Geneviève Grad está mais parecida com minha namorada, Magy (Magy Imoberdorf, Princesa Ervilha, Ervilha Jurema, etc). Constato que as duas são realmente parecidas; Magy e Geneviève têm o mesmo tipo de beleza, uma beleza extrema, autoconsciente, portanto necessariamente arrogante.

VOU com Signore a um prostíbulo vertical no Centro. O prostíbulo funciona num prédio, na Rua dos Andradas. Entramos no elevador e pagamos a taxa de dois reais à ascensorista, que nos leva ao último andar. Vamos descendo as escadas e as prostitutas nos abordam, pegam em nossos braços, etc. Signore escolhe uma prostituta jovem e razoavelmente bonita e me pede cinquenta reais emprestados (o programa custa trinta), então vai com ela para dentro de uma sala cheia de cubículos feitos com compensados de madeira, onde há apenas uma cama e um colchão sem lençol. Fico sentado num banco próximo aos elevadores, esperando. Signore volta vinte minutos depois, abraçado com a mulher, então nos despedimos dela, e descemos as escadas até o térreo, e saímos para a rua, e Signore me diz que precisa ir para casa tomar banho, que ele não tirou a camisinha ainda, que ele observou bem o branco dos olhos da mulher e os achou meio amarelados, que é bem provável que ela tenha hepatite.

7

LEIO na tela do computador um texto a meu respeito. Fui eu que o escrevi. Digo nesse texto que são sete horas e cinquenta e um minutos, do dia vinte e nove de julho de 2017. Digo que “minhas pulsões e, talvez sobretudo, minhas repulsões podem acabar fazendo um desenho caricatural de mim”. Digo que esse pensamento me ocorrera há pouco, enquanto eu estava me lembrando de uma manhã do ano de 1991 em que eu fora ao prédio da Fundação Cásper Líbero, na Avenida Paulista, 900, fazer um teste vocacional.

Digo no texto que assim que terminei o teste “saí e fiquei sentado na escadaria do Objetivo, meditando a respeito do que a psicóloga do teste

vocacional havia me dito, que eu deveria parar de ser um gângster comigo mesmo". Digo que não entendi na ocasião o que a mulher quis dizer com isso, ser um gângster comigo mesmo. Digo que então decidi dar uma volta; que comprei numa banca de jornal um maço de cigarros americanos, da marca Chesterfield; que tomei um ônibus e fui até a Pompeia, bairro onde morei de 1973 a 1976, dos dois aos cinco anos. Digo que em 1991 eu experimentava "uma espécie de compulsão" relacionada à minha origem, a meu "cenário original", então empreendia muitas dessas "viagens regressivas" a "lugares da minha infância profunda", etc.; digo que durante a adolescência talvez eu tivesse perdido um pouco minha "linha de continuidade" e que aos vinte anos eu estivesse precisando "me lembrar de quem eu era".

PASSEIOS com a Magy: levo-a para conhecer o Wesley Duke Lee Art Institute. Na sala onde foi remontada a biblioteca de Wesley e onde estão muitos objetos pessoais dele detemo-nos nos sapatos, uns trinta pares; observamos o que há debaixo do vidro de uma mesa de centro; vemos um filme em que Wesley Duke Lee fala de sua vida, formação artística, etc.; ele diz que sua avó materna era pintora acadêmica, muito boa, e que quando ele era criança ele não podia mexer em nada no ateliê dela, que "não tinha essa coisa de dar lapisinho pro pimpolho, pro pequeno gênio, rabiscar, nada disso", etc. Também levo Magy para conhecer o Centro Espírita Cacilda Becker, que funciona na casa do único filho natural da Cacilda, o Cuca Becker Fleury. Digo a Magy que no terreno ao lado da casa da família Becker, onde hoje há um flat, era a casa do Mazzaropi, etc. Vamos algumas vezes ao Madame, à Ofner, ao Botequim do Hugo, mas já faz alguns meses que eu e Magy não temos nenhum contato corporal íntimo.

PEDALO cinquenta quilômetros na ciclovia do rio Pinheiros, em pouco mais de duas horas. Venho me acostumando com o cheiro de podre da água do rio e com a grande quantidade de fezes (de capivara) que há na pista. Minha bicicleta, uma velha MTB Caloi Elite 2.1, apesar de ser relativamente pesada (comparada com as bicicletas atuais), desenvolve uma boa velocidade; meu recorde é aqui nessa pista, 47,2 km/h. Não uso roupas próprias para ciclismo; limito-me a usar um capacete, Btwin, preto, e um velho par de óculos de sol da marca Fila. Penduro meu obsoleto tocador de mp3 na alavanca do passador de marchas esquerdo e normalmente ouço o compositor minimalista norte-americano Steve Reich (*Six Marimbas*, *Music for 18 Musicians*) enquanto pedalo.

PROCURO no YouTube, Vimeo, etc. o filme *The Canyons*, direção de Paul Schrader, 2013, mas não o encontro. The Canyons tem roteiro de Bret Easton Ellis e estão no elenco Lindsay Lohan, Gus Van Sant e o ator pornô James Deen. Leio que os atores concordaram em trabalhar no filme ganhando um cachê de cem dólares diários; que o filme não conseguiu ser exibido em nenhuma sala de cinema; que Lindsay Lohan causou alguns transtornos no set de filmagem, mas não muitos.

VEJO alguns trechos de filmes no YouPorn. Digito no buscador a palavra milf e descubro que há uma categoria de filmes pornográficos chamada stepmother, em que madrastas transam com enteados, etc. Vejo um filme stepmother, em que uma atriz chamada Mandy Flores negocia a relação sexual com o enteado nos seguintes termos: como ela não sente nenhum prazer com sexo anal, ser sodomizada pelo rapaz será uma ação sem consequência, ou seja, não poderá ser considerada uma traição ao marido, etc. O filme tem um tipo de humor que lembra o das produções da Boca do Lixo paulistana e a atriz, Mandy Flores, é notavelmente bonita, nada tendo a ver com os estereótipos de atriz pornô.

VOU com Signore ao teatro Cemitério de Automóveis, na Rua Frei Caneca. Haverá uma leitura de poesia e Signore será um dos recitadores. Signore, que está bebendo uísque, me apresenta a um sujeito e diz, esse é o Raul Fiker. O sujeito me parece mentalmente confuso e tem uma dicção embolada; depois pergunto a Signore se ele teve alguma isquemia cerebral, etc. (Raul Fiker morrerá tragicamente poucos meses depois, ao cair no poço do elevador de seu prédio.) Assisto a uma parte das recitações – Mario Bortolotto, Natália Barros, Ciro Pessoa –, saio para ir ao banheiro e não volto para ver as recitações restantes. Depois, quando todos saem da recitação e ficam circulando pelo bar do teatro digo ao Signore pra parar de me apresentar como escritor, que se ele for me apresentar pra alguém é pra dizer que eu sou qualquer outra coisa. Ficamos na porta do Cemitério, sondando para ver se há alguma mulher paquerável (tentei dar em cima da Natália Barros, mas ela me esnobou, etc.); uma velha com um ar assustadiço a quem dou o nome de A Velha que Tomou LSD Demais nos Anos Setenta e Acabou Xarope, vem falar conosco; ela, que usa um bottom onde está escrito Fora Temer, nos diz alguma coisa querendo mostrar que pertence ao lado certo do espectro político, etc., então dizemos a ela que somos agentes de segurança do estado, que estamos ali procurando voluntários para testar os novos equipamentos de tortura do novo DOI-CODI, que tem até um cachezinho para quem topar ser voluntário, cem reais, e que as sessões de tortura não

são tão violentas assim, que rola só uns afogamentozinhos, uns choquezinhos elétricos, etc.

VOU ao Maksoud Plaza me encontrar com o Carlos e com a Andrea Ormond. Carlos me conta uma história sobre o humorista Paulo Silvino – que uma vez Silvino ligou para a redação da Última Hora, jornal onde o pai de Carlos trabalhava, dizendo que tinha sido abduzido por um disco voador, que a abdução ocorrera na Barra da Tijuca, etc. O pai de Carlos foi consultar Samuel Wainer e Wainer imediatamente ordenou que a reportagem fosse feita.

ESTOU com a Magy, sentado num dos sofás do lounge do Madame. São quatro horas da manhã e a casa já está consideravelmente vazia. Vamos até a máquina de pinball que há ali no lounge e vemos que ela está funcionando; compramos algumas fichas e ficamos jogando fliperama e num dado momento eu abraço Magy por trás e ela tomba a cabeça na direção de um de meus ombros e eu mergulho meu nariz em seus cabelos e o cheiro da pele de Magy faz meu coração disparar e eu mordo seu pescoço com delicadeza e ela pressiona as costas contra meu peito; apesar do efeito iluminador que Magy sempre exerceu sobre mim, os contatos desse tipo que eventualmente ainda temos me parecem cada vez mais ter um sentido de despedida, de afastamento, de irreversibilidade dessas duas coisas.

8

SAIO ÀS SEIS DA MANHÃ PARA PEDALAR. Sigo pela ciclovia da Faria Lima, que desemboca na ciclovia da Avenida Pedroso de Morais, avenida que depois da Praça Panamericana muda de nome para Fonseca Rodrigues. Cruzo a Queiroz Filho e sigo pela ciclovia da Gastão Vidigal, então viro à direita na Rua Mergenthaler. Atravesso a Vila Leopoldina e o Alto da Lapa pela Rua Barão da Passagem até chegar à Praça John Lennon; sigo pela ciclovia da Thomé de Souza e depois pego a ciclovia da Rua Coriolano; atravesso a Vila Romana, depois a Pompeia, e entro na Avenida Antártica; viro à direita na Marquês de São Vicente, depois viro à esquerda na Rua dos Americanos, então atravesso a ponte Casa Verde e entro na Avenida Braz Leme, em Santana; sigo a Braz Leme até a Santos Dumont, depois entro na Olavo Fontoura e volto à Braz Leme e atravesso de novo a ponte Casa Verde; vou pela Rua do Bosque até a Avenida Rudge e entro na Rua Sólon e observo as ruínas da antiga fábrica da Ford; faço

toda a travessia da Barra Funda pela Alameda Nothmann e penso em parar para tomar um café com o Signore, que mora na Barão de Limeira, mas me dou conta de que é muito cedo ainda; viro à direita na Amaral Gurgel e entro no Largo do Arouche e sigo até a Vieira de Carvalho e contorno a Praça da República; atravesso a Praça Dom José Gaspar e desço a Rua Sete de Abril até a Xavier de Toledo; passo em frente ao Theatro Municipal e entro no Viaduto do Chá e subo a Líbero Badaró, depois pego a Benjamin Constant e chego à Praça da Sé; subo a Avenida Liberdade e chego à Rua Vergueiro, Bernardino de Campos, Rafael de Barros, Tutoia, Manuel da Nóbrega, Parque do Ibirapuera, República do Líbano, Hélio Pellegrino, Faria Lima. Imagino muitas histórias enquanto pedalo; imagino a história de um rapaz que teve uma crise epilética após gargalhar vendo um filme que mostrava uma orgia de portadores de Síndrome de Down e que no momento está na dúvida se, por algo que ele fez, penetrar a genitália de uma mulher com uma peça de xadrez (um rei), ele pode considerar que deixou de ser virgem; imagino a história de uma mulher aorgástica que se descobre capaz de ter orgasmos quando tem algum dente extraído; imagino a história de um grupo de adolescentes que passam a achar que todas as pessoas que eles conhecem podem ser informantes do SNI (a história se passa em 1982); imagino a história de um violinista virtuose que descobre que toca muito melhor depois de fazer pegas de rua (dar cavalos de pau, etc.) num subúrbio do Rio de Janeiro; imagino a história de um sujeito que se vinga do amante da mulher pendurando no órgão genital deste uma pipa num dia de chuva, raios, trovões; imagino a história de uma mulher que põe fogo no posto de gasolina que há ao lado do prédio do namorado que a dispensou; imagino a história de um rapaz que dá uma afogadinha numa menina que tentou corromper a irmã dele com um par de sapatos de salto. Rio muito ao me lembrar de um episódio do livro que um amigo, o Marcelo Santos, o Bixo Marcelo, escreveu, episódio em que um garoto fica griladíssimo após ter uma ereção ao ver a mãe transar com um desconhecido num campo de nudismo; eu disse ao Marcelo que minha tentativa de apresentar o livro dele a uns figurões não deu em nada, que esses figurões são mesmo todos uns bundas-moles, que eles não iam mesmo comprar briga por causa de um livro tão estupendo e tão magnificamente descaralhado como o dele; que se ele, Bixo Marcelo, fosse um queimador de rosca militante, ou uma mulherzinha militante, ou um crioulo militante, ou um favelado militante, ou um maconheiro militante, provavelmente seria fácil arranjar editora, mas que ele é apenas um escritor de extraordinário de talento e que isso, apenas isso, não só se tornou algo insuficiente como até passou a pegar mal nessa merda de país.

SUBO NO ÔNIBUS, ME SENTO E TIRO DA MOCHILA MEU OBSOLETO APARELHO DE MP3. Ponho os fones e coloco para tocar o áudio do filme *Convite ao Prazer*, de Walter Hugo Khouri. O áudio dura o tempo exato que o ônibus leva para ir de São Paulo a Santos, quase duas horas. A descida da serra é feita pela Anchieta, que tem tráfego intenso de caminhões. Não desço do ônibus na rodoviária de Santos, mas na área portuária, em frente ao ferry boat, o que faz a travessia de pedestres para o Guarujá. Observo um navio bastante próximo, carregado de contêineres da Hamburg Süd. Caminho pela Avenida Saldanha da Gama e paro num ponto de ônibus e tomo um micro-ônibus que leva menos de dez minutos para ir até o Embaré, canal quatro.

Salto do micro-ônibus e caminho até meu prédio e vou andando pela garagem até o bloco dos fundos. O prédio fica ao lado de uma igreja construída em 1945, em estilo neogótico. (Há um terreno com bastante recuo – vinte ou trinta metros – em frente à igreja.) Entro no elevador, que tem um cheiro que talvez esteja ligado aos registros olfativos da minha infância. A palavra citronela me vem à cabeça, embora eu não tenha certeza do que ela signifique. Entro no apartamento pela porta da cozinha e acendo a luz e vou até a sala e aperto vários pequenos interruptores e vejo lâmpadas se acenderem (sala, corredor, um spot sobre a mesa de jantar). Vejo também qual dos interruptores aciona o ventilador de teto. A última vez em que estive nesse apartamento foi em 2007 ou 2008, mais ou menos na época em que meu pai o comprou.

Vou aos quartos e decido que vou dormir na cama de casal e desfaço minha bagagem. A bagagem é composta por duas trocas de roupa (camisetas, meias, cuecas), um carregador de celular, uma toalha de banho, um par de óculos Ray-Ban Celebreties, modelo Caribe, um par de óculos de leitura, um livro (A Grande Arte, do Rubem Fonseca). Deixo meu blazer no encosto de uma cadeira, pego minha carteira e saio do apartamento.

VOU a um Pão de Açúcar e compro uvas-passas, pão de forma e frios. Julgo reconhecer o prédio do mercado – uma vez, em janeiro de 1984, estávamos passando férias na Vila Caiçara e viemos comprar peixes aqui em Santos, na ponta da praia, e depois paramos aqui nesse mercado, que era um Jumbo Eletro na época, e quando estávamos ali na garagem guardando as compras uma garrafa de Coca-Cola caiu no chão e a pressão do refrigerante projetou um pequeno e pontiagudo caco de vidro contra a perna do Heitor, um vizinho e amigo nosso.

Volto para o apartamento e guardo as compras e tento mais uma vez fazer uma ligação em meu telefone e constato que ele não está mesmo funcionando. Ligo a TV e ponho um DVD, do filme *O Incrível Monstro Trapalhão*. Vejo a cena em que os créditos são mostrados, sobrepostos a uma corrida em Interlagos entre Passats e Fiats 147. A direção do filme é de Adriano Stuart, a direção de fotografia é de Antônio Meliande e a produção é de Renato Aragão. Vou à cozinha e faço um sanduíche de queijo prato e pego uma lata de Budweiser e volto à sala e fico ali, comendo e vendo o filme.

ACORDO cedo, não são nem sete horas. Pego o aparelho de mp3 e vejo o que há nele além do áudio de Convite ao Prazer e as peças do Steve Reich que normalmente uso para pedalar. Ponho para ouvir as Seis Peças para Orquestra, do Anton Webern. Sinto algum prazer em identificar os instrumentos orquestrais – trombone com surdina, clarinete, fagote, oboé, flauta, glockenspiel – e também em identificar alguns intervalos harmônicos, terça maior, segunda menor, quarta aumentada, etc. Desligo o aparelho e me levanto e vou ao quarto dos fundos e pego uma das bicicletas, depois vou ao banheiro e passo filtro solar FPS 30, depois me visto e saio do apartamento e vou empurrando a bicicleta pelo corredor e desço pelo elevador de serviço.

Saio do prédio e ajusto a altura do banco da bicicleta e ajusto o capacete e entro na ciclofaixa e vou até São Vicente, até perto da ponte pênsil. Depois volto e sigo até o ferry boat, então volto para o canal quatro. Gasto quase duas horas nesse percurso. Tomo um longo banho e me seco em frente ao ventilador, que está com o controle de posições quebrado e que mantenho na mesma posição escorando-o com um dos poucos objetos pesados que achei aqui no apartamento, um livro chamado Almanaque da TV.

DE noite decido dar uma volta a pé, talvez parar num bar, etc. Vejo um pub australiano montado numa casa antiga e um restaurante mexicano, também montado numa casa antiga, mas não entro nesses lugares e sigo pela rua paralela à avenida da praia, depois entro na avenida da praia e ando um pouco por ela e paro no Pão de Açúcar, onde compro uma bandeja de caquis. Volto para o apartamento e coloco os caquis na geladeira e pego uma Budweiser e vou para a sala e ligo de novo o DVD dos Trapalhões. É difícil entender a maior parte do que o Didi, o Dedé, o Mussum e o Zacarias falam, o som do filme tem uma qualidade ruim. Vejo uma cena em que o Dedé começa a perguntar onde está o macaco (hidráulico) e o Mussum sai de baixo de um carro e diz, eu estou aqui, mas macaco é a sua mãe. Há uns cinquenta DVDs na prateleira, mas por

algum motivo o filme que quero ver, neste sábado, neste cinco de maio em que tenho quarenta e sete anos, nesta cidade onde estão sepultadas várias gerações de antepassados meus (Shuberts, Haaks, Scarpinis), o filme que quero ver e rever e rever e rever é esse filme dos Trapalhões cuja qualidade de som impossibilita que eu entenda a maior parte do que os atores falam.

ACORDO e vejo no relógio que são três horas da madrugada. Eu estava tendo um sonho aflitivo, um sonho em que eu via uma ex, a Helen (tivemos um relacionamento em 2005 ou 2006), e ela estava vestida com uma roupa de festa que deixava suas costas à mostra e eu tocava com as pontas dos dedos em suas costas e depois deitava o rosto, também em suas costas. Fico na cama, com os olhos fechados, tentando voltar a dormir. Ouço ruídos distantes de vozes e música e esses ruídos parecem uma continuação do pesadelo que estava tendo. Levanto-me e vou à geladeira e como um caqui. Lavo as mãos, volto para a sala e ligo o filme dos Trapalhões e avanço até a sequência em que um grupo de árabes e um grupo de russos disputam num leilão uma fórmula que o Didi descobriu e que será capaz de substituir o petróleo no mundo. Tudo nesse filme é absurdamente delicioso – os estereótipos raciais, por exemplo (os russos, liderados pelo Felipe Levy, andam todos com toucas de cossacos e os árabes, liderados pelo Carlos Kurt, andam vestidos de beduínos – e tanto os russos como árabes são vigaristas do tipo que roubam talheres de restaurante); talvez o que de fato seja delicioso nesse filme sejam as soluções simples – soluções infantis – para problemas complexos ou mesmo insolúveis.

DESÇO A RUA AUGISTA COM O JÚLIO E DUAS MULHERES QUE TALVEZ SEJAM GAROTAS DE PROGRAMA, não tenho certeza, foi o Júlio que fez a abordagem. Ele veio até mim e disse, descolei duas minas, vombora daqui, *birth, death and copulation, that's all*. Saímos do inferninho e descemos a pé até a Rua Martins Fontes e no caminho Júlio ergue o punho e sacode o relógio que está usando e diz a uns sujeitos que estão do outro lado da calçada, e aí, seus pés de chinelo, não vão querer vir aqui roubar, não?, é um Vacheron Constantin, legítimo, nada de falsificação vendida por camelô, vale uns cinco mil dólares. O relógio é mesmo um Vacheron e a brincadeira predileta do Júlio é sair por aí à noite e andar por lugares perigosos com o relógio aparecendo. Uma das moças que pegamos na boate ri e me pergunta, uau, quer dizer então que seu amigo aí é cheio da nota, é?, digo que cheio da nota é relativo, que ele tem mesmo bons relógios e boas roupas, mas que o cemitério onde ele foi enterrado é horroroso, que quando fomos apresentados e nos tornamos

amigos a pessoa que nos apresentou disse, esse é o Julinho Safardana, dono do túmulo mais brega do Brasil.

Chegamos ao prédio e entramos e subimos os quatro pelo elevador. Observo um risco no painel dos botões e penso que provavelmente alguém decidiu escrever alguma coisa ali, mas hesitou (escrever o quê?) e acabou desistindo da coisa após fazer o primeiro traço. Entramos no apartamento na cobertura e Júlio vai com uma das garotas para o quarto e eu me sento no sofá da sala com a outra. Ela acaricia meu rosto e diz que eu sou bonito e pergunta o que eu faço. Respondo, luto boxe. Acrescento, não faço nada. Repito, luto boxe e não faço nada. Tiramos a roupa e observo o corpo da garota, um corpo jovem e bem proporcionado, estilo antigo, a tatuagem que ela tem também é estilo antigo, um pequeno cavalo marinho desenhado nas costas. Terminamos de fazer sexo e vou até o aparelho e coloco um pen drive para tocar umas músicas, *easy listening*, smooth jazz, etc. Volto ao sofá e fico conversando com a garota e acabo perguntando quando foi que ela morreu, essa pergunta é meio inevitável entre as pessoas que estão na nossa condição. (Esse texto, evidentemente, é imaginário. Imagino nele que estou morto e que minha vida como fantasma, espírito desencarnado, assombração, etc., comporte episódios como esse, dessa noitada na Rua Augusta.) A garota me diz que nasceu em 1961 e morreu em 1984. Pergunto como foi que ela morreu e ela, depois de sustentar por uns dez segundos um silêncio constrangido, me responde, olha, gato, eu prefiro não falar disso, tudo bem?, e eu digo que sim, claro, tudo bem.

A mulher com os dados cronológicos mais incomuns que já peguei tinha nascido em 1926 e morrido em 1955. Foi uma das poucas que me disse como morreu (choque séptico após uma cirurgia de apêndice), mulher não gosta mesmo de falar sobre essas coisas, isso é uma conversa mais masculina, homens são fanfarrões e adoram dizer que morreram enquanto executavam alguma façanha, bati com meu carro a mais de cento e noventa por hora, fui fazer um salto e meu paraquedas falhou, estava saindo com uma mulher casada e o marido me deu cinco tiros, o Júlio diz que aconteceu com ele uma coisa meio assim, que ele foi jogado de um décimo primeiro andar de um prédio na Conselheiro Brotero pelos capangas de um figurão cuja mulher ele andava comendo, mas eu acho que essa história dele é mentira.

Um barulho de batida de carro vem da rua e me levanto e vou ver, depois observo na esquadria da janela uma camada de tinta meio escorrida, uma camada velha, já. Júlio vem do quarto com sua garota e diz, ei pessoal,

atenção-atenção, e as duas garotas riem e eu permaneço na mesma posição, olhando para a camada de tinta escorrida, olhando para São Paulo, Cerqueira César, Centro, então eu penso na palavra interminável e o Júlio repete a palavra que acabou de dizer, usando agora uma ênfase diferente, atençã-ão!, ênfase que eu acho que é dirigida exclusivamente a mim, então eu paro de olhar para a janela e me viro e olho para o Júlio.

9

VEJO no YouTube uma entrevista com Carlos Eugênio Paz. Paz, que nos anos 1960 era membro da ALN (grupo de extrema-esquerda liderado por Carlos Marighella), conta como executou o então presidente da Ultragaz, Henning Boilesen, por este ser um dos financiadores da Operação Bandeirante. Diz Paz ao entrevistador que, do banco de trás de um Fusca em movimento, ele disparou um fuzil FAL, calibre 7,62, contra o carro de Boilesen, conseguindo já nesse primeiro tiro acertar o osso occipital (base do crânio) de Boilesen; que Boilesen ainda tentou fugir a pé, mas que, ferido, caiu na calçada da Rua Barão de Capanema, Jardins, São Paulo; que então Paz e dois comparsas saíram do Fusca e efetuaram vários disparos contra Boilesen, matando-o. Depois vejo o filme *O Ônibus da Suruba*, direção de Sady Baby, 1989, uma versão para o YouTube em que as cenas de sexo explícito foram cortadas. Num dado trecho do filme um sujeito se senta numa das janelas do ônibus, que está trafegando por uma estrada, e se põe a defecar. Lembro-me então de um filme que vi uma vez, já há alguns anos, dirigido pela Helena Ignez, com José Celso Martinez Corrêa e Ney Matogrosso no elenco. Nesse filme José Celso interpreta um sujeito com demência senil que numa determinada cena defeca nas calças enquanto está tocando piano, então o Ney Matogrosso, que é seu cuidador, abaixa as calças do José Celso e se põe a limpar sua bunda cagada, etc. Não tenho certeza se a cena é realmente assim, se é exatamente isso que acontece nela, e procuro o filme para checar, mas o filme não está no YouTube.

VOU com meu pai a uma farmácia oftalmológica na Brigadeiro Luís Antônio, perto do hotel Unique. Viemos comprar um colírio para minha mãe, que fez recentemente uma cirurgia, etc. Meu pai vai ao balcão da farmácia enquanto observo uma prateleira com medicamentos fitoterápicos veterinários, que não sei por que estão aqui, numa farmácia oftalmológica. Leio que um desses medicamentos é indicado para a

coprofagia canina, uma compulsão patológica que certos cães desenvolvem para comer fezes, etc. Lembro-me de uma piada interna minha e do meu irmão João, na verdade uma cena imaginária envolvendo meu pai e o ator Francisco Cuoco; na cena Francisco Cuoco puxa uma carroça carregada com matéria fecal e fica dizendo a meu pai, vem, Chanel, está acabando, etc. Repito mentalmente as palavras coprofagia canina e penso no Francisco Cuoco dizendo, vem, Chanel, está acabando, e olho para meu pai parado no balcão da farmácia e rio e disfarço um pouco que estou rindo.

Saímos da farmácia, entramos no carro e pegamos a Brigadeiro no sentido do Itaim. Olho pelo retrovisor o hotel Unique e me lembro da vez em que o Signore me apresentou ao Ruy Ohtake, o arquiteto que projetou o Unique, e que eu disse ao Signore que tinha achado o Ruy "um japinha bem chinfrim", e também me lembro da vez em que um amigo levou duas fulanas ao Unique e fez ménage a trois com elas e que uma delas depois se envolveu com uns anarquistas da pesada e passou a ser monitorada pela Abin e que eu disse a esse amigo, ha, ha, culpa sua, seu judeu pérfido, que em vez de namorar direitinho a moça, não, resolveu meter ela nas suas safardanagens, etc., e que ele disse que não, que a tal fulana sempre foi louca e ficou completamente louca depois que teve de extrair cirurgicamente útero, ovários, tudo.

VENHO estudando fonética. Nunca havia dado atenção a essa área de estudos da linguagem. Aprendo que as vogais se dividem em anteriores, médias e posteriores, fechadas ou abertas (há também as vogais nasais); que as consoantes se dividem em oclusivas e constritivas (fricativas, laterais e vibrantes); que quanto à zona de articulação as consoantes se dividem em bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatais e velares; que as consoantes também se dividem em orais e nasais, surdas e sonoras.

Leituras: *Anatomia da Crítica* e *Código dos Códigos*, de Northrop Frye; *A Obscena Senhora D*, de Hilda Hilst. Releio o roteiro de *Convite ao Prazer*, de Walter Hugo Khouri, transcrito por mim; tento reler *Viagem ao Fim da Noite*, de Louis-Ferdinand Céline, mas dessa vez o romance não me desperta interesse; releio todos os livros de Rubem Fonseca e escrevo ensaios sobre eles.

Leio *Le Diable au Corps*, romance que Raymond Radiguet (1903-1923) escreveu e publicou aos dezenove anos. O livro narra o envolvimento amoroso entre o adolescente Raymond e uma mulher casada, Marthe,

cujo marido está numa das frentes de batalha da Primeira Guerra. Depois de muita atividade de alcova, falatório de vizinhos, etc., Marthe se vê grávida do jovem amante, embora seu marido (um sargento tosco e ignorantão que tinha mais é de ter a cabeça enfeitada mesmo) conserve durante a história toda uma espantosa certeza de que o filho foi gerado por ele, numa de suas licenças do fronte. A adúltera Marthe acaba morrendo em consequência do parto; Raymond fica muito satisfeito ao saber que Marthe, antes de morrer, batizou o bebê com o nome dele, Raymond.

ENCONTROS com mulheres, alguns deles infrutíferos: com a Namastê Gananciosa, com a Dentista Gostosa pra Caralho, com a Capa da Vogue 1986. Venho diminuindo gradualmente a dosagem do Reconter, um antidepressivo da classe dos inibidores seletivos de recaptação de serotonina. Já diminuí a dose de dez miligramas para quatro; esse desmame do medicamento está fazendo minha libido voltar ao normal. Contudo, as atividades sexuais em que me engajo ao recuperar a libido me dão a sensação de estar fazendo uma coisa velha, anacrônica, algo que no final das contas me deixa com uma sensação muito ruim, viscosa, escura; tento me livrar dessas sensações e de todo e qualquer registro sensorial (visual, tátil, olfativo, etc.) que por acaso fique retido em minha memória, oriundo dessas relações sexuais, dormindo dezesseis, dezoito horas seguidas. Em geral desperto desses longos sonos, induzidos com benzodiazepínicos, me sentindo esvaziado dessas sensações, memórias, etc.

OUÇO a peça *Adnos I*, da compositora francesa Eliane Radigue (1932 -). A peça é uma imensa "placa tectônica sonora" feita com sons puros gerados num velho sintetizador modular ARP 2500 (onda senoidal, dente-de-serra e quadrada, essas duas últimas "fechadas" com filtro lowpass); as variações contidas nessa peça pouco ocorrem no parâmetro altura, ou seja, nas notas, que são longamente sustentadas (como em certas composições de La Monte Young – por exemplo, a Composition 1960 #7, em que um intervalo tônica-dominante, B e F#, é sustentado por quase três horas); já os parâmetros amplitude e timbre são os que mais sofrem modificações.

O que me atrai em Eliane Radigue é sua absoluta renúncia a qualquer forma de expressividade (sua música é uma presença sonora absoluta que não se refere a nada, que não alude a rigorosamente nada fora dela mesma, inclusive – e talvez sobretudo – a qualquer traço de semântica musical, "moll(e) ", "dur(o)", etc.); atrai-me também a aparente não

intencionalidade de Eliane enquanto criadora (pode-se dizer que sua música é um "acontecimento" em que há pouca, ou mesmo nenhuma, participação de suas intenções pessoais, cabendo a Eliane quase que apenas um papel de testemunha desse "acontecimento", acontecimento que ela meramente desencadeou, e que perseverou no tempo obedecendo apenas às suas próprias leis (acústicas, harmônicas, etc.), ou seja, cumprindo apenas e rigorosamente o que já estava de antemão determinado por seu algoritmo "algo rítmico".). Embora essas descrições possam levar à conclusão de que o universo sonoro de Eliane Radigue é um universo árido, inóspito, etc., essa conclusão é bastante errada; Eliane tem imenso discernimento auditivo e imensa consciência a respeito do material sonoro com o qual trabalha; e eis aqui uma afirmação (que é, no final das contas, uma afirmação do imenso papel da subjetividade de Eliane como artista criadora) que contradiz tudo o que foi afirmado por mim até agora, que em suas composições há pouca ou nenhuma participação de suas intenções pessoais, etc.; é mais justo dizer, portanto, que o universo artístico de Eliane Radigue é intrigantemente ambíguo, um universo em que uma objetividade aparentemente absoluta oculta uma subjetividade talvez não menos absoluta; depois de ouvi-la eu me sinto preenchido por um ideal de imobilidade e de consumação, de pureza formal, etc.; o poeta Paulo Mendes Campos, ao fazer um experimento psicodélico no início dos anos 1960, disse que se sentiu durante a experiência "como se finalmente tivesse sido admitido à sociedade secreta das cores"; ouvir Eliane Radigue me dá uma sensação análoga, de estar penetrando na "sociedade secreta dos sons"; qualquer outra música de qualquer outro compositor que tento ouvir depois dela me soa afetada, estereotipada e ridiculamente pretensiosa; e a fala humana me soa, sempre, durante algum tempo, como uma insuportável cacofonia.

BEWARE the ides of july: no dia 06 de julho o bebê de uma amiga nasce com má-formação no tronco encefálico e imediatamente precisa ser colocado num respirador mecânico, numa UTI neonatal; no dia 11 de julho o gato da Olívia, Laio Cabreúva Florence, morre de falência dos rins; no dia 26 de julho meu pai é internado na UTI do Hospital Santa Paula com um quadro severo de hipertensão arterial e arritmia cardíaca, além de um quadro demencial.

DECIDO pedalar pelo Morumbi, Butantã, Vila Sônia, região da cidade que nunca explorei. Faço basicamente dois percursos: num deles atravesso a ponte Cidade Jardim, pego a Avenida Lineu de Paula Machado e entro no Morumbi por uma longa e inclinada via. Desço a George Saville Dodd, entro na Rua Alvarenga e sigo pela Avenida Eliseu de Almeida até ela

mudar de nome para Avenida Pirajussara; vou até a fronteira com Taboão da Serra e volto. Na volta saio da Eliseu e desço a Jorge João Saad até o Estádio do Morumbi; então subo na direção do Palácio do Governo, desço a Oscar Americano e chego de novo à ponte Cidade Jardim. Noutro percurso eu vou pela ciclovia do rio Pinheiros, saio na ponte Cidade Universitária e entro na USP; sigo ou pela Avenida Lineu Prestes ou pela via paralela à raia olímpica; saio no portão três da USP e entro na ciclovia da Avenida Escola Politécnica; cruzo a Avenida Jaguaré e subo a Avenida Corifeu de Azevedo Marques até a entrada de Osasco.

VOU visitar uma ex-namorada, a Granada sem Pino. Fazia mais de dez anos que não nos víamos. Constato que ela está exageradamente envelhecida para cinquenta e cinco anos, com um acúmulo exagerado de gordura na região abdominal, etc. Olho para ela e penso na aparência que ela tinha aos quarenta anos, quando a conheci na casa noturna AmpGalaxy; Granada, cujo nome verdadeiro é Mônica, era então uma loira de cabelos curtos, longilínea, portadora de uma notável beleza facial, uma beleza severa, quase agressiva, etc. Granada sem Pino me conta que entrou em menopausa aos cinquenta anos e que decidiu não fazer reposição hormonal. Que a Ava Gardner, a dachshund que ela tinha quando namorávamos, morreu com dezessete anos, surda, cega, etc. Que seu filho mais velho quase morreu com um problema hepático durante o último carnaval. Que ela descobriu que seu ex-marido teve um filho com outra mulher quando eles ainda eram casados. Que ela botou pra fora de casa aquele sujeito com quem ela vinha vivendo maritalmente desde 2008, sim, aquele mesmo, aquele que tinha sido casado com uma fulana do entourage do José Celso Martinez Corrêa, uma mulher completamente louca que perdeu a guarda do filho porque o sujeito, então seu marido, marido de quem ela estava se divorciando litigiosamente, conseguiu provar para o juiz que a fulana constantemente levava estranhos para casa e fazia sexo com eles na frente da criança, etc.

LEMBRO-ME de uma série de músicas idiotas que fizeram sucesso quando eu era criança e adolescente. Descubro pelo Google que o cantor de uma delas é um sujeito chamado Accioly Neto; cogito que Accioly Neto não parece nome de cantor, mas de deputado federal do DEM. A música de Accioly Neto de que me lembro tem uma letra que diz que “nóis have problema, o que nóis num have mesmo é solução”; em seguida ele diz que “botar pinga no motor, vai faltar pro eleitor, anestesiar o coração”. Depois vejo um videoclipe que os Trapalhões fizeram para a música Porto Solidão, do Jessé. Nesse clipe as imagens do Jessé cantando se alternam com imagens dos Trapalhões vestidos de marinheiros; na parte em que

Jessé canta, “é a solidão que fica e entra, me arremessando contra o cais”, Dedé, Didi e Zacarias arremessam Mussum ao mar, do convés do navio. Mando o videoclipe para Stella, que está morando em Sintra, Portugal, e que quando era criança achava que nesse trecho da música, em vez de “me arremessando contra o cais”, o Jessé cantava “e a ‘repossão’ de Portugal”.

ESTOU com meus irmãos na UTI neurológica do Hospital Santa Catarina. Meu pai, que entrou em choque (pressão quatro por três, etc.), está intubado e sedado com morfina, midazolam e fentanil; seus batimentos cardíacos estão em cento e dezoito e sua pressão arterial está em quinze (sistólica) por nove (diastólica); seu rosto está besuntado com hidratante e suas pálpebras estão cobertas com gazes, o que lhe dá uma aparência assustadoramente fantasmagórica. Resolvemos ir tomar um café e descemos à lanchonete do hospital. André aponta para uma porta de correr próxima de onde nos sentamos e diz que é lá que é a entrada para o necrotério; que quase ninguém percebe, mas que volta e meia enfermeiros empurrando macas cobertas com lençol passam por aqui, transportando cadáveres. Tentamos nos descontrair imaginando os comentários que meu pai faria se pudesse se ver na presente situação, especificamente se ele visse algumas fotos que tiramos dele entubado (tiramos essas fotos para alguma eventualidade jurídica, etc.); imitamos seu jeito de falar e dizemos coisas que ele costumava dizer, como “é, não tem jeito mesmo, como dizia a falecida Beth, lugar de velho é no cemitério”. Conseguimos rir um pouco ao imitá-lo fazendo um hipotético comentário a respeito do preço da assistência funerária que contratamos, já que ele sempre disse que não queria ser enterrado, “pai, já pagamos sua cremação, ficou seis mil reais”, “Seis mil???, tá louco!, por mim eu me jogaria num buraco qualquer que tava tudo bem, tudo certo”.

VOLTO para o Itaim depois de passar o réveillon com Stella e Olívia, na Vila Mariana. Dirijo meu Hyundai HB20 pela Pedro Álvares Cabral fumando um Marlboro e ouvindo estática de rádio. Paro no semáforo próximo à entrada para a Avenida República do Líbano, em frente ao monumento esculpido pelo Victor Brecheret, o Empurra-Empurra. Observo como o funcionamento do semáforo interfere na estática do rádio, acrescentando a ela alguns ruídos periódicos, etc. Reconheço que a frequência fundamental da estática é mais ou menos uma nota si; então me lembro que a rede elétrica no Brasil funciona em 60 Hz, logo faz todo sentido aparelhos elétricos emitirem ruídos próximos da nota si, cuja frequência é de aproximadamente 61,88 Hz (B1), na afinação temperada.

Penso que essa foi a quinta passagem de um ano nove para um ano zero que vivenciei. Tento me lembrar de todas; lembro-me da passagem de 1979 para 1980; de 1989 para 1990; de 1999 para 2000; não tenho absolutamente nenhuma recordação da passagem de 2009 para 2010, o que me intriga um pouco. Penso no meu pai, que recentemente sobreviveu a um arriscado procedimento de extubação e que no momento está com um nível razoável de consciência, num quarto do Hospital Santa Catarina. Penso que na próxima passagem de um ano nove para um ano zero, 2029 para 2030, eu terei quase sessenta anos de idade. Etc. O semáforo da República do Líbano abre; olho para a Avenida Brasil para ver se não está vindo ninguém; como não está, engato a marcha do HB 20 e me coloco em movimento, me afastando dali.

DEZEMBRO DE 1980

LEIO na tela do computador um texto a meu respeito. Fui eu que o escrevi. O texto começa assim, “Ouvimos uma história sobre um idoso que defecou no chão”. Digo em seguida que eu e meus primos Christian e Marianne ouvimos os adultos fazendo comentários sobre um parente afastado nosso que por causa da demência senil perdeu o controle sobre o esfíncter retal. Digo que os comentários que eles, os adultos, fazem têm um tom sério e compungido. Então digo que eu e meus primos, que temos nove, dez anos, e que não deveríamos estar ouvindo essa conversa de adultos, achamos sensacional a história do velho que fez cocô no chão, história que ouvimos nossa tia-avó Emma contando para nossos pais.

Digo que estamos passando férias na casa dessa tia, no Guarujá, no mês de dezembro, do ano de 1980. Digo que a história do velho demente incendeia nossa imaginação e que começamos a chamá-lo, por algum motivo, de Odorico Paraguaçu. Digo que imaginamos o tal velho com a aparência exata do ator Paulo Gracindo. Digo que a Rede Globo começou a passar nesse ano a série O Bem Amado, basicamente com o mesmo elenco da novela, de 1973. E que a série vem fazendo bastante sucesso. “Odorico Paraguaçu fez cocô no chão da tia Emma, eu e meus primos passamos a declarar. Sobretudo eu e o Christian, que faz aniversário no mesmo dia que eu, nove de fevereiro.” Digo que essa frase desencadeia em nós ondas de hilaridade intermináveis e absurdamente deliciosas. Digo que a degradação orgânica dos idosos, suas próteses, suas dentaduras, suas caduquices, tudo isso para nós tem um significado cômico, apenas. Isso porque, afirmo eu, estamos – eu, meus primos, meus irmãos – a uns setenta-oitenta anos de distância da idade em que a demência senil, talvez, nos abaterá. Em que será a vez de nós perdermos o autocontrole e defecarmos no chão. Setenta-oitenta anos, que é a própria eternidade para quem tem nove ou dez.

A comicidade dos velhos: nossa bisavó Rosa, nascida em 1892, que conversa com a TV e que sempre que vai à rua volta dizendo que viu o marido, o falecido Mariano Scarpini, andando de braços dados com uma vagabunda. E que se alguém diz, mas dona Rosa, o Mariano morreu há mais de trinta anos, ela sempre responde com um absolutamente convicto e enigmático não adianta, eles tiram (da sepultura, de onde os mortos sempre saem ressuscitados, segundo ela). A tia Emma, que usa umas calças que vão até o meio do tronco e que, espírita kardecista, tem espalhados pela casa vários porta-retratos com a foto de um sujeito que

ela diz que é o guia espiritual dela, um sujeito fardado, de quepe, que usa um bigode igual ao do Adolf Hitler. Meu avô Waldemar Haak, que morreu há cinco anos e que falava comigo numa língua que eu não entendia, que eu achava que era alemão, mas que na verdade era português, um português agônico e gutural gerado pelas várias isquemias cerebrais que ele teve a partir dos sessenta anos. (Digo que a velhice e a doença fizeram meu avô Haak ficar fisicamente muito parecido com o Heinrich Himmler.) Minha avó Ida e seu cabelo com rinçagem e laquê, cabelo que eu acho que parece aquela forma revolta que a água da privada faz quando damos descarga. Odorico Paraguaçu fez cocô no chão da tia Emma. Digo que nós, as crianças, somos soberanas e cruéis como aqueles deuses gregos que riam da precariedade e da finitude dos homens. Digo que na verdade nós somos deuses, porque somos invulneráveis e porque somos eternos, sim, somos eternos, porque setenta-oitenta anos é a própria eternidade para nós que temos dez, nove, oito, sete, seis, cinco.

DIGO que a casa onde estamos passando férias, nesse mês de dezembro de 1980, foi construída na encosta do morro que divide as praias de Pitangueiras e Astúrias. Que foi nosso tio-avô, o Alaor, quem a construiu. Que o tio Alaor era delegado aqui no Guarujá e morreu em 1969, dois anos antes de eu nascer. Que meu primo Christian quando era pequeno via o fantasma dele, sempre carrancudo, sentado numa poltrona com o estofado de vinil verde fosco, poltrona que fica numa das três salas aqui da casa. Que chamamos ainda hoje essa poltrona de cadeira do tio Alaor. E que a casa, que meus primos, eu e meus irmãos chamamos agora de casa da tia Emma, tem muitos objetos que pertenceram ao Grand Hotel La Plage, um hotel aqui no Guarujá que ficou célebre por ter sido o lugar onde o Santos Dumont se enforcou, em 1932. Digo que o hotel foi demolido no início da década de 1960 e que boa parte dos lustres, mármores e corrimões aqui da casa pertenceram a ele.

(Acrescento que meus primos, meus irmãos e eu também costumamos dizer que umas tubulações gigantes instaladas na Serra do Mar, que pertencem a alguma indústria de Cubatão, são o escorregador da tia Emma.)

Digo que duas portas dão acesso ao interior da casa – uma porta balcão, na frente, que se abre para um jardim de uns cem metros quadrados onde há, entre outras coisas, uma réplica da Vênus de Milo, e uma porta gigante, de ferro fundido e vidro, na parte lateral. Digo que essa porta lateral, que tem mais do que o dobro da minha altura, é toda ornamentada e que há no que talvez seja o centro desse conjunto

ornamental os monogramas A e E justapostos (Emma e Alaor). Digo que entrando por essa porta lateral dá-se de frente com uma escadaria em L, larga, feita com mármore e corrimões de bronze. Que à direita há um banheiro e uma mesa com o telefone, cujo número é 86-4601. E que à esquerda entra-se numa das salas, ou melhor, num dos três níveis da sala. Digo que ali estão dois sofás, uma mesa de centro cheia de enfeites (uma caixa de prata que chamamos de o caixão da tia Emma), uma lareira falsa, um velho ventilador Walita. Digo que uma mesa redonda, onde há um abajur, um isqueiro de mesa, um ferro de passar roupa antigo com compartimento para colocar brasa, digo que essa mesa redonda separa essa primeira sala da outra, onde estão a cadeira do tio Alaor, um pufe de couro, a tal porta-balcão que dá para o jardim, um bar feito em alvenaria, sobre o qual há uma garrafa sifão e atrás do qual há um rádio antigo, valvulado, que não está funcionando. Digo que também é nessa sala que estão a maior parte dos quadros da minha tia. Digo que o quadro que mais me chama a atenção é uma pintura que retrata uma bailarina e um arlequim que, deprimido, apoia os braços num violão. Digo que esse quadro é claro e luminoso, e que talvez tenha sido pintado por um parente nosso que teve de abandonar a carreira artística porque ficou cego.

(Digo que o nome desse parente é Fredi Keller. Que toda família é assombrada por certos personagens obsessivos, ainda que a presença obsessiva desses personagens seja meramente nominal. Que, aliás, essas presenças obsessivas quase sempre são meramente nominais. Digo que Fredi Keller é um desses nomes que, de tanto ser repetido por certos parentes meus, acabou adquirindo para mim uma densidade e uma presença quase corpórea. Enumero outros personagens-parentes que sempre ouço ser mencionados, nomes já devo ter ouvido minha família dizer umas setenta-oitenta mil vezes, embora nunca tenha visto esses parentes pessoalmente: as Primas da Lélia; a Carminha; a Maria do Carmo. Digo que Carminha e Maria do Carmo talvez sejam a mesma pessoa. Ou talvez não sejam.)

Continuo dizendo: “Virando-se à direita, a partir desse nível da sala, e subindo-se dois degraus chega-se à sala de jantar, cujo piso é de tábuas corridas. No fundo da sala de jantar, à direita, está a porta da cozinha. A cozinha tem vitrôs em toda sua extensão e é uma das únicas partes da casa em que se vê claramente que a casa é uma construção dos anos 1960, por causa dos azulejos azuis e da fórmica das portas e dos armários”. E mais: “No fim da cozinha, à esquerda, há o acesso à área de serviço e ao quarto da empregada (onde uma vez o já então ex-presidente Jânio Quadros, amigo do meu tio, passou uma noite desacordado, recuperando-

se de uma bebedeira). Há também ali o acesso a um quintal, um conjunto formado por viveiros abandonados e decrépitos, vegetação nativa e um tanque de água". (Digo que quando eu for ler, daqui a dezesseis anos, os *Four Quartets* do T. S. Eliot, e o tanque inundado pela água da luz solar, reconhecerei nesse verso o tanque do fundo da casa da tia Emma.) Digo que caminhando para a direita pelo quintal do tanque chega-se a uma escada que leva a uma espécie de platô, construído em dois níveis, ali, escavado no meio da Mata Atlântica.

De volta ao interior da casa, agora no segundo pavimento: um corredor que forma um quadrilátero que percorre toda a extensão da casa, dando acesso a uma varanda, ao quarto da minha tia e a outro corredor, onde estão os quartos de hóspedes, um banheiro, uma espécie de closet e uma estante de livros. Digo que na parte de cima dessa estante há um capacete da Força Pública, um capacete enferrujado do M.M.D.C. e uma bomba, também enferrujada e desativada. (Afirmo que o tio Alaor, assim como meu avô Waldemar Haak, lutou na Revolução de 32.) Digo que a mobília desses quartos de hóspedes, formada por camas e armários escuros, antigos, opressivos, obviamente faz parte do espólio do Grand Hotel. (Também digo que esses móveis todos me parecem irrevogavelmente contaminados com expectorações antigas, de 1926, com bacilos de Koch resistentes à estreptomicina, com febres noturnas e hemoptises fatais.) Digo que o banheiro, por sua vez, tem um clima totalmente diferente: azulejos cor-de-rosa com enfeites de gesso em alto-relevo, cavalos-marinhos, estrelas-do-mar, ondulações simbolizando a água, etc. Um baú cheio de jornais velhos, a maior parte A Tribuna de Santos. (Digo que o outro banheiro aqui do segundo andar, que fica dentro do quarto da tia Emma – a suíte – é quase igual a esse, só que ele tem uma banheira e os azulejos são verde-água.)

Digo que a casa da tia Emma tem um cheiro peculiar que daqui a uns vinte anos irei identificar ao casualmente levar ao nariz a tampa de uma garrafa de tequila. Digo que notarei que o cheiro que fica impregnado naquele pequeno círculo de cortiça do interior da tampa da tequila José Cuervo tem exatamente o cheiro dessa casa. Digo que os sons da casa da tia Emma são os sons de nossas vozes e passos reverberados nesse espaço inabarcável de salas em três níveis, pés-direitos de mais de três metros, madeira, mármore, bronze, e também os sons noturnos da fauna presente no morro, grilos, sapos-martelo, folhagens e água escorrendo para o tanque. (Digo que daqui a seis anos, quando eu ouvir a introdução de *Close to the Edge*, do Yes, a acharei muito semelhante aos ruídos noturnos do fundo da casa da tia Emma.) Digo que a televisão da casa, a

única, é uma prosaica General Electric, portátil, em preto e branco, um objeto que mal usamos, pois a recepção do sinal de TV é péssima aqui no Guarujá, em 1980.

O PRIMEIRO sentido que noto ao despertar é a audição. Ouço um pássaro-stockhausen-prrrrrr, a água caindo no tanque, a água da luz solar. Tenho a impressão de que as oito horas de sono duraram o tempo de fechar e abrir os olhos. Levanto-me e vou ao banheiro. Depois percorro-corrimão a escada, os degraus frios e brancos me conduzindo ao primeiro andar, numa diagonal e lenta e controlada queda. Meus primos e meus irmãos já estão na cozinha. Vou até lá e leio a mensagem do calendário do Seicho-No-Iê e vejo Marianne com uma faca tentando fazer dois olhos e uma boca sorridente na superfície da Doriana. Bebo um copo de Nescau e como um pão francês dividido ao meio, esquentado direto no fogo. Odorico Paraguaçu fez cocô no chão da tia Emma.

Vamos à praia. Seguimos pela Rua Cubatão, que em 1980 é uma espécie de necrotério de casas, casas que não têm nem trinta anos, mas que já estão mortas, que logo serão demolidas, casas que se tornaram símbolos confusos de obsolescências e extinções que aos nove-dez anos eu apenas posso pressentir, porque não sei falar nada a respeito dessas coisas. (Vi o esqueleto de um rato no quintal de uma dessas casas, ontem. Há também aqui na rua um teleférico desativado.) Chegamos ao trecho da praia cujo núcleo é o Edifício Sobre as Ondas e sua fachada recurva e uma casa em forma de concha projetada pelo arquiteto Gregory Warchavchik. Fazemos as coisas que crianças fazem na praia, sobretudo nos deixamos atordoar prazerosamente com o sol e o rumor ininterrupto que as praias têm, aquele rumor de água não estática e vento. Voltamos para a casa da tia Emma e almoçamos e, sentado à mesa, me interesso mais pelos suportes de prato, pantográficos e engenhosos, do que por qualquer outra coisa ali. Termino de comer e saio da mesa e vou me jogar num dos sofás, sentindo um pouco de tédio, um tédio não especialmente maligno – o que eu venho sentindo, aos nove-dez anos, é uma espécie de decepção sem objeto. Odorico Paraguaçu fez cocô no chão da tia Emma. Ouço o carro da minha tia, um Fusca, subir a rampa. O seu Argemiro, que é zelador de um prédio aqui na rua, tinha levado o carro à oficina. Por algum motivo me lembro agora de uma tarde em que eu estava ali naquela sala, na outra, nas férias de julho desse ano, vendo na TV os jogos olímpicos de Moscou e que vi o jogador de basquete Oscar Schmidt dizendo ao repórter que um segurança do ginásio onde a equipe brasileira deveria treinar havia lhe dado um soco no rosto. Também me ocorre outra lembrança dessas férias

de julho, eu ali, folheando um livro sobre o Rembrandt e observando detalhadamente um quadro que mostrava a dissecação de um cadáver.

VAMOS comprar chicletes numa mercearia na Rua Mario Ribeiro. Encontramos na gôndola uma caixa de chicletes Ping-Pong sabor cereja, que não são mais fabricados, que foram fabricados por um curto período. Ficamos eufóricos e levamos duas caixas, cada uma contendo cinquenta unidades. Por causa do calor, do armazenamento indevido e da antiguidade do produto, muitos dos chicletes estão deformados, derretidos, mas os mastigamos assim mesmo. (Mastigo poderosos chicletes que promovem minha boca a uma ocupação perpétua, agora sou mudo, pois minha boca já tem uma ocupação perfeita.) Voltamos para casa e ficamos lá, mascando chicletes e contando histórias sobre casas abandonadas habitadas por assombrações. As histórias não são muito boas e nenhum de nós tem habilidade retórica para contá-las ou possui credibilidade como narrador (para dar a ilusão de que isso aconteceu mesmo), isso sem falar que histórias sobre eventos sobrenaturais têm o efeito tremendamente atenuado quando ouvidas de dia. Penso em contar uma história que venho imaginando, inspirada no antigo rádio a válvulas que está largado ali no chão, atrás do bar de alvenaria: o rádio passa a receber estranhas mensagens, pessoas mortas falam através dele, etc. Desisto de contá-la e digo simplesmente que encontrei um esqueleto de rato no quintal de uma das casas desocupadas aqui da rua e meus primos e meus irmãos dizem que querem ir lá ver.

O ESQUELETO parece decepcionar meus primos e meus irmãos. Trata-se de um pequeno esqueleto de camundongo, um fóssil frágil, já prestes a se desfazer. Talvez ele, por sua pequenez, suscite em nós antes pena do que horror ou fascínio. Observo melhor a casa em cujo quintal estamos. É uma casa mais antiga que a da tia Emma. A casa está claramente com aparência de desocupada – está suja, encardida, fuliginosa. Lembra alguém que já foi muito rico e que ficou pobre e que por isso deixou de cuidar dos dentes e que hoje perambula por aí, com boas roupas só que rotas e fora de moda, com imponência postural, mas com a dentição arruinada.

Meus primos e meus irmãos dizem que querem voltar e eu digo que vou até a casa do Michel. Michel é um amigo nosso cujo pai é zelador do teleférico. O teleférico já foi desativado há uns dois anos e na verdade estou indo até a casa do Michel, agora, para subir a escadaria que vai até o topo do morro. Sei que o que eu vou fazer é arriscado – os adultos contam histórias sobre meninos que foram explorar casas abandonadas aqui no

Guarujá e que depois foram encontrados esquartejados dentro delas, ou que subiram o morro e nunca mais foram vistos. (As histórias que os adultos contam sempre são variações sobre o tema o homem do saco.) Há também o risco oferecido por cobras, talvez até onças, pois o teleférico e sua escadaria estão num morro cuja vegetação é formada por mata nativa, densa em alguns trechos. Começo a subida, vou de dois em dois degraus, num ritmo forte, tenho bom preparo físico aos nove-dez anos, jogo futebol, nado, ando o tempo todo de bicicleta, faço caratê (sou um carateca medíocre, mas os treinos com o professor Paulo Hara me proporcionam excelente alongamento), mantenho o ritmo e não paro, eventualmente olho para trás, para o skyline da praia de Pitangueiras, para saber a que altura já estou, e continuo, quase correndo, subindo a escada de dois em dois degraus e então, uns vinte minutos depois de ter começado a subir, eu chego ao topo do morro e vejo o lugar onde ficava o motor que tracionava os cabos do teleférico, e tudo está tomado pelo mato, e eu olho para os prédios, todos abaixo de mim, e a visão é muito bonita, mas tenho que começar a descer pois já está anoitecendo, então me ponho a correr e vou de novo saltando degraus, em algumas partes pulo três de uma vez, o esforço agora é menor e não vejo a hora de chegar lá embaixo porque acho que estou, sim, com medo daquelas histórias, subiu o morro e nunca mais foi visto, etc., e passo a arriscar saltos maiores e a euforia da corrida atenua meu medo e então, em menos de quinze minutos eu chego de novo à rua e vou para a casa da tia Emma e não conto a ninguém o que eu fiz.

ESTOU vendo *O Bem Amado*, na tevezinha preto e branco da tia Emma. A recepção está ruim, a imagem está cheia de chuviscos e fica correndo no sentido vertical. Estou sozinho ali na sala, todos já foram dormir. Minha mãe então aparece na escada e diz que a TV está fazendo muito barulho e que é para eu abaixá-la. Faço o que ela pediu, mas agora não consigo entender o que o Dirceu Borboleta diz, co-coronel, nem o que o Odorico Paraguaçu diz. Desisto de ver O Bem Amado, apago a TV e fico ali, na sala, andando de um lado para o outro, sem vontade de subir (para aquele quarto abafado, com aqueles móveis tuberculosos e sinistros). Penso em pegar algum livro, o dicionário, talvez, ou aquele livro antigo em latim que minha tia tem e ficar olhando suas páginas com corrosões e perfurações causadas pelo tempo – excetuando esses dois, os livros da tia Emma não me interessam, amanhã vou à banca comprar a Mad e a Placar para ter o que ler, então decido que o melhor é subir mesmo, entrar no quarto abafado e tentar dormir o quanto antes.

Deito-me e fico na cama acordado por um longo tempo, e lembro-me de quando ia ao centro da cidade com minha mãe, quando eu tinha três-quatro anos, e que eu gostava de ir a uma lanchonete subterrânea que existia nas Lojas Brasileiras da Rua Direita, e lembro-me também de uma vez em que fui à Rede Tupi com meus primos Christian e a Marianne e nós ficamos lá, numas mesas, brincando com tinta e papel, e que uma hora eu olhei e vi meu tio Rolf conversando com o Ayrton Rodrigues e que eles estavam rindo e olhavam para nós e que eu pensei, os dois são carecas, e que a Marianne fez uma mistura de tintas e disse que era para eu usá-la porque aquilo era cor de artista, e lembro-me também do Christian na casa da vó Léa me dizendo que tinha comido pãumm com limãumm, e que eu achei engraçado ouvi-lo falar assim, e uma série de outros pensamentos me ocorrem, ali, na cama, e os pensamentos aos poucos vão ficando esgarçados, soltos, autômatos, desconexos.

ACORDO e logo percebo que está chovendo. Tia Lélia, mãe do Christian e da Marianne, nos leva de carro a uma banca de jornal. Marianne compra uma revista chamada Recreio e eu compro a *Mad*, um número atrasado, de setembro, que mostra o Alfred E. Neuman empunhando um martelo e prestes a enfiar uma estaca de madeira no coração do Odorico Paraguaçu, que está deitado num caixão, com as mãos cruzadas sobre o peito e com apenas um olho aberto, arregalado e fixado na estaca. Voltamos para casa e fico no quarto lendo a revista. O dia transcorre úmido, imprestável, inutilizado, caixas de fósforos úmidas, roupas úmidas, papéis de embrulhar úmidos, então no final da tarde o céu abre um pouco e vamos andar de bicicleta e ficamos ali pela rua, brincando com nossos amigos-vizinhos, os irmãos Sandra, Sérgio e Luciano, os irmãos Reinhardt, o Michel, o Onésio. Estou apaixonado pela Sandra e ajo o tempo todo de modo exibicionista, fazendo supostas façanhas com minha bicicleta Monark verde para impressioná-la. Em todas as fotos tiradas nessas férias eu aparecerei com um ar pimpão, afetado, forçando um sorriso ridículo que, depois de ver as fotos, corrigirei imediatamente.

Entro em casa para ir ao banheiro e minha mãe me diz que o John Lennon foi assassinado a tiros. Faço com as mãos duas formas circulares e as levo a meus olhos e pergunto se o John Lennon era aquele dos óculos redondos e minha mãe diz que sim. Volto à rua e vejo que minha imaginação foi bastante afetada pela notícia da morte do cantor, dou uma volta de bicicleta no quarteirão e quando volto as crianças se reagruparam e agora cercam e prestam atenção no que um menino que não é amigo nosso está dizendo, e eu também me aproximo dele e ouço o que ele está dizendo.

OUÇO o menino dizer o palavrão caralho. Esse menino, que tem o cabelo liso penteado com brilhantina, não é amigo nosso. Tenho a impressão de já o ter visto por aqui. Acho que ele é parente – filho, sobrinho, irmão – de alguém que trabalha numa borracharia aqui próxima, aonde sempre levamos nossas bicicletas. (Uma vez perguntei a um sujeito nessa borracharia, por educação, quanto é encher o pneu? O sujeito, um negro de óculos, com um cabelo surreal que parecia penteado com graxa, deu a resposta-extorsiva-há-há-deixa-eu-tirar-uma-grana-desse-filhinho-de-papai, encher o pneu é dez.)

O menino que disse o palavrão caralho, com esse cabelo liso com aparência de molhado que ele tem e com uma pele que tem cor de mostarda preta, parece um mexicano. Não há mexicanos no Brasil, mas conhecemos os mexicanos pelos filmes feitos nos Estados Unidos, onde sempre aparecem aqueles mariachis usando sombreros e dizendo arriba!, arriba! O menino com cara de mexicano nos diz o palavrão caralho num tom insolente e ameaçador, com uma voz áspera, vulgar, que soa como um balão de encher sendo esvaziado, o ar fazendo aquele barulhinho irritante ao passar constrito pelo mesmo lugar onde assopramos para enchê-lo.

Mas não é só o tom que o pequeno dago usa ao nos dizer caralho que é ameaçador – ele claramente está fazendo uma ameaça a nós, contando alguma bravata, mostrando o que ele é bem capaz de fazer quando se sente contrariado – o que ele é capaz de fazer quando alguém folga com ele. Dago faz alusão a outros, muitos outros, de sua estirpe. Uma gangue de pequenos dagos, achacando os burguesinhos, nós. Mostrando quem é que manda aqui no pedaço, no final das contas.

Então, pela primeira vez na vida, sou tomado por aquele sentimento misto, de medo e ódio. Pela primeira vez, me dou conta de que há pessoas que podem inviabilizar o meu mundo. De que talvez haja alguma coisa na minha aparência, na minha maneira de falar, na casa onde eu passo férias que pode despertar a inveja, a cobiça e o ódio num menino com cara de mexicano que mora em alguma maloca, em algum morro aqui do Guarujá. Pela primeira vez me dou conta de que a convivência com os pobres nem sempre pode ser amistosa, de que as diferenças entre eles e nós nem sempre podem ser acomodadas por meio da generosidade espontânea – sim, nós temos amigos pobres aqui, o Onésio, um menino gordinho que mora no morro, até arrumamos uma bicicleta para ele brincar com a gente, também somos amigos do Michel, cujo pai é zelador da massa falida do teleférico, e do Kiko, que mora numa casa de madeira

com o avô, um pinguço que sempre que se embebeda fica gritando, Kiiiikoooo.

Minha primeira reação, depois do medo e do ódio, ao ser achacado: eu acho que: o que eu sou e: o que eu represento deve prevalecer sobre: o que aquele pequeno gângster com cara de mexicano é e: o que ele representa. Mas meus pensamentos sobre isso são confusos, sem qualquer articulação. O que eu represento, afinal de contas? Aos nove-dez anos não conheço os discursos legitimadores da civilização da qual faço parte. Aos nove-dez anos sou cercado por velhas malucas que só querem saber de ver as novelas da Globo e pelas crenças filistinas da classe média que acha que pensar demais enlouquece. O cristianismo praticado por nós não é uma força moral ou espiritual – civilizacional, em suma –, mas um rito público em que os fiéis agem como um bando de puxa-sacos do Todo-Poderoso, como se Deus fosse um chefe de departamento que pudesse, no final das contas, dar a eles uma promoçãozinha e uma aumentadinha no salário. Como eu posso, aos nove-dez anos, arbitrar um conflito dessa magnitude com o qual eu me deparei? Ou eu, ou o mexicaninho. Ainda não conheço nem Marx, que entenderia perfeitamente o ódio que estou sentindo desse pirralho que pode, ô se pode, inviabilizar o meu mundo – Marx, que dizia que certos povos são piolhentos mesmo e que o lumpemproletariado é uma classe social intrinsecamente escrota. Sem conhecer sequer Marx é fatal, então, que eu caia em simples fantasias genocidas, que eu me imagine dirigindo um poderoso trator que vá estraçalhar o barraco onde o mexicaninho mora, é fatal que eu me imagine dizendo, de cima do trator, através de um supermegafone: ei, ei, psiu: meu tio era o delegado aqui do Guarujá, entendeu, seu mexicaninho de merda? Sim, era, não é mais: mas pode crer que ainda conhecemos muita: mas muita gente mesmo: na polícia. Portanto: quer fazer o favor: de cair fora? Vá fazer suas ameaças: na porta do curtume onde você foi parido: o.k.?

É claro que eu acabo sentindo horror de mim mesmo, horror de perceber aonde meus pensamentos podem chegar. O conflito com o menino que falou caralho com sua vozinha irritante de balão de encher sendo esvaziado acabou por abalar minha autoimagem, abalou a ideia que tinha de mim mesmo como sendo uma pessoa elevada, nobre e, sobretudo, inocente. É isso: o canalhinha, o cafajestinho roubou minha inocência! Me levou a tecer fantasias dignas de um Raskolnikov, a respeito de limpar o mundo do lixo humano que o atravanca. Eu nunca tinha tido pensamentos desse tipo! Nunca! O que mais poderá acontecer comigo, agora que eu percebi até onde minhas cogitações podem chegar? Agora que eu perdi o estado de graça e de inocência? Agora, que eu reconheci o

mal em mim mesmo? E se no ímpeto de passar com meu trator sobre o barraco do pequeno gângster eu também decidir expulsar daqui o pobre Onésio e o pobre Kiko e o pobre Michel? O Onésio, com sua alma comovedoramente doce – sim, sim, mas e se o ressentimento um dia o atingir também? E se um dia o Onésio perceber que toda nossa generosidade e toda nossa afeição por ele jamais será capaz de transformá-lo em um de nós? E se um dia ele se apaixonar por uma menina do nosso meio e, com aquela gordura precoce toda e com aquela cara de pobre, ele for necessariamente rejeitado por ela? Não é bastante provável que isso vá acabar acontecendo, com um menino claramente sensível como o Onésio? E o Onésio não irá nos odiar quando isso acontecer, por o termos deixado se iludir que ele poderia ser algo mais do que um pobretão, do que um monte de banha destinado a ser, se tanto, pintor de parede ou zelador de prédio? (E, claro, destinado a se casar com uma caiçara feia e gorda como ele?) Não seria melhor inculcar desde já no doce Onésio uma odiosa e ressentida consciência de classe? Não seria o que de melhor poderíamos fazer por ele? Meter Karl Marx goela abaixo do bolão? Afinal, uma pessoa com uma estrutura doce e afetuosa como a dele está muito mal aparelhada para enfrentar o mundo. (Aos nove-dez anos eu não conheço Marx, mas o marxismo é uma presença volatizada e atmosférica na minha família, que abriga em um de seus ramos os Arrudas Sampaio, "Essa cantoneira é um dos móveis que o partido deu para a tia Jandyra", "O partido sustentou o tio Carlos por anos, depois que ele foi demitido do Banespa", "É, o Carlos era comunista, mas adorava Nova York e só bebia uísque escocês, ser comunista assim é fácil".) Onésio!, Onésio!, me escute, pode não parecer, mas eu sou mais parecido com você do que você pode imaginar. Eu tinha exatamente essa estrutura doce e afetuosa que você tem, e agia como se não houvesse fronteiras, nenhuma fronteira, até que comecei a perceber as fronteiras, entende? Até que comecei a perceber a escrotidão e o esnobismo dos outros. Até que eu comecei a perceber que minha presença era atravancadora e era indesejada para determinados grupos de pessoas. Quem? Oras, os ricos, é claro. O quê? Você acha que eu sou rico? Há, há!, Onésio, você não tem a mais remota ideia do que seja um rico. Essa casa onde eu passo férias era de um tio meu, que aliás não era rico, mas queria dar uma de rico e gastou todo o dinheiro que tinha para construí-la. Acabou morrendo aos cinquenta e quatro anos, corroído pelo álcool e pela frustração, frustração de não ter conseguido ser visto como um rico pelos ricos dessa merda de cidade. Os milionários daqui, os cuzões, eram complacentes com ele quando ele era delegado. Aí, quando ele foi transferido para uma delegaciazinha numa quebrada qualquer de São Paulo – a turma que

subiu ao poder em 1964 botou alguém deles como delegado aqui –, ou seja, quando meu tio deixou de ser alguma coisa aqui no Guarujá, os ricaços deram uma banana pra ele. Não, Onésio, definitivamente eu não sou rico. Mas eu sei quem eles são e sei aonde eles vão. (Quem é que pode me livrar de mim mesmo? Quem é que pode me inocentar da avassaladora culpa que estou sentindo, aos nove-dez anos?) Os ricos, Onésio, são aqueles casais loiros e altos que ficam vendo em silêncio os torneios de tênis naquele hotel lá na Enseada. Agem como se pertencessem à família real de Mônaco, os babacas. Andam daquele jeito durinho e afetado como se tivessem algum troço entalado no cu. Há, há! Vai ver que têm mesmo, algum troço enfiado no cu, todos eles. Sabe, Onésio, eu acho que a gente podia se unir para odiar juntos esses parasitas escrotos. Fazer tipo uma união, do proletariado da Barra Funda, Guarujá, com o proletariado do Itaim Bibi, São Paulo. Que tal?

CONTAMOS para nossos pais o incidente com o menino com cara de gângster mexicano. Mencionamos as ameaças e os palavrões. Nossos pais dizem para evitarmos o tal menino, que o melhor que podemos fazer é isso, ignorá-lo. Que provavelmente ele não vai fazer de novo as ameaças que fez. E que não devemos nutrir fantasias vingativas em relação a ele, que devemos considerar que nem todas as crianças tiveram a sorte que nós tivemos, de termos nascido numa família boa, que nos deu educação, oportunidades, etc. Nossos pais dizem que se o tal menino continuar agindo desse jeito fatalmente uma hora ele vai parar na Febem. Que a gente não precisa fazer nada contra ele – que ele, com essa coisa de querer bancar o gângster mirim, está tecendo a corda com a qual um dia fatalmente será enforcado. Eles acrescentam, ainda, que o tal menino agir como age não tem nada a ver com o fato de ele ser pobre. Que da mesma forma que existem as pessoas que já nascem boas, existem as pessoas que nascem ruins, pessoas que não prestam desde cedo e nunca vão fazer nada que preste, eles concluem.

ESTOU sentado no banco do calçadão da praia, à noite. Vim passear com os irmãos Reinhardt, Rick e Christian, e a mãe deles. Ela conta uma história para nós, uma história que tem uma duração mais ou menos longa. Além de estar muito interessado pelo que ela está dizendo, daqui a pouco vou perceber, quando ela finalizar o relato, que eu tive pela primeira vez contato com uma coisa fundamental, uma coisa que eu ainda não conhecia, aos nove-dez anos.

A mãe de Rick e Christian nos conta a história com graça e autoridade, e tudo o que ela diz parece real. As situações humanas contidas na história

são de fato interessantes e estão implicadas umas nas outras, não são apenas uma sucessão de impressões fugidias e desconexas. Não parecem também, como muitas histórias narradas para crianças, coisas fantasiosas, inverossímeis e forçadamente exemplares. A autoridade que a mãe de Rick e Christian exerce sobre nós, ali, numa noite de praia e vento, se deve tanto à verossimilhança do que ela está contando quanto ao fato de ela nos tratar como seus cúmplices.

Sim, ela nos trata como pessoas maduras, pessoas que podem ser coparticipantes de sua autoridade – se você chega por conta própria a certas conclusões, dadas certas premissas, você não pode rejeitar a autoridade e a verdade dessas conclusões, tenha você nove, trinta ou setenta anos. Estou aprendendo ali, naquela noite de vento e praia e prédios da orla que parecem agora mais distantes que de costume, estou aprendendo que nem tudo que os adultos dizem são irrupções histéricas, julgamentos apressados e imprecisos, declarações supersticiosas, fofocas, ameaças, chantagens, Odorico Paraguaçu fez cocô no chão da tia Emma. Estou aprendendo que o mundo não é apenas uma coleção caótica de velhas malucas viciadas em novelas de TV, de crianças que sabem fazer trocadilhos, sabe que novela vai passar depois de Água Viva? Fogo Morto, de meninos parecidos com gângsteres mexicanos dados à prática da intimidação. Estou aprendendo, agora, que o mundo tem ordem, razão, *ratio*. Estou aprendendo que certas coisas devem, sim, prevalecer sobre outras.

NOS dias subsequentes, nos poucos dias que antecederam nossa volta a São Paulo, eu, meus irmãos e meus primos Christian e Marianne brincamos várias vezes de sorteio. Numa das vezes meu irmão André ficou furioso com o resultado, porque o sorteio disse que no futuro ele iria usar calcinha e iria se casar com uma caveira.

Fomos uma noite a um parque de diversões e eu propositalmente atirei uma rolha no traseiro do velho que nos atendeu no Tiro ao Alvo, um velho cheio de tatuagens que levou na brincadeira o que eu fiz – ele riu e fingiu que o tiro tinha doído.

Vi um muro com a pichação Lennon Lives.

Vi uma menina quase ser atropelada por um Fusca, na Enseada.

Conheci as filhas do Sílvio Santos, também na Enseada (uma parente nossa tem algum parentesco com a Íris Abravanel, etc.). Fiquei olhando

para aquelas meninas, todas menores do que eu, e pensei, caramba, são filhas do Sílvio Santos.

Contei que subi a escadaria do teleférico (para me exibir para a Sandra) e levei uma bronca da minha mãe.

Consegui dar a partida numa Honda Turuna, azul.

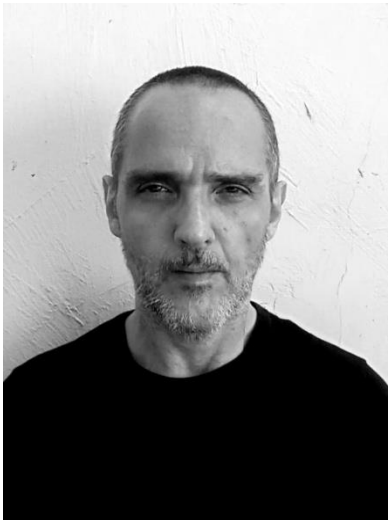
Uma barata apareceu na sala e nós, as crianças, inventamos uma brincadeira, uma espécie de queimada feita com uma bolinha de plástico, pequena, uma bolinha rígida que arremessávamos um contra o outro depois de darmos o grito, barata-tonta!

Meu irmão André engasgou com milho de pipoca.

Meu pai trocou nosso Dodge Polara por uma Caravan (tia Emma ficou com o Dodge).

Vieram-me à cabeça várias cenas, passadas ali naquela casa: uma cena em que eu arrancava a bengala do meu avô Haak e saía correndo, e que ele, bravo, gesticulava para eu devolvê-la, e que então eu ia me aproximando, sabendo que minha missão era devolver a bengala e conseguir fugir do meu avô, já que ele iria tentar agarrar minha mão e, se ele conseguisse fazer isso – conseguia muitas vezes –, ele iria esmagá-la com sua mão panzer, teutônica; uma cena em que minha avó Maria rodopiava com meu irmão André no colo e os dois caíam no chão, ali, no jardim da casa, e que eu achei engraçada a cena, pois os dois, minha avó e o André, começaram a chorar e eu achava que o André ficava com boca de Bactrim quando chorava e eu achava engraçado isso; perguntei para minha mãe se isso tinha acontecido mesmo, essa cena da queda do André e da vó Maria, e ela disse que sim, que foi isso mesmo, então minha mãe disse, nossa, Du, você tinha o quê, dois, três anos?, e depois disse, puxa, cada coisa que você lembra, sua memória é

SOBRE O AUTOR



Eduardo Haak nasceu em São Paulo, em 1971. É autor de *Tem uma coisa sobre mim que acho justo você saber* (2011), *Adulteração* (2017), *Apartamentos* (2018), *Memorando* (2020) e *Extensões* (2021).

Blog do autor